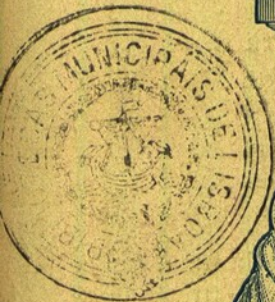


COMPRAR
ARR. 1940

SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA



SUMMARIO

PIAS BAPTISMAES PORTUGUEZAS—UMA VISITA Á BEIRA—UMA ANTIGA DEVOÇÃO—A TAÇA—MINUETE—ANTHROPOMETRIA CRIMINAL—O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ—A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL—A ALLIANÇA COM INGLATERRA—MOTES PROPHEPICOS—MODAS—VARIÉDADES.

VOL. III

DE MARÇO A ABRIL — 1903

NUM. 18

SUMMARIO

	Pag.
GOOD BYE SWEETHEART! (<i>Adeus, meu doce amor</i>). Quadro de MARCUS STONE	314
PIAS BAPTISMAES PORTUGUEZAS. — Por SOUSA VITERBO. — Com 4 <i>illustrações</i>	315
UMA VISITA Á BEIRA. — Por ANTONIO ENNES.	321
UMA ANTIGA DEVOÇÃO. — EPISODIO DE VIAGEM — Com 4 <i>illustrações</i>	327
A TAÇA. — <i>Soneto</i> . — Por AFFONSO GAYO	331
MINUETE. — MUSICA — Por J. B. LULLY.	332
O MINUETE. — Quadro de SCHUMTZLER.	334
ANTHROPOMETRIA CRIMINAL. — Por ANTONIO JULIO DO VALLE E SOUSA — Com 19 <i>illustrações</i>	335
O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — ROMANCE.— Com 1 <i>illustração</i>	350
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — (<i>Continuação</i>) — Por ALBRECHT HAUPT.— Com 10 <i>illustrações</i>	357
A ALLIANÇA COM INGLATERRA. — Por AUGUSTO RIBEIRO — Com 2 <i>illustrações</i>	361
MOTES PROPHETICOS. — Com 5 <i>illustrações</i>	371
MODAS. — Com 2 <i>illustrações</i>	375
VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIAS. — PROBLEMAS. — XADREZ.	41

49 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que também se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	}	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3\$000 réis**, moeda portugueza. Para e **Brazil** (moeda brasileira), **18\$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso **1\$500 réis** (moeda brasileira).

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo avultado de cobrança pelo correio; por isso se pede a *remessa directa* da importancia das assignaturas á **administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7.**

LOPES, LOURENÇO & C.^{TA}

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confeccões
para
homem
e
senhoras



Sortimento
completo
de
tecidos
de
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.^o

ESPARTILOS

Novos modelos

Exclusivo da CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA

ANTONIO JOSÉ CORREIA

Retratos em todos os tamanhos

PHOTOGRAPHIA UNIÃO

Toma-se conta de todos os trabalhos photographicos

Rua do Limoeiro, 10 e 10-A, LISBOA

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um csar (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coigny). — **Num. 11.**

Fatal entrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain). — **Num. 14.**

Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

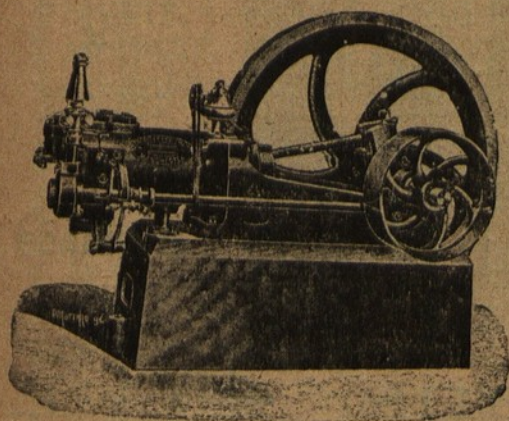
MOTORES A GAZ

CROSSLEY

TINTAS DE IMPRENSA

DE

CH. LORILLEUX & C.^a



Materiaes para typographia e lithographia

E. E. DE SOUSA

SUCCESSOR DE FIGUEIREDO

GRAVADOR DA CASA REAL



CASA FUNDADA EM 1819

Gravura em todos os generos e carimbos de borracha os mais aperfeçoados.—Variedade em prensas, sinetes, timbres, tintas de côres para carimbos e para marcar roupa.—Especialidade em bilhetes de visita impressos, lithographados e de chapa.

157, Rua Aurea, 159—98, Rua da victoria, 100, Lisboa

PASTILHAS PERFUMADAS

MARCA «SANO»

FABRÍCO APERFEIÇOADO

Réis 180, cada caixa de seis pastilhas

À VENDA SÓ NA

ANTIGA DROGARIA BARREIRA

105, RUA DE S. ROQUE, 107

LISBOA

CENTRO MODERNO

ALFAIATERIA

FERREIRA BRITO & C.^a

Fazendas Nacionaes e Estrangeiras

Rua da Prata, 174-176

LISBOA



TYPOGRAPHIA

EDUARDO ROZA

2.^a, Rua da Magdalena, 31 (Em frente da Rua dos Bacalhoeiros)

Impressos para o commercio, bancos, companhias e associações. Preços os mais resumidos de Lisboa. Execução rapida é nitida.

MOBILIAS Vendem-se de salas, quartos e casas de jantar.

PREÇO BARATO

82, Rua Nova da Trindade, 82

LOJA

«UTILIDADES»

180, RUA DO OURO, 182

LISBOA

Convem a todos examinar o especial sortimento e a modicidade dos preços d'esta casa

SELLAS

De todas as colonias, antigos e modernos, pagam-se por altos preços na antiga casa de Faustino A. Martins, Praça Luiz de Camões, 35, Lisboa.

N'esta mesma casa ha a colleção mais importante de bilhetes postaes illustrados, de Portugal, ao preço de 200 réis a duzia ou 17500 réis o cento.

Livraria do Telegrapho

Unica no districto da Horta

Recebe publicações á consignação. Faz propaganda de livros offerecidos, pois é editora do unico jornal diario do districto com larga circulação.

Dão-se referencias

MOBILIAS E ESTOFOS

MENDES & C.^a

221 a 227, RUA DA PRATA, loja e 1.º andar

LISBOA

Mobílias em diferentes generos.—Papeis pintados.—Estofos, cortinas, stores, galerias, espelhos, tapetes, oleados e todos os artigos para adornar casas.

Os **SERÕES** teem publicado as seguintes

MUSICAS PARA PIANO

Gavota, por AUGUSTO MACHADO. — Numero 1.

A Ressurreição de Christo, Oratoria, por D. LORENZO PEROSI. — Num. 2.

Rachel, Valsa, por LAURA ESCRICH. — Num. 3.

Folha d'Album, por OSCAR DA SILVA. — Num. 4.

Feiticeira, Valsa, por EDUARDO BOEYÉ DE PASCAL. — Num. 5.

O que dizem as ondas, Valsa, por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL. — Num. 6.

Meditação, Mazurka, por VISCONDESSA DE FARIA PINHO. — Num. 7.

Romanza, por A. BRINITA, (D. Maria Bravo). — Num. 8.

O Tição Negro, Serenada do 1.º acto, por AUGUSTO MACHADO. — Num. 10.

Dansons! Pas-de-quatre, por M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO. — Num. 11.

Rapsodia d'Agueda, (Musica popular) — Num. 12.

Le Ballet du Roy, Gavota, por LULLY. — Num. 13.

Gipsy, Valsa, por C. L. — Num. 14.

Maria da Gloria, Valsa, por CARLOS PINTO COELHO. — Num. 15.

Minuete, por J. P. RAMEAU — Num. 16.

Luisette, Valsa, por F. DE BORJA ARAUJO. — Num. 17.

Colchoaria e moveis de ferro

10, Largo do Rato, 11
ESTEVÃO DA SILVA

LOPES DE SEQUEIRA

CASA DE MODAS
Rua Ouro, 285 a 293, Lisboa

“A MODA”

João José Martins

MODAS E CONFECÇÕES

172, Rua do Ouro, 174

LISBOA



João Nunes de Carvalho COLCHOARIA

E MOVEIS DE FERRO

62, Rua do Loreto, 64 — Lisboa
(Esquina da Rua da Atalaya)

SATURIO PAIVA Cirurgião-dentista, pela Escola de Paris. Doenças da bocca. Collocação de dentes.

Rua de Santa Justa, 60, 2.º

(Esquina da rua Augusta)

NUNES & NUNES

GAMBIO E PAPEIS DE CREDITO

95, Rua do Ouro, 97



DAVID FONSECA & FONSECA

SUCCESSORES DE

A. C. ENCARNAÇÃO & C.^a

Premiados em diversas exposições



25. 27. Rua da Victoria, 29, 31 — Rua dos Correeiros (Vulgo T. da Palha), 74 a 96

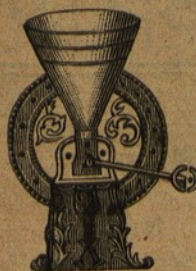


Enorme sortimento de balanças de todos os systemas, pesos de ferro e de latão, medidas de capacidade para seccos e para liquidos, craveiras para medir recrutas e todos os outros artigos de pesar e medir. Moinhos para café, pimenta, trigo, linhaca, cochonilha, alvaiaide, etc. Torraadores francezes a vapor para café, ditos nacionaes de diferentes tamanhos. Fogões para sala, ditos fogo circular e central paracozinha e accessorios para os mesmos.

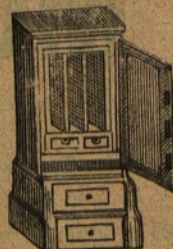


Cofres fortes de diferentes dimensões e Caixas para joias

Grande quantidade de prensas e seus accessorios para copiar



Abundante sortimento de louças esmaltada, estanhada e polida de ferro forjado e fundido para mesa e cozinha. Machinas para picar carne e para encher chouricos, ditas para extracto de carne e vegetaes. Talheres. Machinas francezas para assados, ditas para lavar, encher, rothar e capsular garrafas. Lavatorios, tinas e seus accessorios. Variado sortimento de objectos para escriptorio e para todo o genero de estabelecimentos commerciaes e repartições do estado. Ponsões e mais artigos para afferições municipaes. Prensas de socco e de alavanca, timbres rapidos e sinetes, etc., etc



Officina de serralheria para construcções e reparações

74, Rua dos Correeiros, 96 (Vulgo T. da Palha)

CASA FILIAL — Rua 24 de Julho, 538

N. B. — Não se responsabilizam pelos concertos depositados mais de 30 dias

ASPHALTO NACIONAL

DE

MARQUES & DOMINGUES

Encarrega-se de trabalhos em Lisboa e provincias

TRABALHOS GARANTIDOS

33, POÇO DO BORRATÉM, LISBOA

M. A. BRANCO & C.^a

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borracha — Typographia e lithographia — Bilhetes de visita.

Medalha de ouro, Paris, 1900.

Diploma de honra, Exposição de pomologia, Lisboa, 1900

CASA FUNDADA EM 1792

JERONIMO MARTINS & FILHO

FORNECEDORES DA CASA REAL

LOJA DE CHÁ

CHIADO, 17 E 19

ARMAZEM DE VIVERES

CHIADO, 13 E 15

Fornecedores de mantimentos para navios

Deposito de latas, caixas com fructas para exportação

Numero telephonic 221

Endereço telegraphico Viveres LISBOA



Unica casa creada em Lisboa para a venda de Louça das Caldas.

Premiada nas principaes exposições da Europa e da America. Rua da Victoria LISBOA

O Gato Preto



GOOD BYE SWEETHEART! (ADEUS, MEU DOCE AMOR)—QUADRO DE MARCUS STONE



Pias Baptismaes Portuguezas

OS MONUMENTOS e objectos artisticos e archeologicos, disseminados por todo o paiz, dariam logar a formar-se numerosas e variadas monographias, acompanhadas, já se vê, pelas respectivas estampas photographicas. A parte descriptiva é de subito apreço, complemento indispensavel de qualquer representação graphica, mas esta, quando reproduz o objecto com toda a nitidez e minudencia, leva vantagem áquella.

A photographia, quando executada por um bom operador, que, além dos conhecimentos technicos possua uma faisca do sentimento artistico, quasi que torna superfluo qualquer commentario: falla á vista; mette-se pelos olhos dentro, como vulgarmente se diz. Frei Luis de Sousa, que pintava com a pena, o musico da palavra, deixou-nos em estylo encantador o primoroso debuxo da Batalha, mas, entre o seu quadro stylistico e uma photogravura do visconde de Condeixa, creio que não ha que hesitar. No primeiro caso, impressiona-se mais o espirito; no segundo, suggestionam-se mais os sentidos, mas estes tambem se extasiam na contemplação do bello. E' sobretudo, quando se trata de fazer um estudo comparado, que a photographia se torna um auxiliar de primeira ordem, pela facilidade e rapidez, com que presta os elementos de analyse. Com isto não pretendo depreciar e muito menos annular a valia da descripção, que, em muitos casos, se nos impõe fatal e imperiosamente. Se a descripção, sem a estampa respectiva, é como um jornal de modas sem figurino e sem moldes, pelo seu lado a estampa precisa de um sopro vitalizador, que a transforme; de estatua muda de Pigmalião, na estatua que nos falle, que nos revele a historia d'esse organismo artistico que ella representa.

São importantes os serviços que devemos aos nossos photographos, mas é preciso dizer-se, sem a menor intenção offensiva, que elles são muitas vezes — áparte honrosas excepções — como os carneiros do rebanho de Panurge, enfiando sempre pelo mesmo atalho,

sem procurar veredas, que ainda não fossem trilhadas. Na ausencia de uma iniciativa arrojada e bem dirigida, não procuram variar de motivo e por isso é ainda grande a somma de objectos curiosos, que jazem sem ser revelados.

Falta-lhes até, o que mais admira, o espirito mercantil, pois estou persuadido que elles tirariam bons lucros, se formassem *albums* de collecções especiaes. Citarei um exemplo. Pois não teria extraordinaria procura um *album* que reproduzisse os primores da pintura portugueza? N'esta galeria poderiam entrar o *S. Pedro* e o *Calvario*, da Sé de Vizeu; o *Fons Vite*, da Misericordia do Porto; a *Madona*, da Ordem Terceira de S. Francisco, da mesma cidade; os quadros da sacristia e do thesouro de Santa Cruz de Coimbra; os quatro, do seculo xv, do corredor de S. Vicente de Fóra; os do arcaz e côro da Madre de Deus; os da igreja de Jesus, de Setubal; os de Evora; os de S. Bento e do Paraizo, que estão no Museu de Bellas Artes de Lisboa, etc.

Estas collecções poder-se-hiam formar por épocas e por escolas ou em miscellanea interessante, misturando o antigo com o moderno, os discipulos de Van Eyck e de Quintino Matsys com os de Miguel Angelo e Raphael. Não seria um livro d'esta natureza um bellissimo presente de festas pelo Natal, pelo Anno Bom e pela Paschoa?

Quantas outras series curiosissimas se não poderiam organizar! Imagine-se uma collecção dos nossos principaes claustros; uns rusticos e singelinhos, como o da igreja de Cedofeita; outros com os capiteis das suas columnas ornamentados de historias figuradas, como o de Chellas; uns de uma arcaria simples mas esbelta, como o de Santa Cruz de Coimbra; outros de uma imponencia magestosa, com as bandeiras dos seus arcos filigranadas, como o claustro real da Batalha; uns de uma fria mas bellissima disposição classica, como o impropriamente chamado dos Filippes, de Thomar; outros

enfim, exuberantes de fôrma e de ornatos graciosos, desabrochando n'uma florescencia de esculptura e de alegria, como o de Bellem, appellidado já como um dos mais bellos do mundo.

Outro grupo: o das fortalezas e castellos, umas remirando-se nas aguas, ondinas de pedra, como o Castello de Almorol e a Torre de S. Vicente, á entrada de Lisboa; outras erguendo-se no cimo das montanhas, com os seus velhos pannos de muralhas a desmorronar-se, com as suas altas torres de menagem, suspensas no ar como por encanto.

Os pelourinhos, os aqueductos, as fontes monumentaes, os cruzeiros, as alfaias do culto, as custodias, os calices, as cruzes, os paramentos, etc., dariam tambem um precioso contingente.

Para não estar só a prégar aos outros, para não ser o Frei Thomaz da phrase popular, aqui venho exemplificar a minha doutrina com uma especialidade, que me parece deveras interessante, não só pela sua feição artistica, mas tambem pela sua feição religiosa, vendo-se assim quanto estes dois elementos se travaram de alliança para um fim commum.

Os monumentos de que me vou occupar não são de todo desconhecidos, mas ainda não foram tratados em conjuncto, nem catalogados convenientemente, estando eu convencido que a sua lista augmentará de dia para dia á maneira que os curiosos forem dirigindo para aqui as suas attenções, o que, aliás, não tem sido feito até agora. Passarei pois a descrevel-os, sem que siga uma ordem

rigorosamente chronologica, por isso que nem a todos se lhes pôde fixar a data.

I— *Pia baptismal de D. Affonso Henriques.* A esta cabe, sem duvida, a primazia, não pelo seu valor artistico, que é nullo, mas pelo seu valor historico. Na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, logo á mão esquerda de quem entra, existe em um nicho cavado na parede e encerrado por uma grade, um tosco monumento, ao qual andam

ligados dois nomes venerandos, o de um santo e o de um guerreiro. E' a pia baptismal, em que o nosso primeiro monarcha recebeu as aguas redemptoras das mãos do arcebispo de Braga, S. Geraldo. O seu logar primitivo fôra na pequenina igreja de S. Miguel do Castello, d'onde foi trasladada no seculo XVII, segundo reza o seguinte letreiro: *Esta obra mandou fazer Dom Diogo Lobo da Silveira, indigno Prior d'esta Igreja, no anno do Senhor de 1664.* Outra inscripção diz ainda: *N'esta pia foy bautisado Eirey Dom Affonso Henriques pelo Arcebispo de Braga S. Giral-*



PIA BAPTISMAL DA SÉ DE BRAGA

do. E' para notar que se não indique o local donde foi feita a transferencia.

Não sei quaes os fundamentos da piedosa tradição, que todavia não repugna admittir. Que D. Affonso Henriques não deixou de receber o primeiro sacramento imposto pela igreja, pela qual elle tanto combateu, é isso um factio indiscutivel. Se foi S. Geraldo quem lh'o administrou; se foi ali, n'aquella grosseira pedra, que elle se redimiou do peccado original, eis o que resta talvez provar. Em todo o caso, nada se ganha em destruir a lenda, assim como nada se perde em a con-

servar. Fique-se em paz a crença patriótica! O rude e pequeno monolitho vem reproduzido a pag. 86 dos *Monumentos de Portugal*, de Vilhena Barbosa.

II — *Santo Adrião de Vizella*. Seria uma das mais antigas que se conhecem, se não offerecesse duvidas a maneira como o meu illustrado amigo, reverendo J. G. d'Oliveira Guimarães, digno abbade de Tagilde, interpreta a data da inscripção, attribuindo-a á era de 1110, isto é ao anno de 1072. E' de fôrma octogona sendo algumas das faces, as que estão á vista, ornamentadas de figuras, em posição de sustentar a pia. As outras quatro partes estão encostadas á parede e parecem lisas. E' um monumento que merece ser analysado e estudado com todo o escrupulo e minuciosidade. A egreja, apesar das suas muitas reconstrucções, ainda conserva o character architectonico d'aquellas antigas eras.

III — *Aldeia Galega d'aparda Mercena*. N'esta egreja existe uma pia baptismal com uma inscripção de que o meu amigo

Guilherme J. C. Henriques, o indefesso investigador do concelho de Alemquer, tirou um decalco, que leu da seguinte maneira :

ano domyny m. ccccc xx et octo yohanes prior ornauit eam.

IV — *Labruga*. Diz-me o sr. Luis de Figueiredo da Guerra, erudito escriptor de Vianna do Castello, que tem nota, nos seus apontamentos, da existencia de uma pia baptismal na freguezia de Labruga, concelho de Ponte de Lima, com uma inscripção, que se diz

pertencente ao seculo x. Sendo assim, é esta a mais antiga, de que ha conhecimento no nosso paiz. O sr. Guerra não sabe de outra, no districto de Vianna, que lhe pareça digna de menção.

V — *Sé de Braga*. E' de fôrma octogona e pôde dizer-se uma odesinha esculpida em pedra, em que está symbolisado o sacramento do baptismo. Na base lavrou o artista o martyrio das creanças condemnadas ao limbo pela macula do peccado original. Depois, ascensionalmente, vão-se desenhando as graças e beneficios, que ellas recebem pelas aguas redemptoras.

Diz Vilhena Barbosa que a materia prima d'esta peça é o granito, ao passo que o sr. Albano Bellino diz que é de pedra de Ançã. Apresentando eu a contradicção a este ultimo escriptor, affirmou-me elle que procedera a novo exame com um perito e que viera na confirmação de que a verdade estava da sua parte. Tanto um como outro a attribuem aos principios do seculo xvi, sendo obra mandada fazer pelo arcebispo D. Diogo



PIA BAPTISMAL DA SÉ NOVA DE COIMBRA

de Sousa, mas não corroboram documentalmente o seu acerto.

Ao sr. Albano Bellino devo o obsequio da reproducção photographica, que se dignou enviar-me.

VI — *Leça do Balio*. Quem segue a estrada do Porto a Braga, a distancia de uma legua d'aquella cidade, descobre do alto, erguendo-se no valle serpeado pelo Leça, a acastellada egreja que outr'ora pertencera á Ordem de Malta. E' uma das mais antigas casas religiosas do paiz, mas o templo actual já não é o primitivo, tendo sido completa-

mente reedificado por D. frei Estevão Vasques Pimentel, na primeira metade do século XIV (1344). Ha todavia dentro d'elle obras posteriores, como são o tumulo de frei João Coelho na capella de Nossa Senhora do Rosario ou do Ferro, como vulgarmente é conhecida, e a pia baptismal. Frei João Coelho falleceu em 1515, mas suppõe-se que mandára construir em vida o seu tumulo, assim como a pia baptismal e o elegante cruzeiro, que está no principio do caminho que conduz á igreja. Estas tres obras, pela uniformidade do estylo, vê-se que sahiram todas do cinzel do mesmo artista, *Diogo Pires o moço*, cujo nome se acha inscripto no tumulo. O escultor tinha officina em Coimbra e por isso não admira que a materia prima do seu trabalho fôsse a pedra de Ançã.

A pia é de fórma octogona, tendo em quatro das faces o escudo de frei João Coelho, que a mandou fabricar como diz o letreiro:

O prior do Crato dõ treijõ Coelho a mandou fazer.

Suppõe-se que a era esteja gravada na face encostada á parede, mas não será arriscado attribuil-a approximadamente a 1514, anno em que foi feito o cruzeiro. E' muito elegante e bem ornamentada.

Na mesma igreja, á entrada da porta travessa, existe uma pia de agua benta, que é da época e da procedencia da pia baptismal, tendo também as armas de frei João Coelho.

O reverendo Antonio do Carmo Velho de Barbosa, abbade de Leça do Balio publicou

no Porto em 1852 uma interessante memoria historica, em que descreve aquelle venerando edificio, narrando as vicissitudes por que passou, a qual é acompanhada de cinco estampas lithographadas, representando uma d'ellas a pia baptismal. O n.º 24 de *A Arte e a Natureza em Portugal* dá-nos d'ella uma excelente representação phototypica.

VII—*Sé Nova de Coimbra.*

D. Jorge de Almeida, fallecido em 1543, foi um dos bispos de Coimbra, que mais tempo governaram a sua diocese, pois a sua prelasia se estendeu por cêrca de 62 annos. Durante este longo periodo não se esqueceu de ornamentar a sua igreja, que ainda hoje apresenta valiosissimos vestigios da sua influencia e generosidade, tanto em architectura como em escultura, em ricos paramentos e alfaias. Essas obras, attendendo ao largo espaço em que foram executadas, ostentam diversos caracteres, sendo umas, como o primoroso re-



PIA BAPTISMAL DE S. JOÃO DE ALMEDINA

tabulo de madeira do altar-mór, em estylo gothico, outras do renascimento, outras em fim de transição. Entre essas obras conta-se a pia baptismal, que foi transferida para a Sé Nova, onde actualmente se encontra.

E' muito elegante, de fórma octogona, como a de Leça do Balio, e tendo como esta em quatro das faces, o escudo de quem a mandou executar. Nas outras, meninos nus tangendo instrumentos musicos, e por detrás d'elles uma fita em que se vê este distico de caracteres gothicos, excellentemente gravados: *Omnes sitientes venite ad aquas. Nequid*

nimis. No pé que sustenta a bacia está o seguinte letreiro de caracteres semelhantes: *P.º Arizez e seu irmão a fez.*

O dr. A. M. Simões de Castro publicou a pag. 13 do vol. x do *Archivo Pittoresco* um artigo, acompanhado de gravura, em que descreve minuciosamente este curioso objecto artistico, e no seu *Panorama photographico de Portugal* (vol. I, pag. 70), reproduzin também. Veja-se ainda, do mesmo auctor, *Portugal Pittoresco* artigo intitulado: *O bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida e a sua munificencia para com a sua cathedral.*

VIII — S. João de Almeida. A pia baptismal d'esta egreja, que é uma das mais notaveis, senão a mais notavel obra de arte n'este genero, passou ignorada dos entendidos até ha bem poucos annos, sendo reproduzida pela primeira vez, creio eu, em gravura, no tomo 4.º da *Historia de Portugal* de Manuel Pinheiro Chagas. (Lisboa, 1900).

Foi tambem mandada fazer pelo bispo D. Jorge de Almeida, como se prova pelos respectivos brazões d'armas. E' ricamente ornamentada desde a base até á extremidade superior ou borda, sobresaahindo os assumptos allusivos ao baptismo. Infelizmente não tem o nome do esculptor. O meu amigo Simões de Castro, a quem devo a copia photographica d'esta pia assim como da antecedente, julga-a posterior á da Sé Nova.

Ultimamente, depois dos trabalhos de restauração, executados em larga escala na Sé

Velha, foi removida para ali á pia de S. João de Almedina.

IX — *Santa Cruz de Coimbra*. No estylo do renascimento, de fórmulas correctas mas pouco ornamentada. Como a egreja de Santa Cruz, antes da extincção dos conventos, não era parochial, é de vêr que ella teria sido para ali transportada de outra parte, muito provavelmente da contigua e hoje profanada egreja de S. João de Santa Cruz, onde ainda se observa, na capella mór, um formosissimo tecto de pedra.

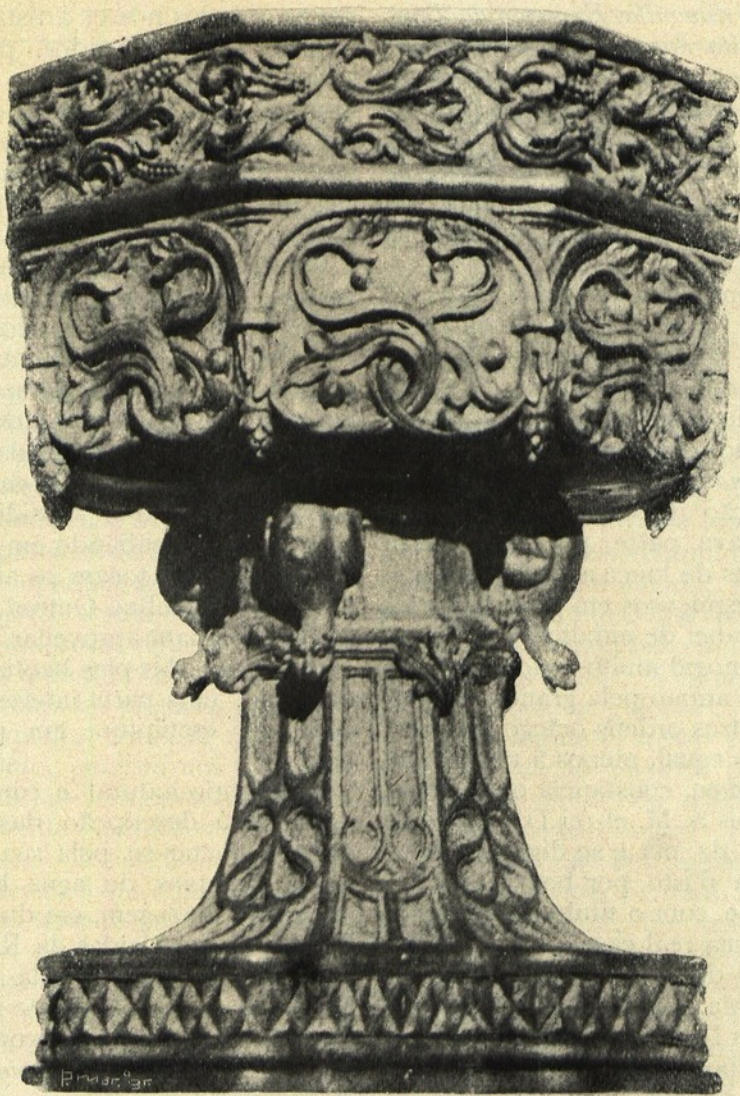
X — *Caldas da Rainha*. E' profusamente lavrada em laçaria, com algumas cabeças de animaes. O sr. Giner de los Rios, a pag. 182 da sua obra *Portugal — impresiones para servir de guia al viajero*, falla d'ella nos seguintes termos: «En el centro de esta capillita se halla la pila bautismal, preciosa joya del arte manuelino, de excelente gusto en su composición,

adornos y bichas; recuerda la de la cathedral vieja de Coimbra, más rica, pero trazada en el mismo género.»

A' entrada da porta principal ha uma pia de agua benta, no mesmo genero mas mais singela.

E' de crêr que a pia baptismal fôsse ainda mandada fazer pela rainha D. Leonor, fundadora do edificio.

Outro hespanhol D. Luis Vermell y Busquets, artista de alguma curiosidade, que viajou pelo nosso paiz, estacionando em varios sitios, fez uma reproducção em ponto



PIA BAPTISMAL DAS CALDAS DA RAINHA

pequeno, em pau de nogueira, da pia baptismal das Caldas, a qual foi adquirida por el-rei D. Fernando. Vermell, que se intitulava *o peregrino hespanhol*, publicou alguns opusculos no nosso paiz, e entre elles um assim denominado: *Origem do real hospital e da villa das Caldas da Rainha. Com mais alguma noticia interessante assim historica como archeologica, e tambem acerca da virtude das aguas mineraes da dita villa. Excerpto do Tomo VI da obra inedita das viagens de D. Luiz Vermell y Busquets (o peregrino hespanhol). Pintor e esculptor-entalhador da Real Casa de Sua Magestade o Senhor D. Fernando. Lisboa. Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes. Impressor da Casa Real, Rua dos Calafates 110, 1878. Ahi, a pag.^s 26 e 27, se lê o seguinte:*

«A pia baptismal feita em duas peças de pedra fina, é de fórma octogona e de composição bastante rara na collocação de quatro animaes chimericos: o seu ornato é muito e de transição do gosto ogival ao do renascimento, transição que constitue o n'este reino chamado *manuelino*. Esta pia fez-me entrar em tentação de copiar d'ella em relevo só uma oitava parte, para que n'esta villa os fabricantes de louça a reproduzissem, porém foram preguiçosos em fazer a forma, por cuja razão acabei de entalhar a pia toda, em madeira de nogal muito vistosa, no que soffri bastante de animo pela grande paciencia de lavar as tres ordens octogonas, cada ordem de ornato igual, menos a tampa que foi toda original meu, constancia que por fim foi premiada, pois S. M. el-rei D. Fernando gostou da copia da pia e se dignou adquiril-a, tendo além d'isto por bem n'esta occasião, honrar-me com o titulo de esculptor e entalhador da sua real casa.»

A reproducção de Luiz Vermell, de que dou a photographia, foi adquirida no leilão do espolio d'el-rei D. Fernando por José Gregorio da Silva Barbosa, já fallecido. Creio que seu filho ainda a possui.

XI — *S. Quintino de Mont' Agraço*. O baptisterio d'esta freguezia é abobadado, for-

radas as paredes com paineis de azulejo, representando o baptismo de Christo. Ao centro a pia baptismal lavrada, declarando no pé a data e o nome do esculptor, segundo se vê d'esta inscripção:

Esta é a pia baptismal onde se lava o peccado original, sendo Bernardo Fialho Vigarino em o anno de 1592, Simão Correia a fez.

Simão Correia é mais um nome a inscrever no rol dos nossos artistas.

Aqui ficam lançados, posto que provisoriamente, os lineamentos geraes para uma monographia d'esta especie de monumentos religiosos, que se distinguem do commum pela sua feição artistica ou historica. São poucos os numeros da lista, mas espero podel-os augmentar successivamente, á medida que fôr alongando as minhas investigações. Seja-me permitido observar que quem tiver um dia de fazer trabalho mais completo, não se deve limitar a dar a photographia dos objectos no seu conjuncto, mas tambem a reproduzir, destacando-as, as mais interessantes particularidades da ornamentação. Assim, por exemplo, fornecer-se-hia um importante subsidio para a historia da musica, desenhando em separado os instrumentos que tocam os anjos na pia da Sé Nova de Coimbra. Outros accidentes curiosos se poderiam aproveitar.

O estudo das pias baptismaes constituirá, de certo, uma parte interessante da historia geral da esculptura em pedra no nosso paiz.

Accessorio natural e complemento indispensavel á descripção das pias baptismaes deverá junctar-se, pela sua intima afinidade, a das pias de agua benta. Já toquei, muito de passagem, em duas, a de Leça do Balio e a das Caldas da Rainha. Na igreja do extincto convento da Madre de Deus ha tambem uma, bastante interessante, cujo desenho o leitor poderá consultar na valiosa e bem desenvolvida monographia, que o sr. Victor Ribeiro publicou recentemente sob o titulo de *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*.

SOUSA VITERBO.



Uma visita á Beira

POR ANTONIO ENNES

O homem que acudiu aos silvos afflictos do *Almirante* era o agente da Companhia de Moçambique em Neves Ferreira. Ouvindo da cama o chamamento do vapor, comprehendera a situação, e apressava-se em offerrecer aos viajantes desconhecidos que chegavam, primeiro o pharol que lhes mostrasse o porto, depois a sua obsequiosa hospitalidade.

Acceitamos essa hospitalidade porque o acampamento militar distava ainda do lugar do desembarque para dentro das terras, e ainda não dava signal de vida. Fomos recebidos n'uma grande casa tosca com aspecto de armazem, paredes de adobe, tecto de colmo onde a companhia guardava as suas mercadorias e alojava os seus empregados. E que recepção agasalhosa! Que jubilo dos nossos estômagos quando o hospedeiro nos annunciou que ia mandar preparar uma canja. Uma canja áquella hora da noite, em pleno sertão africano, pareceu-nos um milagre tal como nunca Jehovah operou outro em beneficio dos israelitas, perdidos no deserto! Acreditamos na civilização da Africa! Sentamos-nos debaixo d'um telheiro avarandado, na orla d'um terreiro ornado de bananeiras e povoado de palhotas. A' voz do dono da casa, espalhou-se n'esse terreno um afan hospitaleiro; cruzavam-se luzes, pretos saíram das portas cruzando os pannos e esfregando os olhos, cacarejavam gallinhas estranoitadas, fumegava o brazeiro, tintilavam louças. Hora e meia depois, ceivamos, encantados, reconfortados, e mandámos buscar ao nosso farnel de viajante uma garrafa de Champagne, para levantarmos saudosos brindes á patria!

Mais reparador do que a ceia foi ainda o somno da minha primeira noite passada no sertão.

Deram-me para alcova um compartimento da casa da companhia, que não realizava certamente o ideal europeu de alojamento confortavel. Era fechado por delgados tabiques que não chegavam á cobertura geral do edificio, e por cima d'elles vinham lufadas d'ar humido e voejavam morcegos, zangados com

a luz das velas; pelas fendas do taipal de canço que devia vedar uma janella passavam scintillações de estrellas; tropeçava-se nas asperezas do chão, de terra mal calcada; no reboco branco das paredes negrejavam mosquitos pousados á espera das victimas. Mas a industria do meu criado branco, bebado immerito mas que possuia habilidades de sertanejo, armou n'aquelle desabrigo, com uma cama de campo que levára n'um sacco, lençóes, sarrafos e cordeis, um sumptuoso leito defendido de ventos e insectos por um baldaquino e cortinados, espessos sim, mas impenetraveis á propria luz importuna! Como eu dormi bemaventuradamente n'aquella caranguejola! De manhã, surprehenderam-me dizendo-me que alta noite, os tigres e as quizumbas haviam feito uma matinada infernal nos arredores. Tinham ido talvez ao cheiro da ceia os gulosos!

No dia seguinte, fresco e repousado, sem uma recordação physica das canceiras da viagem, do banho de relento e torturas do estomago, visitei o lugar.

O terreno que entrou para a historia com o nome de Neves Ferreira, só deveu a notoriedade, que d'elle lhe veio, ás circumstancias modestas de estar situado no ponto em que o Pungue é navegavel desde a Beira na maxima estiagem, e de ser levantado sobre elle, não tanto que lhe não cheguem as aguas das grandes cheias, porem um pouco mais que o chão adjacente. Junto d'elle o rio descreve um arco de curto raio, que o contorna, e é quasi todo coberto de arvoredos e matto. O seu monumento vegetal é uma arvore gigante — creio que uma figueira brava, — erguida á beira do Pungue, que cobre de lado a lado com a sua espessa sombra quando o sol está baixo. O grande desaguadouro do planalto de Manica é ali profundo, sim, mas estreito no tempo secco.

O lugar não era povoado por indigenas antes das suas condições topographicas o designarem para estação de transito entre a Beira e Manica, e da Companhia de Moçambique o aproveitar para estabelecimento d'uma feitoria. Em frente d'ella, na outra

margem, é que havia uma aldeola. O feitor da Companhia, Madeira, vivia lá só, com os seus dependentes, e dizia-se que, em vez de attrahir, affugentava a população. Por elle e por o nome d'elle é que os negros da região conheciam a terra: ninguem lhes perguntasse por Neves Ferreira, porque nem idea mostravam ter de tal denominação geographica. *Madeira*, sim, sabiam que era um sitio mal afamado no sertão, onde um branco de barbas compridas, — diziam elles, — obrigava a gente que lhe caía debaixo da mão a carregar pesados motores, pagando-lhes pouco e castigando-os muito. Maldizentes accrescentavam que Madeira tinha engenhosos processos de explorar os negros, até com apparencias de os beneficiar. A certo serviçal déra elle um casaco do seu uso, em recompensa de tarefa extraordinaria, mas advertira-o de que lhe dava o casaco, e não os botões, e que por cada um que perdesse lhe seriam descontados uns tantos réis no salario. Como o homem era descuidado e estava podre o fio com que muitos annos antes fôra cosida a abotoadura, o sordido andrajo depois de dado, rendeu uns descontos mais do que o seu valor.

A feitoria encarregava-se da expedição por terra das mercadorias que subiam pelo Pungue com destino ao interior, das correspondencias e communicações entre esse interior e a Beira, e, alem d'isso estava fornecida d'alguns generos de consumo mais usual no matto, que vendia a retalho a europeus e a indigenas, e, d'entre os europeus tanto a portuguezes como inglezes. Tambem dava hospedagem, mais ou menos generosa aos viajantes, e com a mesma neutralidade politica com que commerciava. Antes de mim, tinha ella alojado, — não menos obsequiosamente, de certo, — uma ranchada de damas inglezas que a pé se haviam mettido ao caminho de Salisbury, para lá exercerem, junto dos seus patricios, uma missão de caridade.

O destacamento do corpo expedicionario havia-se installado a certa distancia da residencia do Madeira, n'um pedaço de chão plano, recuado da margem do rio. A posição fôra escolhida com bom criterio hygienista, e o acampamento formára-se de barracas de palha, dispostas com uma ordem que envergonhava a feira militar da Beira. Essas barracas, muito mais commodas e saudaveis do que as de lona tinham sido armadas, por carregadores das margens do Zambeze, e algumas eram verdadeiros primores de construcção sertaneja. Tinham alpendres, varandins, columnatas, *marcheses*, decorações exteriores, tudo feito com os simples materiaes que o matto offerencia, troncos e ramos d'ar-

vores por descascar, bambus, canniço, palha secca enfeixada com filamentos de plantas. Fariam bôa figura em jardins europeus aquelles *chalets* de architectura variada e vivia-se n'elles confortavelmente, tão abrigado de chuvas como isolado dos ardores do sol.

Uma grande barraca Tollet servia de hospital, completada pelos necessarios annexos, e estava quasi despovoada. O estado sanitario era — em agosto — absolutamente consolador, para o que contribuia, certamente, o regimen hygienico do acampamento, muito vantajado ao que vigorava no areial do Chiveve. Tambem lá os soldados estavam ociosos; mas alem de não pernoitarem debaixo de lona quente e humida tinham largo espaço de chão solido para n'elle se moverem, e eram melhor alimentados. Tambem não caçavam para não serem victimas de desastres da caça; mas caçadores indigenas contractados forneciam frequentemente ao rancho bôa carne de bufalo, de zebra, de gazellas, dos variadissimos antilopes que vagueiam no paiz. Por isso tambem estava mais alto o seu nivel moral, que o dos camaradas que guardavam o porto. Até tinham um aspecto contente.

Além do acampamento e da casa da Companhia, nada mais havia em Neves Ferreira, e nos terrenos circumvizinhos, a não serem algumas choças e ramadas de carregadores e serviçaes indigenas, e alguns abaracamentos de mineiros portuguezes, ali estacionados á espera de conducção para a Beira ou para Massikessi.

A cêrca de meio kilometro da feitoria reconheciam-se ainda vestigios, encontrava-se espolio d'um malfadado empreendimento, com que um inglez, mais ou menos suggestionado pela *South-Africa*, tentára regularizar as communicações do planalto do interior com o litoral. Esse leviano fura-vidas transportára do Natal até a Beira pelo Pungue acima — imagine-se com que despeza e trabalho! — uma grande manada de bois de carga, destinados á tracção de vehiculos de passageiros e cargas, e conseguira desembarcal-os em Neves Ferreira, quasi ás costas de negros. Ahi quedára-se muito tempo obrigado não sei por que transtornos, e com a demora perdêra quasi todo o gado, comquanto não conste que a *tzé-tzé* se adiante ali tão perto do litoral. Morreram uns bois de doença talvez devido á mudança do clima, outros de fome, alguns escorregando nas ribanceiras do rio onde tentavam beber, não poucos victimados pela brutalidade dos conductores, que pareciam interessados em acabar com as canceiras da conducção. Pou-

cos ficaram para irem deixar os ossos mais longe. Parece que nem ficaram juntas' que puxassem uma pesada carreta, de construcção semelhante ás que usam os boers, porque lá a vi ainda abandonada.

Esta vizinhança de tanto gado bovino proporcionou a Neves Ferreira os sobresaltos d'um perigo e as ufancias d'um triumpho. A região, sendo como um grande parque de caça grossa, é naturalmente infestada ainda por leões e tigres nas cercanias dos povoados. Alguns officiaes da expedição lá tiveram de consolar a dôr d'um patriarcha indigena a quem um leão dilacerára a filha, e, que, por signal, attribuindo a feitiço a crueldade da fera, buscava o feiticeiro para o matar.

Ora, tantos bois reunidos e parados tentaram naturalmente as gulas d'esses bandidos do sertão, e Neves Ferreira começou a ter as noites inquietadas por rugidos pavorosos, que davam máus sonhos aos seus hospedes, apenas defendidos de garras e dentes carnivoros por taipaes de capim ou de lona. Apareceu, porem, um mineiro, portuguez, que debellou o panico. Emboscado n'uma arvore, em noites claras, esperou as feras, e d'uma vez matou um bello leão, de outra uma leoa e o seu cachorro, que naturalmente andavam buscando o chefe de familia desaparecido.

Nos primeiros tempos Neves Ferreira pouco lucrou com a maior frequencia dos caminhos de Manica, porque os inglezes suscitarem-lhe um rival. Por capricho de nos darem quináus e tambem por desejo de organizarem estações de transito, mas em terrenos ainda não occupados por portuguezes, assentaram de si para si que o cáes interior do Pungue devia ser mais acima, em Mapanda, e fizeram d'essa localidade testa da sua linha terrestre de communicações. Foi um erro que lhes custou muitas vidas. Mapanda é uma acanhada corôa d'areia no meio d'um grande pantano, e nem dá mais facilidades do que Neves Ferreira para embarque e desembarque, porque, naturalmente, o rio empobrece lá mais cedo do que junto da antiga feitoria da Companhia de Moçambique, localizada, evidentemente, por quem tinha estudado bem o paiz.

Fosse o lugar bom ou máu, desde que estava sendo frequentado e n'elle se esboçava um nucleo de povoação, entendera-se acertadamente, que era necessario fazel-o guardar e policíar por forças portuguezas. Para lá se mandára, pois, um destacamento do Corpo expedicionario.

Visitamol-o tambem.

De Neves Ferreira a Mapanda medeiam

por terra, cêrca de 8 kilometros. Para a jornada entre os dois lugares aproveita-se parte do primeiro—e unico,—lanço d'uma estrada que as nossas autoridades tinham mandado abrir para Manica por Sarmiento e Chimoio, e que ficára em principio. Estrada é um modo de dizer. A obra reduzira-se a cortar o arvoredado e limpar o matto rasteiro n'uma faixa de terreno chato e lizo, e a atravessar madeiros e collocar pedregulhos, como passadeiras, nos leitos dos ribeiros e mucurros. Por essa especie de aceiro nos mettemos n'uma manhã serena e clara, tendo feito programma de voltar a Neves Ferreira, á hora do almoço; mas os programmas de jornada em Africa, cumprem-se tão pouco como os programmas politicos em Portugal, porque os transtorna sempre a força do imprevisto. A poucos metros andados quebrouse-me acima da cabeça a canna da machila, e, emquanto se ia buscar outra fui andando a pé, e a pé completei a marcha, já com o sol a prumo, porque a prolongaram mais do que a extensão, as asperezas do terreno a percorrer e as distracções e paragens a que convidava a natureza que nos envolvia.

O paiz não é pitoresco. Nem terrivel nem aprazivel. Uma planicie estendida a perder de vista, limitada a um lado por sombras azuladas de serras, d'outro por macissos empastados de vegetação. Arvores isoladas, ou em pequenos grupos, ou em espessas mattas manchando de sombras um chão amarello de matto secco, zebreado ou mosqueado de verduras, que assignalavam charcos ou fios d'agua mal enxutos. Debaixo dos pés uma terra areenta e solta, ou então um lodo secco e gretado, em que tinham ficado impressas as ondulações das aguas das cheias. Nem uma povoação, nem uma palhota perdidas, nem um vestigio humano. A passagem da quizumba assignalada a cada passo por monticulos de fezes brancas como cal. Por mais d'uma vez os negros acorados, fallaceando gritavam: *pandoso! pandoso!* julgando distinguir pégadas de leão. Tal era o scenario durante kilometros continuos; mas d'um a outro lado do caminho, o campo vasto e descoberto era animado por uma fauna prodigiosa, variada, corpulenta, como o proprio Nemrod talvez jamais visse junto nas planicies nunca batidas da Assyria.

— Que vultos negros são aquelles que lá vão correndo ao longo d'aquelles bosques d'accacias?

— Bufalos, senhor! respondiam os carregadores.

Emquanto um de nós chamava as attentões para uma recua de zebras que, com o chefe á frente, pescoços estendidos, olhavam

para nós, desconfiados, d'entre um matto rasteiro, outro assignalava d'outra parte, animaes amarellas, de chifres erectos, que fugiam sobre o areial e se escondiam n'uma moita. Espalhamos-nos por fóra do caminho, como atiradores dispersos, fazendo fogo um tanto ao acáso.

Um grupo de quatro mirus, do tamanho de bêzerras, pareceram querer cortar-nos a estrada; os tiros dispersaram-n'os, correram estonteados para aqui e acolá, um endireitou carreira para nós na desorientação do terror, ferido retrocedeu buscando abrigo n'um tufo d'arvoredo, fômos sobre elle, fugiu, fugiu, até cahir longe, com tres balas Kropatchek no corpo e uma mão partida pelo projectil d'uma Wenchester. N'um relance, os negros degolaram-n'ò abriam-n'ò, esfolaram-n'ò, esquartejaram-n'ò, e as suas carnes esfarrapadas e sangrentas carregaram tres homens.

Que terra para caçadores! Merece bem que os *sportmen* do Cabo e até os d'Inglaterra naveguem e jornadeiem milhares de milhas para baterem aquelle immenso parque de caça grossa, em concorrência e ás vezes em luta aberta com o leão e o tigre. Que infinita variedade de formosas cabeças, para tropheus cygeneticos, e até para museus zoologicos pode ali juntar o atirador esperto que se sujeite ás inclemencias do sertão! Mas cautela com o bufalo! Já por lá tem feito mais victimas talvez, do que as feras classicas que quasi sempre fogem do homem. Em Africa o famoso rei dos desertos é covarde como um gozo; o bufalo perseguido é perigosamente intrepido. Ainda ha pouco, nos arredores de Massikessi, um d'esses animaes foi protagonista d'uma tragedia medonha. Ferido a tiro por dois caçadores, um inglez e outro portuguez, investiu com elles, esfarapou um, o inglez, e amachucou o outro, depois caiu morto, e vingado sobre os corpos dos seus assaltantes. O negro caça o bufalo, sim, mas pondo-se fóra do alcance das suas arremetidas terriveis, de cima d'uma arvore, detrás d'uns penedos.

Andados alguns kilometros deixamos a estrada, e mettemos por meio d'um campo coberto de esteva alta, de altura d'homem, que parecia uma grande ceara secca de trigo sem espiga. Não nos viamos uns aos outros. A palha flagellava-nos os rostos e cortava as mãos com que a afastavamos. Andámos, andámos, até se nos atravessar deante dos passos um profundo valle; e de entre duas ribanceiras asperosas e pedregosas, sobre um fundo de lodo escuro e mal cheiroso, corria para o Pungue um filete d'agua amarella. Descemos os taludes e trepamos agarrandonos a ramos de arvores e pennachos de jun-

cos, passámos a agua, pé aqui, pé alem, sobre pedregulhos limosos, e depois de galgar uma encosta arenosa semeada de moitas rasteiras e amarellecidas, achamos-nos em Mapanda, afadigados e tressuantes sim, mas enrijecidos pelo exercicio ao ar livre. Em Africa é que na realidade parar é morrer, tanto physica como politicamente. A terra pareceria ingleza se não estivesse lá o destacamento com a bandeira nacional arvorada deante das casas que lhe serviam de quartéis. Pareceria ingleza até pelo movimento. Não se assentára n'ella uma povoação fixa e regular, mas estabelecêra-se um como acampamento, formado de elementos persistentes e de elementos ephemeros, uns que esperavam, outros que só paravam, barracas de madeira e zinco, solidamente cravadas no solo, que se podiam desarmar e mudar, tendas conicas de lona levantadas para abrigo d'uma noite, pilhas de caixas e barricadas que aguardavam consumidores e outras que aguardavam só carregadores, material de estação e material em transitio, arrumação de armazens e desarmumação de caes, e trabucando por entre as cargas e os alojamentos, homens robustos, de peito branco a crestar-se pela abertura da camisa desabotoada no pescoço. N'uma lombada que descia para os juncaes e o mangal da beira pantanosa do rio pompeavam casarões e telheiros pintados de fresco, que deviam servir de estação e depositos d'uma companhia de viação, e lá estavam tambem os vehiculos que a impulso das juntas de bois, que tinham morrido em Neves Ferreira, haviam de rodar por montes e valles até Chimoio e Massikessi. Eram umas bellas diligencias, fechadas e envidraçadas, com sua imperial de fôfas almofadas, luzentes de verniz, que annunciavam a sua civilizadora missão em vistosas taboetas, cujas grandes letras douradas diziam *The river Pungue to Manica*. Que melhor, mais commodo e mais luxuoso transporte, se poderia desejar para um sertão invio? Só lhes faltava rodarem; infelizmente não tinham rodado nunca, mais do que do rio até ali, a braços de negros. Não faziam serviço; estavam a estalar ao sol, ameaçava-as a muchem. Apenas se lhes aproveitava a sombra, para leito mudavel de carregadores esfalfados.

Tambem havia um hotel, pois que Mapanda era uma terra civilizada, por condão do genio britannico, no dizer dos jornaes do Natal. Uma grande barraca de taboado accumulava, de feito, esse mister previdente com o de casa de pasto e de loja de todas as cousas vendaveis no matto. O que se via d'este estabelecimento luzia de aceio e frescor, e era fama que servia tenros bifes de

bufalo e grilhava na perfeição costellets de gazella. Nas alcovas havia regalos e garridices imprevisas: camas com cabeceiras de metal douradas, toucados para mosquiteiros de virginal alvura, espelinhos de vidro burilados, até utensilios intimos que surprehenderiam a maioria dos nossos hospedeiros da provincia.

Mas faltava tambem alguma cousa n'aquella pousada que tão nobremente aspirava ao *comfortable* britannico, faltava freguezia. Os donos começavam a desanimar; mais dia menos dia carregavam com a casa para outro sitio.

O cozinheiro, um bello allemão que fallava francez, pôz para ali, em confidencia conosco, os infortunios dos patrões. *C'est une sale affaire, messieurs, une sale affaire!* Não passava ninguem. Algum aventureiro que apparecia, subindo ou descendo, dormia no chão e comia um punhado d'arroz cozido. *Une sale affaire, monsieur!* Alguns queriam comer, sim, mas dado de esmola. Os generos chegavam por um preço doido; o calor estragava-os. *Sale affaire! Sale affaire!* Depois, o clima era uma peste. Em vez de restaurant era preciso um hospital. *Quel sale affaire! Sacré nom!*

O allemão não exaggerava. Apesar de ter chegado na vespera o vapor da Beira, o *Agnes*, não havia um só forasteiro no hotel. Meia duzia d'elles que tinham desembarcado estavam abrigados em barracas de lona e em casunchos de madeira tosca, semelhantes aos dos nossos guardas de obras publicas, e cozinhavam ao ar livre, sobre uns cavacos accesos, quaesquer drogas de latas. O unico commercio prospero da casa era a venda de *brandy*, do *whisky* e da cerveja. Como na Beira, o areial estava juncado de garrafas e botijas vasiaas. Iam negros de muitas milhas em derredor, provêr-se ali d'esses utensilios altamente cotados e apreciados pela economia domestica dos indigenas. Longe dos povoados, uma garrafa é um *saguete*, ainda que não esteja cheia.

Na desordem dura d'aquella arena de *struggle for life*, n'aquella tosco arraial de cobiça e rapina, armado no meio d'uma natureza inclemente, tivemos a fortuna de descobrir uma nota meiga e sentimental. Sentados n'um banco de pau á porta do quartel espraivamos a vista pelo campo inundado de sol, tão quente que fazia ondular a atmosfera e fumegar a terra, quando nos pareceu distinguir, lá para baixo, perto do rio, n'um terreno verde pejado de madeiras, uns vultos leves de côres vivas, correndo por entre as moitas que as encobriam a espaços e soltando na carreira vozes de timbre fresco e

inflexões alegres, que a aragem nos transmitia. Mulheres, creanças ali! Fomos vêr de perto. Uma senhora ingleza, ainda nova, vestida com um *jersey* vermelho e uma saia de xadrez escuro, largo chapéu de palha pousado sobre as tranças louras, ralhava, n'uma risonha colera materna, com dois *babies*, de poucos annos, que fugiam deante d'ella, provocando-a com girandolas de gargalhadas limpidas, a apanhal-as na carreira e nos saltos. Aquellas tres creaturas que assim folgavam á beira d'uma valla que exhalava morte, eram a familia d'um *prospector* britannico, que se fôra encontrar com elle para o acompanhar a Manica! Hesitamos entre o enternecimento e a indignação. Deviamos venerar a esposa visivelmente meiga que se expunha aos pratos e baldões d'uma viagem bárbara para retemperar a coragem laboriosa do esposo com os carinhos do seu amor, ou odiar a mãe egoista que não soltava os filhos dos braços nem quando se aventurava, mal segura no cairel d'um abysmo? Que ferocidades tem ás vezes a ternura! Pobres creanças! Tivemos desejos de as roubar. O que seria feito d'ellas, poucos mezes volvidos, das rosas d'aquelles rostinhos nedios, do brilho humido dos seus olhos azues, do riso expansivo dos seus labios vermelhos?

Provavelmente jazeriam mirrados esqueletos, na terra a que o pae queria arrancar ouro para lhes dourar o futuro. Ouro e gemmas lhes daria elle, a essa terra crúa, o ouro das cabelleiras annelladas dos filhinhos, as perolas das suas lagrimas de dôr e de remorsos, choradas sobre as sepulturas cavadas com a cobiçosa picareta de mineiro, bem fundo, bem fundo, na rocha viva, para que as não revolvessem garras de hyenas! Desditosas creanças! Maldita febre do ouro!

Ao passo que a raça britannica se fazia representar em Mapanda até pelas suas tenras vergontees, portuguezes só lá haviam os soldados e os officiaes do destacamento, postos de guarda ao trabalho estrangeiro. Viviam em bons termos com os seus vizinhos, e estavam conformados. Tinham alojamento sadio, e rancho variado pela fortuna da caça. A barraca do commandante, o tenente Barros, foi a nossa estação de descanso; sentados em barris e em cepos comemos *sandwiches* de bufalo assado, que o appetite nos fez parecer tenro e saboroso. N'esta refeição como na visita á terra, foi-nos companheiro uma personagem do paiz, o seu chefe indigena, o regulo de Mapanda, que, encruzado no chão á porta da barraca, — dentro d'ella enfrascal-a-hia em catinga, — roia os ossos que resistiam aos dentes da nossa fome, e escorropichava dando palmadas de reconhe-

cimento os restos do carrascão expedicionário que deixavamos nos copos.

Era elle um negralhão da altura d'um zimborio, musculoso, de carapinha e barbi-cha já polvilhados de branco. Nunca vi soberania mais desataviada do que a sua! talvez por presumpção das formas athleticas, só d'ellas occultava á contemplação dos subditos o que só se pode encobrir com uma suja tanga de algodão crú.

Andava porém constantemente escoltado por um *secretario*, typo acabado de velhaco, mais adornado do que o amo e adornado com uma sabia imparcialidade internacional porque a portuguezara o thorax com uma fardeta velha de soldado de infantaria I, e britannizara a cabeça encaixando n'ella um velho feltro atirado ao lixo por algum *pioneer* da *South-Africa*. As relações entre os dois trunfos inseparaveis davam idea de que em Mapanda o poder e os seus gosos estavam equitativamente e fraternalmente repartidos entre a realeza e a aristocrácia, porque o regulo não comia nem bebia o que lhe davamos sem fazer partilhas com o secretario, e até um cigarro que lhe offerecemos foi fumado por ambos, chupão um chupão outro, com perfeita egualdade.

Evidentemente a governança d'aquellas terras não era muito laboriosa porque os seus dois chefes faziam vida de andar por ali a espreitar onde se comia, para cobrar um tributo de sobejos, não imposto com os sobrecechos do fisco europeu, antes angariado com mesuras e rapa pés. O secretario entendia e balbuciava portuguez, e por meio d'elle aviriguámos a *politica* do regulo. Essa

politica prestava homenagem ao *cartaxo* de Portugal e ao *gin* de Inglaterra, mas só reconhecia realmente a soberania do Gungunhana.

O Mapanda tinha um medo supersticioso, infantil do potentado de Gaza, apesar de viver dezenas e dezenas de leguas arredado d'elle. Querendo nós photographal-o, não consentiu — o que não obstou a que o apanhassemos com um *kodak* — allegando que o Gungunhana podia castigal-o. Sendo-lhe observado que os portuguezes não consentiriam que o grande chefe lhe fizesse mal, desatou a sir chocarreiramente, desdenhosamente, parecendo-lhe comica a nossa presumpção de poder protegel-o contra as iras do seu terrivel suzerano. Tal é a fama que elle tem, tal é o terror que as suas armas espalham, em todo o sertão da Beira até o Zambeze!

O temor do Gungunhana, que prohibia ao Mapanda o prazer vaidoso de se retratar, não o dissuadia, porém, de se embebedar, comquanto o filho de Muzilla tenha certas pretensões a considerar a embriaguez como um privilegio de sua soberania. Era uma esponja insaciavel. Quando o deixámos, mandamol-o ir a Neves Ferreira receber um *saguete*, porque não tinhamos ido prevenidos para encontros com magnates indigenas, mas elle não appareceu lá. Chegou a pôr-se a caminho, mas ia tão mal firmado nas pernas que caiu n'um barranco e ficou a dormir.

No dia seguida a este passeio embarcámos em Neves Ferreira de regresso á Beira, ao meio dia para aproveitar a vazante.

(Continúa).



UMA ANTIGA DEVOÇÃO

É de sua essência tão melindroso e susceptível o sentimento da confiança que até aquella que a ingenua piedade deposita na intervenção divina mais directa, definida e affirmada pelas devoções especiaes, soffre variações de intensidade com o decorrer dos tempos ou perde a adhesão das almas simples. Parece até — Deus nos perdõe — que a moda ou a egoista commodidade influem poderosamente no favor e na concorrência que sustentam os lugares de devota peregrinação. Este que aqui se descreve e cuja estranha paisagem deslumbra, é exemplo d'aquella inconstancia.

No sudoeste da França, entre o largo valle onde voltêam ridentes as aguas do Dordonha, e aquelle outro em que o Lot descreve as suas longas sinuosidades, estende-se e eleva-se um grande e arido *plateau* — planicie de penhascoso aspecto, crivada de buracos e de cavernas profundas — monotono, triste, de vegetação escassa, apenas aqui e acolá um definhado carvalho, um pallido vidoeiro ou a espaços uns cachos de tomilho bravo e de urze. Estranho *plateau* este, sob cujo solo passam correntes de rios que podem ser vistos com risco de vida, descendo pelas fendas ás fundas cavernas, trezentos pés de profundidade aproximadamente.

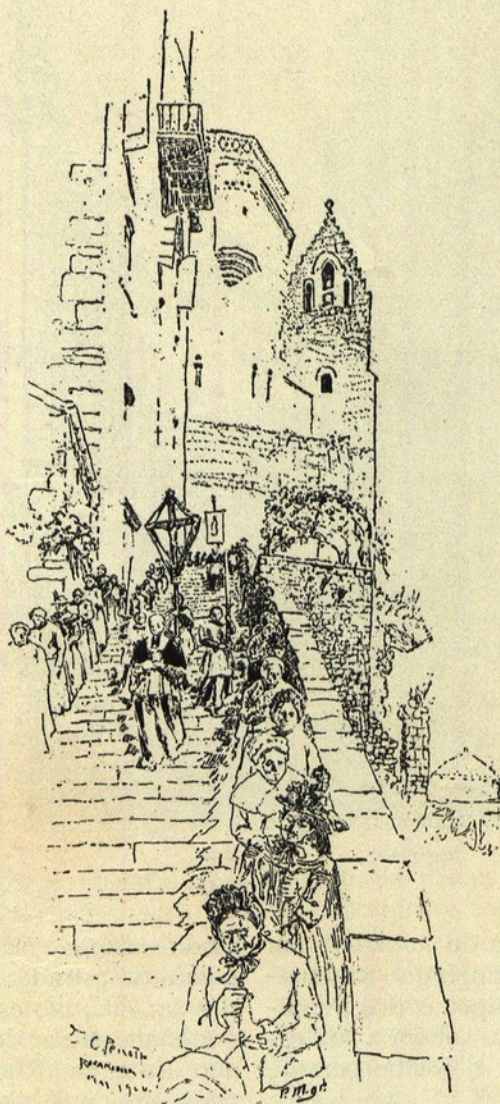
Chama-se esta penhascosa e inculta região o Causse de Gramat. E' quasi completamente ermo: alguma rara habitação humana, aqui

um pequeno casal, mais além uma primitiva aldêa, o terreno de valor nullo ou infimo. Sente-se ou antes soffre-se do silencio deserto; apenas pelas tardes, aquella serenidade é interrompida por um longo e longinquo ruido, surdo e continuo, estranho como o proprio paiz, plangente, dolorido, que produz o movimento de innumerados rebanhos de carneiros pretos, de lãs fartas como jubas de leões, recolhendo das pastagens escassas de grossa e curta herva, e tangendo pelo balanceo rythmico dos pescoços o *eskillo* — um pezado e rachado chovalho de som selvagem e singular, ou innumerados pequenos guisos afinados n'uma variada gamma chromatica.

E' illimitado o horizonte do Causse. Encontra-se de vez em quando um *dolmen* que nos faz pensar, á medida que vão cahindo as sombras da noite, se ainda apparecerão por ali aquelles velhos druidas de longas barbas brancas, a offerecerem á luz pallida da lua os seus sacrificios sinistros, cantando psalms de tragica glorificação.

Repentinamente, de surpresa para quem vac atravessando aquelle deserto, entreabre-se um abysmo a seus pés — uma enorme brecha nos rochedos de granito, e um quadro sem paralelo se apresenta aos olhos maravilhados. Longe e para

baixo avista-se um valle sombrio e verdejante de macia relva, arborisado de sycómos e de faias — o silencioso valle de



Rocamadour, tão profundo e tão estreito que nos seus verdes campos só penetra o sol do meio dia, ao mesmo tempo que as arvores crescem altas e delgadas no supremo esforço de receberem os raios de luz que lhes dê vida.

E' quasi indizível o effeito da transição rápida, da surpresa produzida por este desconhecido oasis, depois de percorridas as extensões áridas e pedregosas do alto Causse.

Um rio, o despenhado Alzon, retorce as suas longas curvas por entre o valle ridente, desaparecendo por momentos detrás de sarças espessas, para apparecer de novo mais longe perto dos altos choupos e dos elegantes vidoeiros. Mas grandes rochedos escarpados cercam este encantador eden, e um d'elles aprumado, enorme, agudo, maior do que todos os outros, volta para o sol nascente a sua face cicatrizada e atrevida.

Meio caminho acima, os seus rebordos escabrosos sustentam uma massa de alvenaria, quadrada, amêada, com telhados de ardosias — mais uma fortaleza do que uma igreja — o eremiterio de St. Amadour. Nenhum silvo agudo da loco-

motiva, nenhuma caravana de *touristes* vem quebrar o silencio d'este longinquo sanctuario, que hoje é conhecido apenas dos humildes camponezes que ainda sobem a sua escada santa e vêem dobrar o joelho perante a imagem da Virgem.

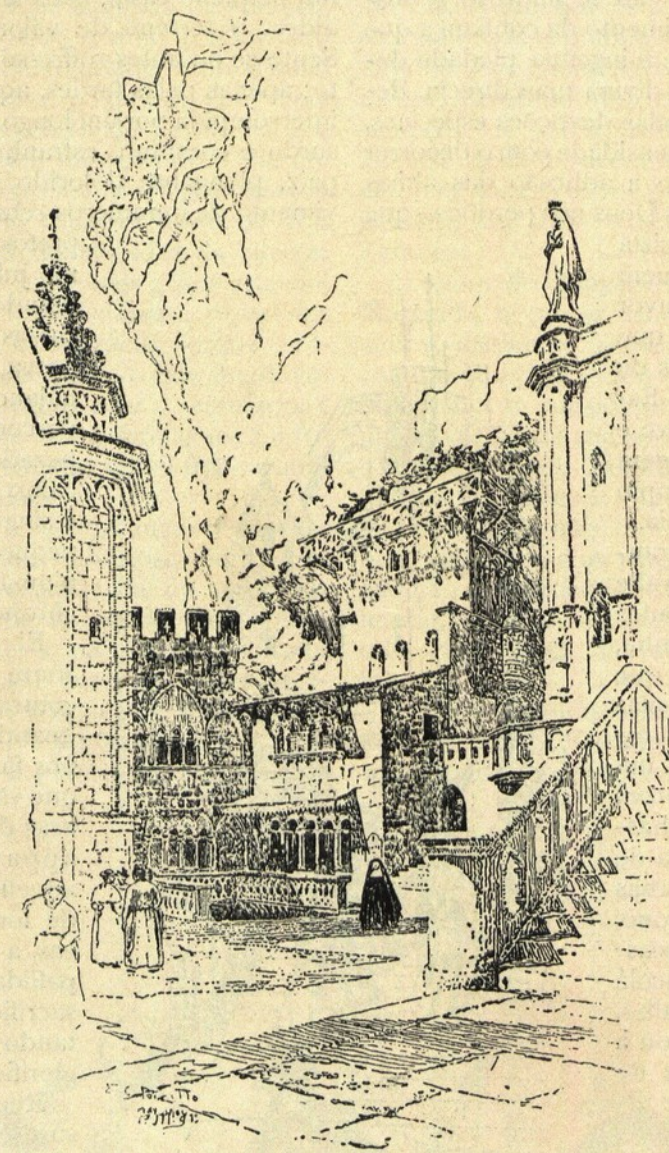
Tal é Rocamadour, a mais antiga e outr'ora a mais venerada peregrinação de toda a França, visitada pelo proprio rei São Luis e por muitos outros seus successores. Por elles fo-

ram enriquecidos os altares e construidas as capellas, e milhares de peregrinos vieram procurar o favor divino dos seus milagres. Porém as épocas subsequentes apagaram a antiga gloria e fama, não obstante mesmo hoje, em nossos dias, muito esforço se ter empregado em lhe restaurar a antiga grandeza.

Uma comprida e sinuosa estrada desce gradualmente desde o nivel do elevado *plateau* até a pequena villa que abraça os grandes penhascos, os

quaes servem de alicerces á construcção audaciosa do sanctuario. Um enorme sycómoro, cuja base é cercada por largo assento de pedra e cujos ramos esparsos abrigam uma cruz de pedra coberta de musgo, delimita o termo da estrada. N'este pequeno terreiro ou largo, que ainda domina o valle, os camponezes reúnem-se nas tardes frescas, quando as montanhas sobranceiras lançam para muito além, no espaço, a sua grande sombra, alongada, gigantea. Aqui, tambem, está estabelecido o ferrador, com o seu banco sob um alpendre, trabalhando no paciente ferrar dos bois inquietos. Entra-se na villa, por um antigo portão de fortificação chapeado de ferro, um dos quatro que

ainda existem e se encontram no prolongamento da estrada; depois entra-se na unica rua da villa, tão estreita que dois carros não poderiam passar de par, necessidade que se não sente em Rocamadour! Algumas lojas pequenas, uma especie de botequim, duas hospedarias confortaveis é tudo quanto contribue para toda a vida da pequena villa. A meio caminho, entre as duas portas de ferro exteriores, eleva-se uma larga escadaria

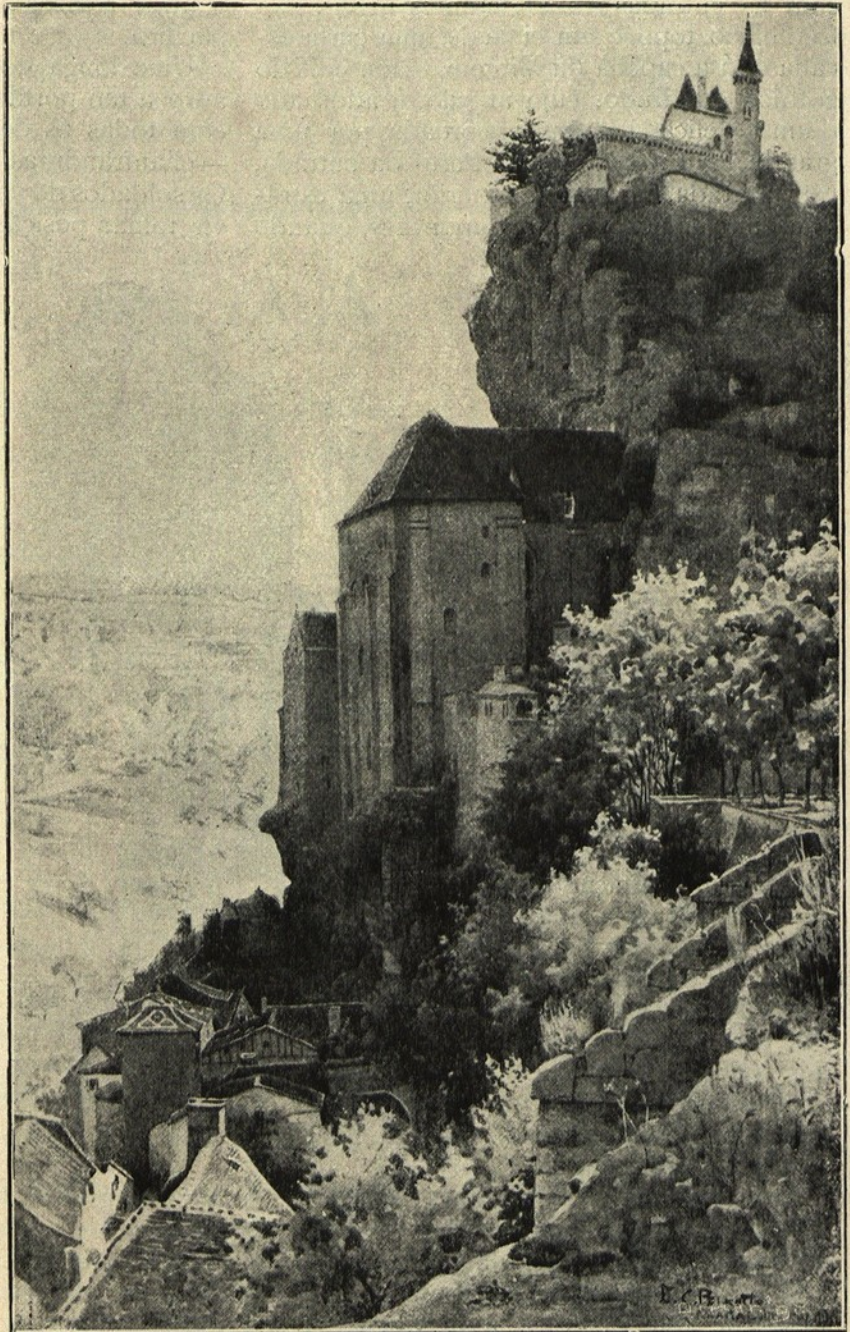


de pedra, que conduz aos santuarios. Muitos penitentes, em cumprimento de afflictivas promessas, sobem todos estes duzentos degraus de joelhos, resando uma *Ave-Maria* em cada genuflexão. Tivemos ensejo de vêr um grupo de seis, cinco mulheres e um homem, cumprindo esta piedosa devoção; as mulheres de joelhos, mas o homem, muito velho e entorpecido, mal podia conservar-se de pé e acompanhá-las nos responsos.

N'uma volta, ao cimo das escadas, passa-se por entre fileiras de pequenas lojas onde se vendem recordações e lembranças devidamente benzidas. Está-se então de frente de um grande portal gothico, e em frente um grupo de mendigos. Uma dupla porta de carvalho massiço, guarnecido de enormes pregos de cabeça larga, e de tiras de ferro lavrado, abre e dá accessõ a uma segunda escada que afunila o seu tração pelas escuras abobadas de uma das maiores construcções. As vendedoras de rosarios e crucifixos sentam-se nos degraus, fazendo trabalhos de malha ou conversando com os visitantes. Uma explosão de luz e um despontar de céu azul sobre as nossas cabeças: eis-nos no adro, rodeado de capellas por todos os lados.

Antes das dez, ouve-se um côro de sinos, alegres a repicar e a repercutir eccos nos despidos penhascos. Os sinos, de notas graves, dos santuarios são afinados pelas notas mais altas e sonoras do carrilhão do convento das freiras. As irmãs em longas vestes negras descem a estreita vereda, as mulheres na aldêa largam o trabalho e começam a trepar os grandes degraus, passando pelos dedos em contagem escrupulosa as contas dos seus rosarios. Os mendigos tomam os seus lugares habituaes, estadeiam cartazes ao pescoço ou fazem ti-

nir uma moeda de cobre nas marmitas de folha, quando passa algum visitante. Os sinos vão tangendo e os rochedos suspensos re-



soam e devolvem os sons n'uma complexa reflexão que os repete de quebrada em quebrada. As camponezas com as suas toucas brancas, alquebradas pela idade, velhos de blusas azues curtas, raparigas com as suas toucas enfeitadas de fitas multicolores, padres com longas batinas negras, e as religiosas com os seus véus a fluctuar, entram pela porta aberta do santuario e desaparecem na escuridão.

O bedel, no seu esplendido costume de escarlate e oiro, passeia para trás e para

diante na balaustrada superior—isolada sentinella de paz.

Primeiro, uma vista d'olhos ás capellas do adro que formam um rectangulo irregular, com as entradas em diferentes niveis. Em frente, no topo e em cima de uma curta escada está a capella da Virgem,— um edificio gothico quadrado, cujo angulo é adornado d'uma delicada *tourelle*, côroada por uma grande figura da Virgem. Perto da entrada, está pintada, na parede exterior, uma estranha dança macabra. Os camponezes, quando d'ella se abeiram; tiram os chapéus e entoam um velho cantico muito original. Os asperos rochedos de granito formam toda a parede occidental da capella da Virgem e por esta parede fóra ardem velas de todos os tamanhos, votivas offertas dos peregrinos. O interior é pleno de mysterio, estranhamente afeiado pelas irregularidades dos rochedos denteados. As decorações augmentam o effeito mystico—rico e carregado em côr, com muita ornamentação e dourados. Mais acima do altar, resguardada como reliquia, sob um docel de bronze dourado, está a estatua milagrosa da Virgem e do Menino Jesus, magnificamente vestida, e dizem ter sido cinzelada no primeiro seculo da era christã.

Uma pequena porta d'esta capella dá accesso á igreja de São Salvador, o grande edificio quadrangular que tanta curiosidade desperta, quando visto a distancia. O seu interior é grandiosamente espaçoso e decorado com recordações das visitas de muitas personagens reaes—S. Luis, Carlos IV, Luis XI, e outros. Por baixo d'esta igreja, cortada no rochedo, está a capella de Santo Amador.

Agora as vozes na igreja unem-se n'uma antiphona; as portas abrem-se de novo de par em par, e o povo sae formando grupos no adro.

As comadres da aldêa contam-se as novas do dia, e commentam-nas; as irmãs religiosas dizem alguma palavra de conforto aos

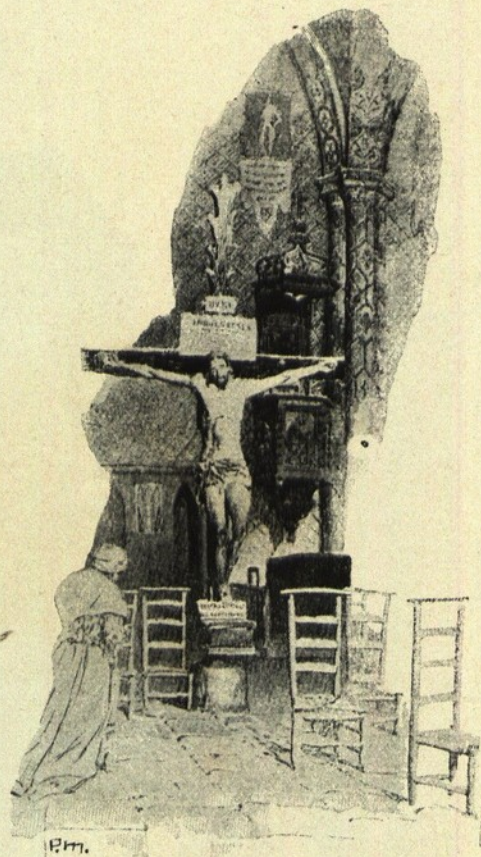
que d'ellas se acercam em queixas intimas, os padres capellães passam rapidamente ou seguidos d'um ou outro visitante que lhes veio recommendado. E em breve, pouco a pouco, o lugar retorna á sua costumada quietação pacifica.

Uma longa e escura passagem conduz do adro a um portão, poderosamente reforçado com todas as defesas da arte militar feudal—chanfraduras, seteiras, pontes levadiças. Os soldados do velho castello podiam outr'ora vir tomar posição junto d'este, por meio de um caminho de mais de duzentos degraus, cortados nos rochedos e sem serem vistos pelo inimigo. Podiam, portanto, dar auxilio em defesa dos sanctuarios e dos seus thesouros durante as grandes guerras da Edade Media, quando infamavam o paiz inteiro bandos de salteadores ou de soldadesca indisciplinada e revolta. Hoje as escadas são utilizadas somente pelos padres, quando descem do mosteiro, munidos de lanternas, para repetir as matinas ou as vespas.

Na frente do grande portão, eleva-se o caminho da cruz, longo, em zigue-zague; em cada volta, uma das quatorze estações, em pequenas capellas; e na extremidade, no

topo do grande penhasco, ergue-se uma enorme cruz de madeira.

Na subida attinge-se o nivel do velho castello, actual residencia dos capellães, e recentemente remodelada. Comtudo conserva ainda a sua antiga torre quadrangular e as ameias. Pode subir-se a estas e ir pelo *chemin de ronde*, admirar o magnifico panorama. Em tres lados da torre alcança a vista as ondulações do interminavel Causse, deserto sobre deserto, cortado aqui e ali por longas linhas de entrincheiramentos de granito. Porém a quarta face da torre de menagem olha para a medonha altura sobre o valle. Sente-se estranha sensação, apenas comparavel á experimentada por quem um dia assomou ao lado pendente da Torre inclinada de Pisa. Causa vertigens quando o olhar aprofunda muito



ao longe, em baixo, os telhados das pequenas casas, ainda em telha hespanhola, e o fertil valle vae serpeando por entre margens escarpadas como um rio brando e verde, desaparecendo ora para este ora para oeste, no seu rapido e sinuoso curso. Aqui nas ameias, vem irresistivelmente á memoria os fastos dos tempos idos quando a espada dominava, e a defesa da vida levava a construir aquelles so-

berbos ninhos de aguia, dependurados d'um abysmo. Agora reina a paz da consciencia; o sol já não accende centelhas nas laminas das espadas ou no aço das armaduras reluzentes, e ao desaparecer á noute, por detrás do *plateau*, sem terrores sinistros, desdobra sobre o valle, como manto de agasalho e caricia de guarda solícito, a sua longa sombra niveladora, que tudo funde na treva...

A TAÇA

Eil-a ahi vae boiando a minha taça
 Vazia do licor dos meus affectos,
 Porque a tocaram labios desinquiets
 Das ondas espumantes da Desgraça!

Antes de ir dar ao mar a lua a abraça
 Num vago olhar de sonhos incompletos,
 E os salgueiros do rio formam tectos
 Verdes de esp'rança a ciciar-lhe:—Passa!

Ribeiro abaixo, ás vezes, um raminho
 Enleia-se-lhe ao pé, mas, em seguida,
 Torna a corrente a abrir o seu caminho!

Pobre da minha taça denegrída,
 Ahi vae ella—doida, em remoinho, —
 Enxuta a atravessar o mar da Vida!

AFFONSO GAYO.



MINUETE

por J. B. Lally

Moderato assai

PIANO

p

stacc.

Maringho Jr.

M. van Steen-bes.

Lully 2^a

First system of musical notation. Treble clef, key signature of one sharp (F#), and 4/4 time signature. The right hand begins with a whole note chord, followed by a series of eighth notes. The left hand plays a steady eighth-note accompaniment. A dynamic marking of *f* (forte) is present in the second measure.

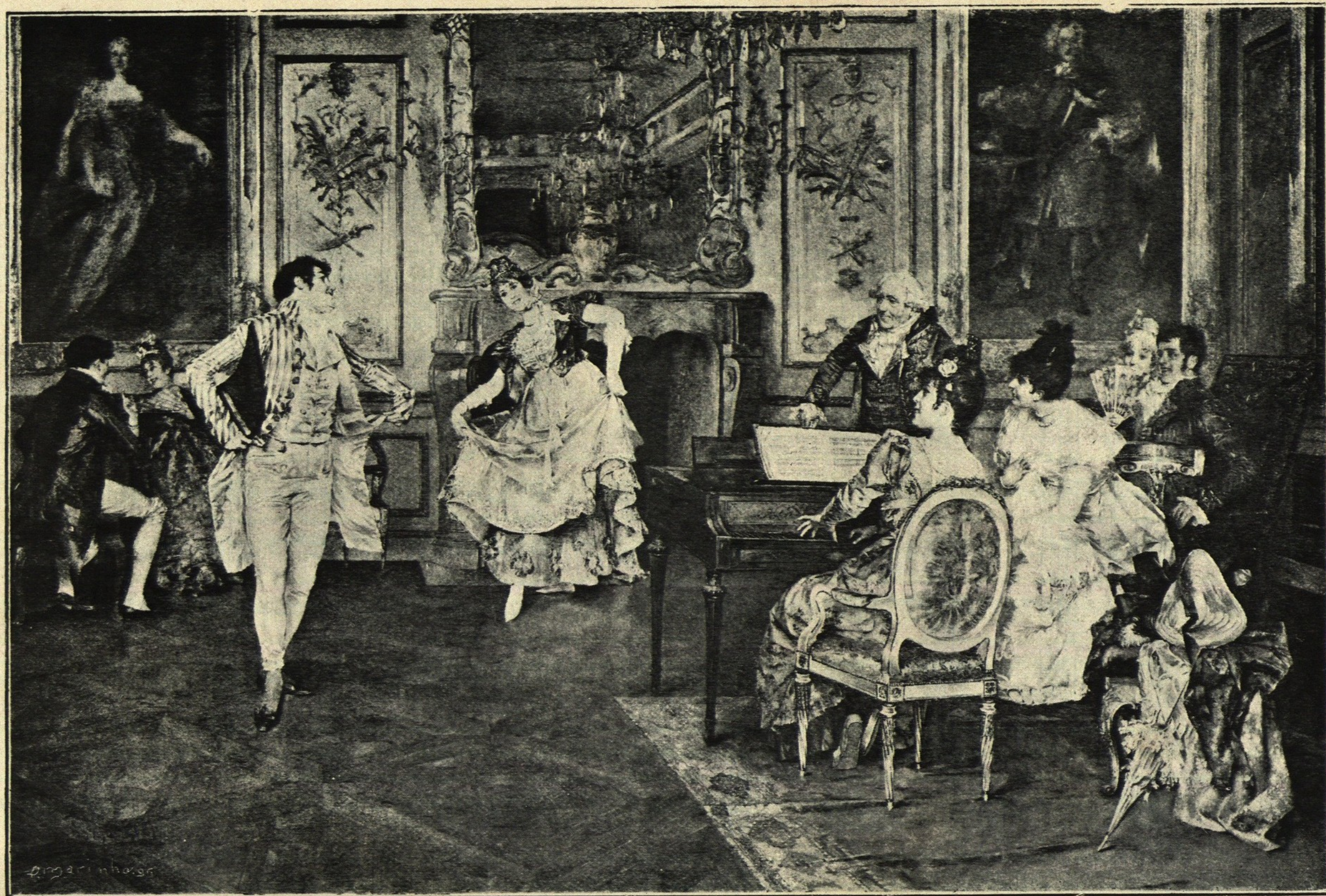
Second system of musical notation. The right hand continues with eighth-note patterns, featuring a dynamic marking of *p* (piano) in the second measure. The left hand maintains its accompaniment.

Third system of musical notation. The right hand features a triplet of eighth notes in the third measure. The left hand has a dynamic marking of *cresc.* (crescendo) in the second measure. The system concludes with a 3/4 time signature change.

Fourth system of musical notation. The right hand has a dynamic marking of *p* in the second measure. The left hand has a dynamic marking of *stacc.* (staccato) in the second measure. The system ends with a double bar line.

Fifth system of musical notation. The right hand features a 1/4 time signature change in the second measure. The left hand continues with its accompaniment.

Sixth system of musical notation. The right hand has a dynamic marking of *scand.* (scandalo) in the second measure. The system concludes with a double bar line.



O MINUETE — QUADRO DE SCHMUTZLER



CADEIA DA RELAÇÃO DO PORTO, ONDE ESTÁ INSTALLADO O POSTO ANTHROPOMETRICO

Anthropometria Criminal

NA SEGUNDA metade do seculo XIX avigora-se a anthropologia, uma sciencia moderna que no seu inicio era apenas constituída dos escriptos de medicos e de naturalistas, mas que em breve se firmou em bases solidas, tomando nos ultimos annos um desenvolvimento notavel e derramando grande luz na solução dos problemas em que se empenham outras sciencias.

O seu movimento tão extraordinario lá fóra, tem sido diminuto em Portugal, onde apenas lhe rende culto uma restricta, posto que valiosa phalange de homens de sciencia, em que se destaca com um enorme brilho o nome do eminente anthropologista sr. conselheiro Bernardino Machado, que rege com notavel proficiencia a cadeira de anthropologia na Universidade e a quem se deve a constituição da Sociedade de Anthropologia de Coimbra, em 1897.

Para incitar e desenvolver a anthropologia e sciencias accessorias pouco se tem feito em o nosso paiz, se excluirmos os magnificos trabalhos do gabinete annexo á cadeira de

anthropologia na Universidade, que são de uma importancia capital; os emprendidos e levados a cabo por alguns benemeritos que tem consagrado a sua existencia ás explorações archeologicas, colligindo os resultados d'essas pesquisas em importantes museus provinciaes; e as investigações ethnographicas que tem sido realizadas por homens entusiastas e emprendedores. O museu ethnologico de Lisboa e o de Coimbra constituem tambem um apreciavel melhoramento.

O restricto desenvolvimento dos estudos anthropologicos em Portugal é posto em destaque pelo talentoso lente da Universidade sr. dr. Alvaro José da Silva Basto, no seu bello livro *Indices cephalicos dos Portuguezes*, no qual, tractando da necessidade instante da criação d'uma sociedade d'anthropologia, se refere á constituição da Sociedade d'Anthropologia de Coimbra, a que já alludimos.

Um dos ramos d'esta sciencia que se applica especialmente aos criminosos, conta

alguns progressos em Portugal e promete ser fecundo em resultados praticos.

A anthropologia criminal, nascida e cultivada principalmente na Italia, e cujo verdadeiro creador foi Cesare Lombroso ¹ com a publicação em 1871 da primeira edição de *L'Uomo delinquente* veio modificar profundamente o direito penal.

A sua marcha tem sido lenta mas segura, e se o caminho lhe foi preparado por Broca, lançando os fundamentos da anthropologia, por Esquirol et Morel, creando por assim dizer a psychiatria, de que Pinel estabeleceu os lineamentos, e por Orfila e Tardieu, estudando a medicina legal, o brilho que a reveste deve-o ao grande criminalista que precisou a idéa do *criminoso-nato*, desenhando o seu typo por meio de estudos tão pacientes como engenhosos, e a Garofalo, Moreau de Tours, Laségne, Morel, Dailly, Maudsley, Fabret, Despine, Morselli, Ottolenghi, Marro, Puglia, Sergi, Laschi, Virgilio, Frigerio e tantos outros.

A obra do mestre foi completada por Eurico Ferri, um dos mais ardentes partidarios da escola lombrosiana, o qual no seu entusiasmo pela nova sciencia escreve: «se o congresso de Roma

em 1885 foi o *baptismo* da anthropologia criminal e da escola positiva, o congresso de Paris em 1889 foi a sua *confirmação*» ².

Em Hespanha occupam-se de anthropologia criminal o professor Salillas e o director da *Revista d'Anthropologia criminal* Alvarez Taladriz.

Em Portugal um dos mais brilhantes cultores é o dr. Antonio Ferreira Augusto que em diversos trabalhos entre os quaes *Bibliotheca de Criminologia*, — 1.º — *Postos Anthropometricos* e *Revista d'Anthropologia criminal*, tem affirmado o seu robusto intellecto e a sua dedicação pela sciencia, e a quem se deve a vulgarisação em o nosso paiz do systema de Bertillon, pois foi este illustre magistrado o primeiro que advogou na *Revista dos Tribunaes* a criação, nas cadeias, dos postos anthropometricos, tão reclamados pelo estudo da anthropologia criminal, policial e serviço dos tribunaes.



CONS.º DR. ARTHUR A. DE CAMPOS HENRIQUES
Ministro da Justiça. (Desenho do sr. Valle e Souza)

trado o primeiro que advogou na *Revista dos Tribunaes* a criação, nas cadeias, dos postos



D. FRANCISCO DE ALMADA E MENDONÇA
Celebre Corregedor do Porto. — Busto em bronze
(Desenho do sr. Valle e Souza)

O regulamento das cadeias civis de 21 de setembro de 1901, que deu existencia efectiva aos postos anthropometricos, foi um relevantissimo serviço prestado ás nossas instituições prisionaes pelo nobre ministro da justiça sr. conselheiro Arthur Alberto de Campos Henri-

¹ De Lombroso escreve Tarde:

«Ce chercheur enthousiaste, malgré son absence de méthode, malgré son insuffisance de critique et cette complication désordonnée de faits hétérogènes, malgré ce penchant à prendre pour la

preuve d'une règle une accumulation d'exceptions, enfin malgré cette précipitation nerveuse de jugement et cette obsession d'idées fixes, je veux dire d'idées filantes, qui se remarquent dans tous ses écrits, et que sa fougue entraînant, sa richesse d'aperçus, son ingéniosité originale ne par-

ques que continua brilhantemente a gloriosa tradição que anda ligada ao seu nome, engrandecendo na pasta da justiça a sua privilegiada inteiligencia que já tão notavelmente se salientára na das obras publicas, onde revelára eminentes qualidades de estadista e espirito emprehendedor e entusiasta pelas questões de mais alcance para o fomento nacional.

O sr. conselheiro Campos Henriques, tem-se interessado fervorosamente pelos assumptos judi- ciosarios, como o revelam as importantes providencias e melhoramentos que introduziu a ainda ultimamente em a nossa legislação, e um dos diplomas que mais honram o illustre estadista é o decreto de 21 de setembro de 1901, estatuindo, no seu art. 77.º, que «haverá nas cadeias um posto anthropometrico destinado não só ao estudo da anthropologia criminal, mas tambem a auxiliar os serviços policial e dos tribunaes na verificação exacta, tanto quanto possivel, da identidade dos individuos que n'ellas derem entrada, ou forem detidos pelas auctoridades administrativas ou policiaes.»

Vinculando brilhantemente o seu prestigioso nome á historia da anthropometria criminal em Portugal, o illustre ministro collocou o nosso paiz a par d'outras nações, que reconhecendo as vantagens e efficacia do

methodo d'identificação anthropometrica de Bertillon para o descobrimento dos reincidentes e dos frequentadores *habitués* das ca-

deias, estabeleceram as suas repartições d'anthropometria, que deviam ser installadas em todas as nações do mundo como o reconhecem entusiasticamente os mais importantes criminalistas, prisionistas e congressos.

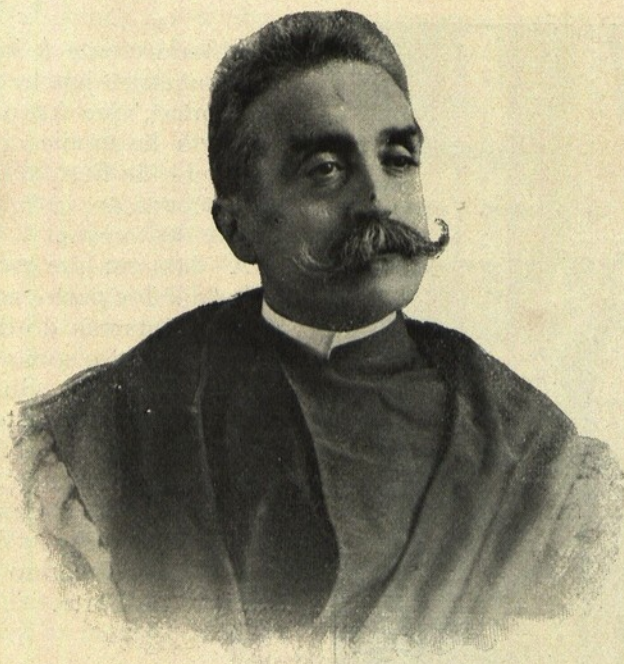
Em 1885 reuniuse em Roma o primeiro congresso de anthropologia criminal em que o illustre inventor do methodo d'identificação anthropometrica, Alphonse Bertillon, apresentou o seu brilhante relatório; e o congresso discutindo-o,³

foi de parecer que tão engenhoso systema devia ser implantado em todas as nações, não sendo possivel executar-se praticamente

uma lei sobre reincidencias sem a criação dos postos anthropometricos.

O segundo congresso d'anthropologia criminal pronuncia-se tambem a tal respeito como se vê das suas *Actes* ²; e o terceiro congresso d'anthropologia criminal, celebrado em Bruxellas em 1892, em seguida a uma notavel discussão, que poz em relevo o emprego que na anthropometria podem ter algumas novas applicações de estudos anthropologicos, como o

minucioso exame dos dedos, reconheceu a utilidade do methodo de Bertillon, quanto



DR. ANTONIO FERREIRA AUGUSTO
Procurador Regio junto da Relação do Porto



ALPHONSE BERTILLON (Desenho do sr. Valle e Sousa)

viennent pas à faire oublier, ce novateur passionné a réussi à faire école.»

² *Archivio di Psichiatria*, o órgão periodico da *nuova scuola*, vol. 10, fasc. V.

as suas operações teem de extremamente simples e de infallivel, e votou a favor da sua implantação, desejando «*ver adoptar e desen-*

seja o detido, definindo-se a curso trecho a sua situação juridica e garantindo efficazmente a segurança individual.



MEDIDA EM PÉ DA ESTATURA

*volver em todos os paizes o systema dos signaes anthropometricos, não sómente para melhor se conhecer a identidade dos reincidentes, mas tambem para a verificação exacta e rapida da identidade pessoal.»*³

É o bello relatório sobre serviços anthropometricos apresentado no mesmo congresso por Ryckere⁴, affirmava que «a internacionalização do serviço anthropometrico está destinada a prestar muitos serviços. Devemos desejar que a sua realisação seja rapida: o serviço anthropometrico apenas produzirá o seu *maximum* de utilidade quando todas as nações o tiverem adoptado».

A implantação do systema de Bertillon em Portugal tornará mais proficuas as investigações da justiça, reduzindo extremamente o numero dos reincidentes e dos que frequentam habitualmente as prisões, averiguando-se o mais depressa possivel a identidade de um individuo que tenha usurpado um nome que não lhe pertence ou que pretenda encobrir a sua personalidade, por mais astuto que

¹ Actes, pag. 151.

² Actes du Deuxieme Congrès, Paris, agosto, de 1889, pag. 36.

³ Actes, pag. 97, 443 e 481.

⁴ Actes, pag. 100.

• • •

Anteriormente á installação do posto anthropometrico juncto das cadeias da Relação do Porto¹, que foi o primeiro montado no paiz em harmonia com as prescripções do methodo de Bertillon, não havia entre nós uma repartição, onde se determinasse a identidade dos presos.

A' data em que escrevemos, porém, estão já installados postos anthropometricos em diversas comarcas do districto judicial da Relação do Porto, como Villa do Conde, Santo Thyroso, Barcellos, Guimarães, Paços de Ferreira, Vianna do Castello, Pinhel, Trancoso, Fafe, Villa Pouca d'Aguiar, e estando para breve a sua installação em Coimbra, Penafiel, Arcos-de-Val-de-Vez, Gouveia, Aveiro, Bragança, Vimioso e Vizeu, esperando-se que fiquem funcionando em trinta comarcas da Relação do Porto.



COMPRIMENTO DOS BRAÇOS ABERTOS EM CRUZ

A installação d'estes postos deve-se á robusta iniciativa do illustre procurador régio junto d'aquella Relação sr. dr. Antonio Fer-

¹ Está installado n'uma antiga dependencia da secretaria do edificio da cadeia da relação que se deve ao celebre corregedor do Porto, D. Francisco d'Almada e Mendonça, que em janeiro de 1765 fez lançar a primeira pedra para a

reira Augusto que, como já frizámos, é o mais ardente e benemerito apostolo do methodo de Bertillon em Portugal e um dos mais autorisados jurisconsultos nacionaes que tem consagrado ao cultivo da sciencia o seu vigoroso talento, consumindo a sua existencia no estudo das questões que interessam a criminologia, de sua mais predilecta eleição, e entregando-se n'uma constante e amorosa meditação ao estudo dos criminosos e dos serviços de cadeias, em que o sr. dr. Ferreira Augusto é uma auctoridade incontestavel.

O sr. dr. Ferreira Augusto, a quem dedicamos a mais entusiastica admiração, não se limitou a advogar calorosamente no projecto sobre a organização dos serviços das cadeias que elaborou por ordem do antigo ministro da justiça sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, na imprensa periodica e juridica,¹ e no livro a criação dos postos anthropometricos, explicando com toda a clareza e com a alta experiencia que tem do assumpto, o methodo de Bertillon, os seus principaes lineamentos, a sua utilidade e vantagem pratica para as investigações da

justiça e descoberta de reincidentes e de simples criminosos; tem envidado tambem todos os esforços para que no districto judicial em



MEDIDA DO BUSTO

sua construção no mesmo loca em que existiu a antiga, alluida no primeiro de abril de 1752.

D. Francisco d'Almada foi um dos mais illustres auxiliares do marquez de Pombal e u n funcionario intelligentissimo e d'uma actividade prodigiosa. Corregedor e provedor da comarca do Porto, juiz dos contrabandos e juiz geral das coutadas reaes do reino, presidente do thesouro portuense, conservador do juizo do sal, inspector das obras publicas na provincia do norte, intendente de marinha, pre-



COMPRIMENTO DA CABEÇA

que superintende tenha plena execução o capitulo XII, art. 77 e segg., dodecreto de 21 de setembro de 1901 com que a intelligencia d'um estadista d'alta iniciativa dotou o nosso paiz.

Na realização de tão importante melhora-mento, o illustre procurador régio juncto da Relação do Porto tem a satisfação de vêr os seus esforços diligentemente secundados

sidente da junta administrativa da fazenda, juiz do subsidio litterario, desembargador, donatario e primeiro senhor da villa da Ponte da Barca, dotou o Porto com melhoramentos importantissimos como o quartel do Campo da Regeneração, o theatro de S. João, o cemiterio do Prado do Repouso, cadeia da Relação, rua do Almada, etc., que tanto exaltam a sua extraordinaria energia.

Fallecendo pobrissimo a 18 d'agosto de 1804 deixava um grande e bello exemplo de honestidade. Em 17 de dezembro de 1839 foram trasladados os seus restos mortaes da igreja da Misericordia para o cemiterio do Prado do Repouso, onde tem sepultura, fronteira á capella, com um bronze do grande artista Soares dos Reis. Em desenho, que fizemos em tempo, reproduzimos este trabalho do desventurado escultor, evocando a memoria veneranda de D. Francisco d'Almada.

¹ *Revista dos Tribunaes* de 15 de julho, de 15 d'agosto e de 15 de setembro de 1895.

pelos seus delegados que tão dignos são de elogio pelo seu zelo e boa vontade.

Não permite um, singelo artigo de vulga-

ples e concisa a que se allia uma grande lucidez, e enriquecida com preciosas advertencias, resultantes do estudo e da observação do sr. dr. Ferreira Augusto.



LARGURA DAS ARCADAS BIZYGOMATICAS

risação desenvolvidas referencias ás importantes publicações do sr. dr. Ferreira Augusto sobre o systema de Bertillon, e em que colligiu com notavel criterio o que de melhor encontrou sobre o assumpto.

Soccorrendo-nos dellas principalmente para a elaboração d'este artigo, é do nosso dever dar uma breve resenha dos trabalhos em que vulgarisou o bello e engenhoso systema de Bertillon.

São elles além dos seus importantes artigos na magnifica *Revista dos Tribunaes* de que o sr. dr. Ferreira Augusto é brilhante redactor: *Assistencia judiciaria — Serviços medico legais — Alienados criminosos — Notariado*, pag. 68, 73, e 364 e segg. (Porto 1900); *Revista d'Anthropologia Criminal* (boletim do posto anthropometrico juncto da cadeia civil do Porto), (Porto 1902), e *Postos Anthropometricos*, primeiro opusculo de uma bibliotheca de criminologia (Porto 1902), que é a exposição e applicação pratica do systema de Bertillon, feita em linguagem sim-

A anthropometria criminal consiste na mensuração de determinados ossos para auxiliar o reconhecimento da identidade dos reincidentes e dos frequentadores *habituaes* das prisões.¹

Entre as primeiras e mais notaveis applicações da anthropometria criminal apparece a identificação por signaes anthropometricos, descoberta e posta em pratica por Alphonse Bertillon, o benemerito director do serviço anthropometrico na prefeitura de policia de Paris.

Antes de Bertillon inventar o seu engenho-



COMPRIMENTO DA ORELHA DIREITA

¹ Sobre o assumpto alem da obra monumental de Bertillon *Instructions Signalétiques* leiam-se os trabalhos do dr. Ferreira Augusto já citados no texto, a *Revista dos Tribunaes*, xiv anno, n.ºs 315, 317, 319, pag. 33, 65, 97; Vibert, *Précis de médecine légale*, pag. 547, cinquième édition; Bertillon, artigo sobre o assumpto nos *Archives d'Anthropologie*, vol. 1.º e ainda n'esta publicação, 5.º anno, pag. 473 um artigo sobre a anthropometria judiciaria em Paris, em 1889.

so methodo era extremamente difficil descobrir a identidade dos individuos que já tinham soffrido uma ou mais condemnações e que eram detidos por um novo crime.

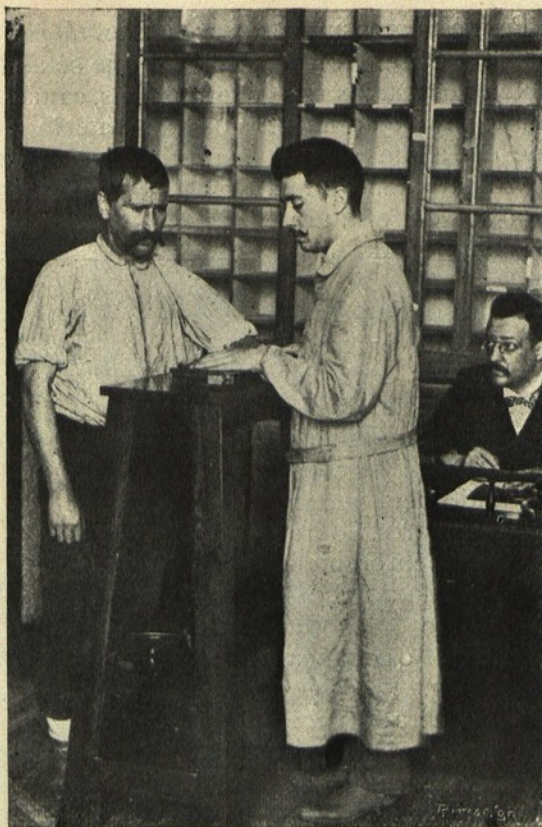
Para subtrahir-se ás consequencias penaes que derivam da reincidencia os criminosos procuravam dissimular a sua personalidade, dispondo de recursos inexgotaveis, empregando toda a sua astucia e os maiores ardis para não serem reconhecidos. Usavam um falso nome, desfiguravam a sua physionomia, modificavam o vestuario, etc.

Bertillon porém descobrindo seu bello methodo ¹ d'identificação anthropometrica fez conhecer o meio de desmascarar esses disfarces, de estabelecer com precisão os signaes d'um individuo e de tornar a encontrar esses signaes, d'um modo rapido e seguro, entre grande numero d'outros.

em 1885, constam essencialmente, para cada exemplar que se examina, de diversos comprimentos osseos, sempre os mesmos e tirados



COMPRIMENTO DO DEDO MEDIO ESQUERDO



COMPRIMENTO DO BRAÇO ESQUERDO DESDE O COTOVELLO ATÉ A PONTA DO DEDO MEDIO

n'uma ordem uniforme. Taes são especialmente a estatura, o comprimento do pé e do dedo medio, etc.»

Fundamentou o seu methodo no principio de que não ha individuos que se assemelhem com exactidão uns aos outros e que as dimensões de certos ossos, immutaveis a partir da idade adulta, diffêrem consideravelmente d'um para outro exemplar, sendo sufficiente para identificar e caracterisar um individuo a combinação das dimensões de ossos determinados.

• • •

Para se obter uma precisa identificação anthropometrica recommenda Bertillon diversas mensurações que reputa essenciaes e que estão em pratica em quasi todos os postos anthropometricos da França e d'outras nações.

São tambem as exigidas pelo art. 87.º do decreto de 21 de setembro de 1901.

Procede-se a estas operações estando os presos em mangas de camisa e descalços, e para que as mensurações sejam feitas com a maior precisão corta-se-lhes previamente o

«Os signaes anthropometricos, diz Bertillon na sua communicação ao Congresso de Roma

O irmão de Bertillon, Georges, tambem escreveu uma interessante obra sobre a reconstituição dos signaes anthropometricos por meio do vestuario. Vid. *Archives d'Anthropologie*, vol. 8.º, pag. 174.

cabello e aparam-se-lhes bem as unhas da mão e do pé esquerdo ¹.

Essas mensurações são:

I — *Estatura (medida da altura do individuo em pé)*.

Para esta mensuração serve um *estalão* graduado e com a corrediça movel que se assemelha aos usados nos governos civis, camaras municipaes e administrações de concelho, e que em alguns postos é substituído por um novo instrumento que serve não só para a mensuração da estatura mas também do busto.

O preso, de pé no estrado, deve applicar bem as costas á haste e deixar cair as mãos cujas palmas unirá ás coxas, conservando bem juntos os calcanhares. Sobre a cabeça bem erguida e encostada ao *estalão* desce então a corrediça que fica justaposta.

A estatura fornece indicações pouco seguras, em virtude das fraudes que se podem dar em certos limites e as variações a que está sujeita consoante a idade do individuo.

II — *Comprimento dos braços abertos em cruz*.

Serve um quadro em fôrma de cruz, graduado do lado esquerdo. O preso, de pé, applica as costas á escala, abre os braços horizontalmente em cruz, tomando-se-lhe o comprimento desde a extremidade do dedo medio da mão direita até igual parte da mão esquerda. Para que fique o mais precisa possível a largura maxima dos membros superiores, deve ter-se todo o cuidado em que o mensurado não faça a menor curvatura.

III — *Altura do individuo sentado (o seu busto)*.

Dois instrumentos são empregados n'esta

mensuração: o *estalão* já referido e um *banco* em que se senta o preso, applicando bem as costas á haste, recolhendo as pernas, e apoiando as mãos nos joelhos. A corrediça baixa então até pousar na cabeça.

Pelas razões já expostas, quanto á estatura, esta mensuração dá indicações pouco precisas.

IV — *Comprimento e largura da cabeça*.

Para estas operações que são importantissimas serve um compasso, munido de um arco de circulo graduado, de aço e metal nicelado que deve ter a punção de Bertillon.

O diametro antero-posterior da cabeça que é o elemento mais importante da classificação anthropometrica, e que permanece invariavel ou augmenta muito pouco na idade adulta, mede-se collocando uma das pontas do compasso na concavidade da raiz do nariz como ponto fixo e a outra na parte mais saliente do occiput.

O diametro bi-parietal mede-se da mesma maneira, mudando a direcção do compasso.

V — *Largura das arcadas bizygomaticas*.

Para medir a largura das arcadas bizygomaticas que estão situadas um pouco abaixo dos temporaes, emprega-se o mesmo compasso, to-

mando com as extremidades a largura d'uma a outra d'aquellas regiões. Esta medida é extremamente precisa.

VI — *Comprimento da orelha direita*.

E' uma das medidas mais importantes e seguras para se confirmar a identidade d'um individuo. Este elemento por si basta para reconhecer um individuo, em virtude de ser impossível encontrar duas orelhas que se assemelhem, conservando *immutavelmente* a sua fôrma e os seus caracteres mais importantes durante a sua vida.

A orelha apresenta uma variedade de con-



COMPRIMENTO DO PÉ ESQUERDO

¹ Vide as *Instruções Signalétiques* de Bertillon; *Assistência judiciaria*, pag. 375, e *Postos Anthropometricos*, pag. 15 e segg. do Dr. Ferreira Augusto; e *Precis de medecine legal*, de Vibert, pag. 548 (1900).

figuração verdadeiramente prodigiosa, differindo d'individuo para individuo e não sendo possível encontrar, diz Bonneron, orelhas semelhantes senão nos irmãos gêmeos.

Ha orelhas triangulares, rectangulares, redondas e ovaes, que se distinguem tambem pelo modelado, contorno e elevação do lobulo, inteiro ou furado em quem usa brincos, fendido, arrancado por dentada como se encontra nos malfeitores; distinguindo-se ainda pela espessura e forma que apresenta sua orla superior ou posterior, etc., etc.

Um signal tão importante deve ser tomado com todo o cuidado, evitando deprimir as suas partes cartilaginosas e molles. Para se obter o mais exactamente o mensurador colloca a mão esquerda na cabeça do preso que está sentado no banco, e a direita, empunhando um compasso de fôrma especial, no hombro do mensurado.

A orelha é a unica parte do corpo que se mede do lado direito. Todas as demais operações se fazem do lado esquerdo.

VII—*Comprimento do dedo medio e annular esquerdo.*

Obtem-se por meio d'um compasso de cordiça. Tanto n'uma como n'outra mensuração o preso, que deve ter as unhas bem aparadas para melhor exactidão, dobra a mão esquerda e fica com os dedos estendidos, formando um angulo recto com as costas d'aquella. Adapta-se bem um ramo do compasso ao nó que liga a primeira phalange á mão e o outro ramo ao extremo do dedo.

VIII—*Comprimento do braço esquerdo desde o cotovello até á ponta do dedo medio.*

Emprega-se o mesmo instrumento e para se determinar com precisão é necessario uma meza de fôrma particular, alta e esguia como um cavallete.

O mensurado colloca o ante-braço sobre a meza, tomando-se então a medida desde o olecrano, isto é da apophyse posterior do cotovello até á extremidade do dedo medio, tendo o ante-braço dobrado em angulo recto relativamente ao braço e a mão estendida com a face unida á superficie da meza.

IX—*Comprimento do pé esquerdo.*

Para esta mensuração serve ainda o mesmo instrumento, sendo tambem preciso um banco e uma meza com pegadura.

O preso, descalço, com as unhas bem aparadas, colloca-se em cima do banco, curva um pouco o corpo, firma-se com a mão direita na pegadura da meza, pouisa a esquerda no quadril, levantando e lançando para traz o pé direito, e fazendo repousar todo o peso do corpo sobre o pé esquerdo ao qual se toma então a medida com o compasso já referido.

Estas são as *observações anthropometricas*, de que publicamos as respectivas photogravuras, feitas sobre clichés obtidos no Posto Anthropometrico do Porto, não se publicando por desnecessarias photogravuras durante a mensuração da largura da cabeça, porque a posição é identica á da bizygomática, diffe-



IMPRESSÕES DIGITAES

rençando-se apenas em que a primeira é tomada á maior largura da cabeça emquanto á segunda é tomada á largura dos dois zygomas.

De egual maneira se procedeu relativamente ás mensurações do dedo medio e annular esquerdo, das quaes só a primeira se reproduz.

Além d'estas ha as *observações chromaticas* (côr da iris, do cabelo, da barba e da pelle, e outras particularidades.)

A determinação exacta da côr da iris é extremamente difficil, segundo diz Bonneron.

A côr dos olhos é indicada segundo uma classificação chromatica de varios matizes, estabelecida por Bertillon quen as *Instructions Signaletiques* no fim do 2.º vol. (Album) apresenta um mappa, onde veem reproduzidas todas as *nuances* de que a côr dos olhos é susceptivel.

O confronto da côr dos olhos do preso com a reproduzida no mappa auxilia immenso a determinação.

Em alguns postos ha um grande quadro

que reproduz em vidro todos os olhos que em frente do mesmo se apresentem com as suas côres particulares.

Bertillon no seu livro escreve «L'observateur, devra se placer vis-à-vis de son sujet, à trente centimètres environ de lui et, le dos tourné au jour, de telle sorte que l'œil à examiner reçoive en plein une lumière vive (mais non les rayons du soleil); puis il l'invitera à le regarder les yeux dans les yeux, en lui soulevant légèrement le milieu du sourcil gauche.»

D'esta observação *chromatica* publicamos tambem uma photogravura.

As *observações descriptivas* concorrem para identificar o individuo, visto determinarem as suas particularidades exteriores, os caracteres morphologicos da fronte, nariz e orelha dircita.



CLASSIFICAÇÃO DA IRIS

E' muito variavel a fôrma da cabeça e do nariz que é um dos órgãos que melhor determinam a physionomia.

Assim como a *cabeça* pôde ser pequena ou grande, redonda ou oval, ponteaguda, elevada ou chata, assim o *nariz* apresenta diver-

sos signaes caracteristicos (raiz, dorso, base, asas, subsepto, nasal, curto, comprido).

Quanto á *orelha direita*, elemento dos mais importantes a que já tivêmos occasião de nos referir, distingue-se tambem por diversos signaes que a caracterisam (helix, anthelix, lobulo, trago, ante-trago), (grandes ou pequenas, encostadas ou afastadas).

• • •

Todas estas *observações (antropometricas, chromaticas e descriptivas)* são transcriptas na respectiva *ficha* anthropometrica, de cartão e medindo em regra 0,166 d'altura sobre 0,142 de largura. São diferentes de nação para nação, affastando-se um pouco da norma estabelecida por Bertillon.

Na ficha, (reproduzimos o recto e o verso d'uma ficha anthropometrica adoptada no Posto Anthropometrico do Porto), colla-se, em harmonia com o n.º 1.º do art.º 87 do decreto de 21 de setembro de 1901, a photographia do preso que se tira em duas posições (*perfil direito e frente*) com o respectivo numero d'ordem, e fazem-se n'ella tambem as *indicações pessoas* (o nome que o preso diz ter, o nome verdadeiro, a alcuinha, a idade, nascimento, filiação (legitima ou illegitima) estado, profissão, domicilio, instrução, nota de identidade, serviços militares, numero de condemnações anteriores, causa e logar da ultima detenção e detenção actual); as notas relativas ao *registo criminal* e respectivas *condemnações*; e os *signaes particulares* (attitude, modo de andar, ankyloses, signaes de belleza, deformidade, aleijões, malhas, signos, sulcos e rugas, as cicatrizes de chagas, cortaduras, e furunculos etc.; a pronuncia, linguagem, cabello, barba, gesticulação, vestuario e tatuagens), emfim todos os caracteres e signaes do corpo que se divide para tal fim em seis regiões, rosto e cabeça, braço esquerdo, peito, costas e pernas.

As tatuagens, tão frequentes nos marinheiros e criminosos, são tambem um dos elementos de maior alcance para a identificação dos individuos, em alguns dos quaes é uma autobiographia illustrada, fornecendo interessantes indicações sobre a profissão e habitos do tatuado e servindo muitas vezes para determinar o seu character moral, tendo em attenção os seus precedentes judiciais.

Lombroso que quer ver signaes atavicos na escripta, nos gestos e no modo d'andar dos criminosos, attribue tambem a um phenomeno de atavismo a tendencia instinctiva dos criminosos para a tatuagem e no album que acompanha a sua obra *L'homme criminel* reuniu interessantes desenhos de tatuagens. O mesmo fez o dr. Perrier no seu livro *Le*

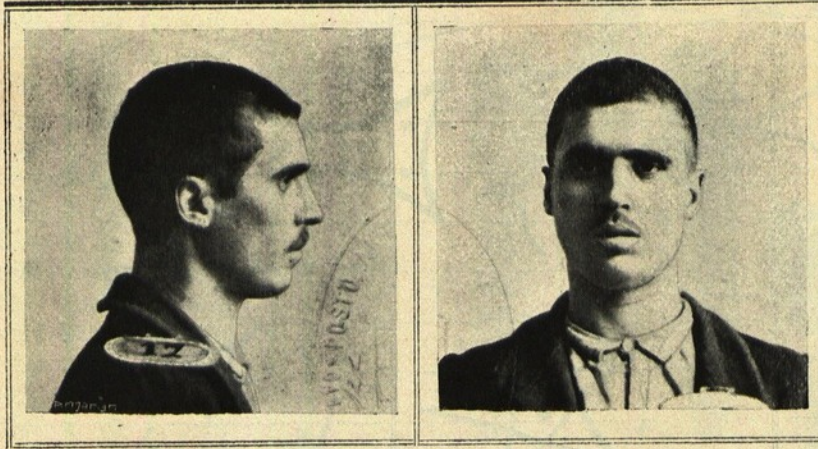
Tatouage chez les criminels (Storck, editor, Lyon).

Outros ha que tem consagrado á tatuagem importantes trabalhos e entre esses Berchon,

Posto Anthropometrico
JUNTO DAS
CADEIAS da RELAÇÃO do PORTO

Boletim de identificação

N.º 17



Observações anthropometricas

Estatuza 1, m 665
Braça 1, m 65
Busto 0,932
Cabeça { comp. 0,191
larg. 0,141
bizyg. 0,143
Comp. orelha direita 0,038
» dedo med. esq. 0,114
» minimo esq. 0,088
Antebraço esq. 0,448
Comp. pé esq. 0,253

Indicações pessoais

Diz chamar-se António Marques
Nome verdadeiro
Alcunha
Edade 19 annos
Nascido a de de em Hesperanha
Filho de Lucas Marques
Estado solteiro
Profissão pedreiro ultima residencia Porto
Instrução ana. g. o. l. e. t. e.
Nota de identidade
Serviços militares
Numero de condemnações anteriores uma por furto
Causa e logar da ultima detenção furto - Porto
Detenção actual furto

Observações chromaticas

n.º de classe 4.º
Cór da iris { areola a. al. m.
periph. a. a. e.
particul. p.
Cór do cabelo cast. esc.
» da barba idem
» » pelle branca
particularidades

REGISTO CRIMINAL
DETERNAÇÕES

Data	Crime	Destino
4/4/1902	furto	

Observações descriptivas

Fronte { arc. m.
incl. it.
alt. m.
larg. p.
part.
Nariz { raiz de. esp.
dorso a. base h. m.
alt. m. salien. m. larg. m.
part.
Orelha direita { bord. g. adh.
lob. g. esp.
trag. m. da.
preg. ca. ex.
part.

CONDEMNNAÇÕES

Anno	Tempo	Crime
1902	7 m.	furto

Signaes particulares

esc. no labio inf. esq.

Porto, 4 de Março de 1902.

O mensurador

Henrique José Pereira

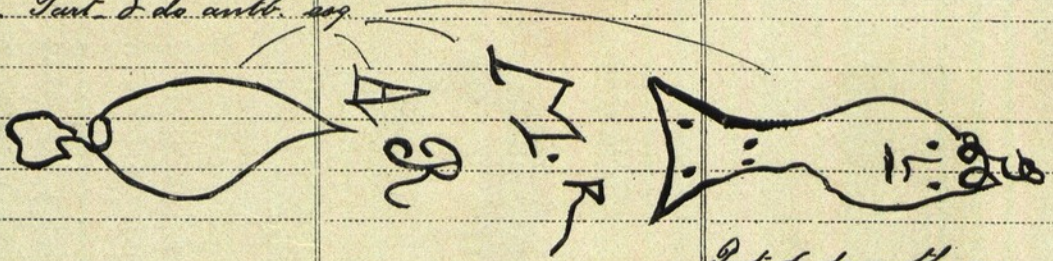
O medico anthropologista criminal

António Augusto Viana

auctor da *Histoire médicale du tatouage*, Tardieu a quem se devem interessantes estudos medico-legaes sobre o assumpto e Lacassagne, que escreveu as *Recherches sur les ta-*

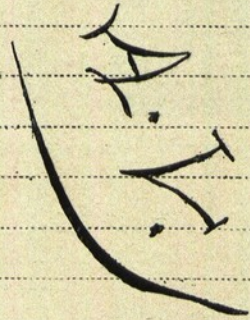
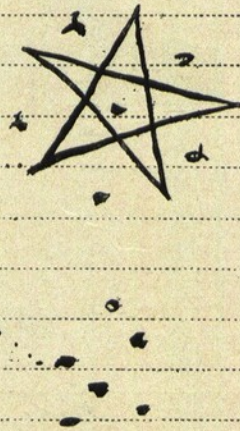
Indicações diversas

Tr. J. Part. d. do anteb. esq.

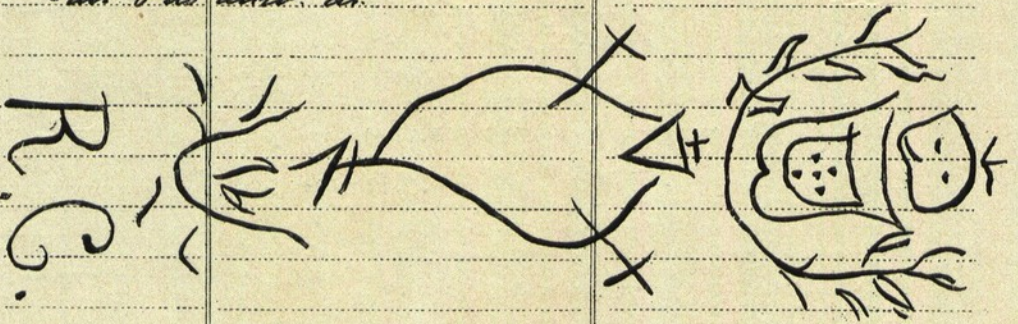


Part. b. do anteb. esq.

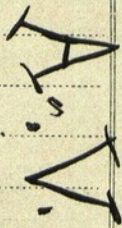
Part. b. do anteb. esq.



Part. d. do anteb. dr.



Part. b. do anteb. dr.



touages, et principalement du tatouage chez les criminels, e que indica o processo de reproduzir as tatuagens.¹

Em Portugal tem prendido a atenção de alguns publicistas, havendo sob o ponto de vista ethnographico um bello estudo de Rocha Peixoto *A tatuagem em Portugal*, inserto no 2.º volume da *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* que se publicou no Porto de 1890 a 1898.

O posto anthropometrico juncto das cadeias da Relação do Porto possui já uma valiosa collecção de desenhos de tatuagens, fielmente transcritas nas fichas anthropometricas em todos os seus detalhes pelo habil archivistista do posto sr. Antonio José Ferreira. Esses desenhos, situados no peito e braços dos presos, representam symbolos religiosos (as cinco Chagas, Christo na Cruz, cruces singelas), symbolos amorosos como corações atravessados por flechas ou punhaes, o signosaimão, flores, o escudo nacional, mulheres em estado de nudez, etc, etc.

De dia para dia porém rareia nas cadeias do Porto o numero dos tatuados em virtude dos castigos que na cadeia da Relação se infligem tanto a tatuados como a tatuadores.

As tatuagens estão em uso em alguns estabelecimentos penaes e postos anthropometricos d'outros paizes para melhor identificar o individuo.

As partes do corpo preferidas para essa operação são o braço e o peito.

Na ficha anthropometrica estampam-se

¹ Sobre a questão de saber se as tatuagens podem desaparecer espontaneamente sem deixar vestígios vejam-se os trabalhos de Casper, Hutin e Tardieu. A obra de Variot *le Detatouage* apresenta os meios de as destruir, e indicando o respectivo processo.

tambem os dedos *pollegar index, medio e annular* direitos.

E' a *impressão digital* (de que publicamos um specimen obtido no Posto do Porto) e que foi adoptado em Inglaterra, onde o professor Galton de Londres fez minuciosos estudos, mostrando que a impressão da polpa d'um só dedo é sufficiente para caracterisar um individuo¹.

A *Revue Penitentiaire*, 28.º anno, n.º 1 a pag. 155, citada pelo sr. dr. Ferreira Augusto no seu artigo *Portugal e a Anthropometria* publicado em o n.º 2 da *Revista d'Anthropologia criminal*, refere que n'aquelle paiz se julgam mais importantes as *impressões digitaes* que as mensurações anthropometricas.

Bertillon adoptou a *impressão digital* no Posto anthropometrico de Paris e Bonneron² encarece a importancia d'este elemento, dizendo que não ha dois individuos, cuja pelle da face anterior dos dedos apresente os mesmos desenhos *fili-granés*, que são sempre eguaes no mesmo individuo, caracterisando-o e identificando-o a tal ponto que os chinezes utilizam-

n'os como meio de reconhecimento e até como assignatura.

Este meio de identificação é de tal ordem que no Posto do Porto, entre mil e tantas impressões digitaes, não se encontraram duas eguaes.

A impressão digital obtem-se fazendo collocar a mão do preso n'uma almofada sobre a qual se estendeu uma camada de tinta preta ou vermelha. Em seguida faz-se assentar a mão n'uma folha de papel (vide photo-



IMPRESSÃO DIGITAES

¹ Vibert (*Precis de Medecine légale*, cinquieme edition pag. 568.)

² No seu livro *Les Prisons de Paris*.

gravura respectiva), estampando-se assim o filigranado das pontas dos quatro dedos que devem ficar nitidamente impressos, repetindo-se a operação no caso contrario.

Forgeot¹ estudou as impressões deixadas sobre o papel ou sobre outros objectos pelos dedos ou por outra parte da face palmar das mãos, e Vibert, a pag. 568 da obra citada, mostra como as *impressões* d'uma mão ou dedos ensanguentados são d'uma extraordinaria importancia em medecina legal e apresenta o processo de as ampliar, recorrendo á photographia é ao desenho.

Os presos deixam tambem no posto do Porto a sua assignatura que, além de ser um elemento de identificação, serve sobretudo para base d'estudos de graphologia criminal.



Depois de organizada a ficha anthropometrica archiva-se n'um armario com divisões, collocando-se a uma parte as fichas dos homens e a outra as das mulheres, classificadas segundo um methodo muito simples e devéras engenhoso que differe de nação para nação.

Segundo a classificação geralmente adoptada as fichas estão agrupadas em trez grandes divisões baseadas no comprimento da cabeça—*pequena media e grande*,—entrando na primeira as fichas dos individuos cujo comprimento de cabeça mede 0,001 a 0,184; na segunda as de 0,185 a 0,190; e na terceira as de 0,191 em diante.

Cada divisão d'estas soffre ainda nova divisão em trez grupos que se baseiam na maior ou menor largura da cabeça e entre os numeros maximos e minimos a que já nos referimos.

Fazem-se outras divisões e sub-divisões consoante o maior ou o menor comprimento da orelha direita, do dedo medio e annular e do pé, do braço esquerdo desde o cotovello até á ponta do dedo medio, da côr da iris etc. etc.

Entrando um individuo na cadeia e tirados os signaes anthropometricos e outros saber-se-ha em breves minutos se elle procurou dissimular a sua identidade, se entrou pela primeira vez na cadeia, se já soffreu alguma condemnação, se é um reincidente, se um frequentador habitual das prisões.

Suppondo que a sua cabeça tem 0,170 millimetros de comprimento a ficha do detido deve encontrar-se na primeira das trez divisões estabelecidas, ficando d'este modo eliminados dois terços das fichas existentes no posto.

¹ *Des empreintes digitales étudiées au point de vue medico-judiciaire*, Lyon, Storck éditeur, 1892.

Na primeira das trez divisões, que corresponde, como já dissemos, ás cabeças pequenas, eliminam-se ainda dois terços baseados na largura da cabeça, que foi dividida em tres grupos e que no caso presente tem por exemplo 0,140 millimetros.

Relativamente ás demais mensurações procede-se de modo identico, chegando-se, ao cabo de successivas eliminações, a um pequeno numero de fichas, em que se encontrará facilmente, se o individuo já tiver entrado na cadeia, uma inteiramente identica á nova ficha que se tirou ao preso de que se suspeita.

A photographia do individuo, os seus signaes particulares e as *impressões digitaes* auxiliam a identificação.

Ha factos bastante eloquentes que apreçoam os bons serviços que está prestando o posto anthropometrico do Porto. Em breves minutos e com surprehendente facilidade tem já sido descobertos, como *habitués* e como reincidentes, vendo-se constrangidos a perder toda a esperanza de dissimular a sua identidade, alguns detidos que haviam declarado nunca terem entrado em cadeias.

Em Lisboa funciona já um posto anthropometrico, excellentemente montado sob a direcção dos distinctos medicos drs. Lima Duque, e Valladares.

O illustre ministro da guerra, sr. conselheiro Pimentel Pinto mandou, por uma ordem do exercito de novembro findo, organizar o serviço anthropometrico nas casas de reclusão das divisões militares, em harmonia com o methodo de identificação anthropometrica de Bertillon.¹

Innumeras vantagens adviriam da installação de postos, embora modestos, em todas as cadeias, mesmo nas de pequeno movimento, e em repartições importantes do paiz, como governos civis e militares, commissariados de policia, administrações dos concelhos, repartições de fazenda, em que se passam documentos de identidade ou reconhecimento d'ella, como passaportes, cadernetas do serviço militar, resalvas de dispensa ou addiamento d'este serviço, livretes das criadas e criados de servir, assentos de casamento, licenças para negociantes ambulantes, meretrizes, etc., dos quaes constariam as mensurações anthropometricas e as im-

¹ O mesmo illustre estadista mandou imprimir, para ser distribuido pelas casas de reclusões das divisões militares, um dictionario alfabético de abreviaturas e signaes, em que se apontam as abreviaturas portuguezas, e as correspondentes latinas ou gregas, vocabulos mais usados no serviço anthropometrico. Foi elaborado pelo distincto tenente coronel do estado maior e homem de letras, collaborador d'esta revista, o sr. Abel Botelho.

pressões digitaes, evitando-se a troca de nomes, as constantes burlas e falsificações e que se aproveitassem de taes documentos individuos a quem não pertencessem.

Nas companhias de seguros de vida e estabelecimentos congêneres era também de grande vantagem que se tirassem as medidas anthropometricas a todos os segurados, como se vê do seguinte facto referido pelo sr. dr. Ferreira Augusto a pag. 27 dos seus *Postos Anthropometricos*:—«O caso HOYOS-BAROM, citado n'um artigo elaborado pelo ajudante do procurador regio de Bruges e de que a imprensa estrangeira tanto se occupou, é de summa importância conhecer-se. Hoyos seguiu a sua vida n'uma importante somma. Para alcançar o premio do seguro assassinou um seu creado Baron que vestiu com os seus proprios habitos, tendo o cuidado de metter nos bolsos certificados da sua identidade para assim melhor fazer convencer que era o seu cadaver. Fez lançar este ncs *railis* d'uma via ferrea para ser despedaçado na passagem do comboio, fazendo assim suppor que a sua morte tinha sido devida a um accidente. Pela

mensuração do cadaver confrontada com a que estava mencionada na apolice verificou-se que a victima do desastre não era o verdadeiro segurado e assim a companhia não pagou o premio, espianando a sua culpa na guilhotina o auctor de tam revoltante crime».

E' mais amplo ainda o campo da anthropometria; applica-se ao estudo das raças humanas, tendo em Portugal cultores dos mais entusiastas. Os estudos do Dr. Bernardino Machado, o qual ainda ultimamente no gabinete d'anthropologia na Universidade dirigiu as mensurações anthropometricas dos recrutados alistados este anno; os trabalhos de craneometria de Paula e Oliveira, e dos drs. Ferraz de Macedo e Silva Bastos, a que já tivemos occasião de alludir; os de Arruda Furtado sobre anthropometria açoriana, os de Fonseca Cardoso e os de Severino de Sant'Anna Marques ¹, que mediu homens nos hospitaes civis da capital e nos quartéis de Lisboa e Porto mostram que o nosso paiz caminha a par d'outras nações no cultivo d'este ramo especial das sciencias naturaes. ²

Coimbra, fevereiro de 1903

ANTONIO JULIO DO VALLE E SOUSA

¹ *Estudo de Anthropometria portugueza*, Lisboa 1898.

² Referindo-nos incidentalmente a estes trabalhos n'um artigo que se reduz a apresentar umas breves noções de anthropometria criminal, aprez-nos transcrever o seguinte trecho de Fonseca Cardoso, n'um bello artigo *Anthropologia do Povo Portuguez — O minhoto de entre Cavado e Ancora* inserto no tomo I fasc. 1.^o da magnifica revista *Portugalia*:

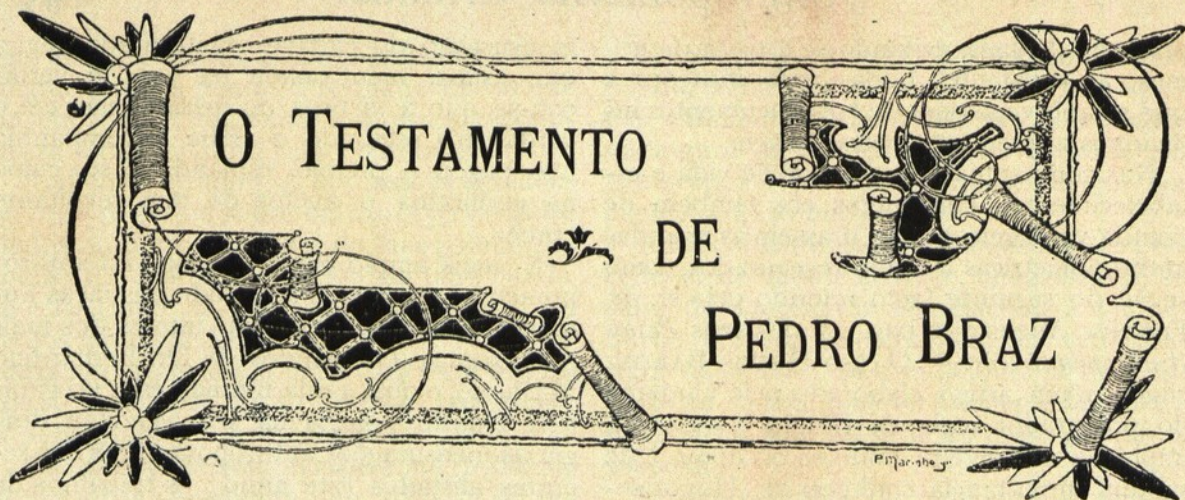
«O methodo anthropometrico adoptado para o estudo das raças humanas do globo tomou, n'estes ultimos annos, um desenvolvimento notavel, tendo sido d'uma applicação efficaç no desenredo dos diferentes elementos ethnicos que entraram na composição das populações da Europa e do norte da Africa.

E' sobretudo nos quartéis militares e nas inspecções de recrutamento do exercito, onde se reune sempre um forte numero de representantes do paiz, que esse methodo se tem exercido, localisando-se depois sobre as cartas chorographicas, os diferentes caractéres anthropologicos da população, a qual nos mostra por vezes, em certos agrupamentos interessantes, os descendentes de raças dominadoras outr'ora nas grandes luctas da Humanidade.

Só a Anthropometria nos diz em que proporções se amalgamaram os diferentes factores ethnicos, para produzirem os typos mestiçados e caracteristicos das actuaes nacionalidades, o grau de parentesco entre ellas, derramando assim uma grande luz nos problemas historicos pendentés sobre as invasões e as emigrações dos povos e a sua influencia exercida nas modernas sociedades».

Nota da R. — Como indicação complementar da legislação que diz respeito a postos anthropometricos e seu exercicio junto das cadeias, entendemos dever citar, como inicial, a carta de lei de 17 de agosto de 1899, sendo ministro da justiça o conselheiro José Maria d'Alpoim, e o respectivo regulamento, approvado por decreto de 16 de novembro d'aquelle mesmo anno, no qual, no art. 99.^o, mandava applicar á compra de instrumental e livros precisos para o estudo e exercicio da anthropometria, na respectiva circumscripção, o producto do adicional sobre os emolumentos de carceragem, lançado em conformidade com o disposto no art. 15.^o da citada lei de 17 de agosto de 1899.





O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ

Synopse dos sete capitulos publicados — Um velho fazendeiro australiano, Pedro Braz, cuja origem é desconhecida, e de quem se não conhece familia, morre depois d'uma viagem, tendo promettido a Helena Moss, cuja vida infeliz o commovera, e a João Millington, advogado intelligente em principio de carreira, deixar-lhes em testamento todos os seus bens que são avultados. Depois da morte, porém, não se encontra o testamento, e as propriedades, á falta de herdeiros conhecidos, entram em administração judicial. Faz-se leilão dos moveis; e alguns objectos da mobilia dispersam-se pelo mundo. Corre a lenda de que a alma de Pedro Braz anda penando e parece que a desventura acompanha sempre os possuidores diversos d'aquelles taes moveis que perteceram a Pedro Braz, o velho criador de gado. Um tal José Candler, vagabundo, chega por acaso a Malugalala; pede pousada, é recebido, e informa-se do caso do testamento de Pedro Braz. O criado d'este, Bob, rapaz gracejador, encontra na physionomia de José Candler parecenças com o fallecido patrão. Em conversa, pergunta lhe se elle vem recolher a herança, e accende-lhe assim o fogo da ambição. Faz o seu plano, procura o advogado Millington propõe-lhe dividirem a herança, fazendo-se elle passar por sobrinho de Pedro Braz. E' repellido severamente. Encontra um advogado desacreditado Geeves, e os dois associam-se n'uma demanda para obter a herança. Helena Moss parte para uma fazenda no interior, acompanhando, como governante, Francisco Crapp, jornalista, o qual vae substituir o dono das pastagens, seu amigo, que se ausenta por alguns annos. A fazenda Narenita é proxima da Malugalala. Helena Moss volta a visitar a antiga fazenda de Pedro Braz. Descrevem-se varios incidentes da vida do matto. Retoma-se em seguida a viagem de Walt r Reid e sua familia, a casa de quem tinham ido parar os moveis de Pedro Braz, e sobre elles pesa a má sina que parecia perseguir os diversos donos dos taes moveis. Walter Reid morre deixando ao desamparo seus tres filhos, pouco depois de ter desembarcado na colonia; os pequenos alcançam collocação, e separam-se, obtendo a mais velha, Catharina um lugar de governante em casa dos Green que são administradores da fazenda Narenita. Os moveis são mais uma vez vendidos em leilão e de novo se dispersam. O pretendente, Candler, á herança do tio Pedro Braz, visita acompanhado do seu advogado a fazenda de Malugalala. Bob vigia-lhe as intenções, e n'um dia, em que exercia esta vigilancia, descobre varios documentos que se referem á vida de Pedro Braz, embora nada elucidem sobre o testamento. Bob deu d'elles immediato conhecimento á senhora Moss que por seu turno os descreve em carta ao advogado Millington. Entretanto Catharina Reid, visitando uma fazenda proxima de Nerenita, encontra uma amiga de infancia de sua mãe, a qual deseja levá-la para a sua fazenda em Reverina e sendo rica tomal-a sob sua protecção, bem como aos irmãos mais novos. Catharina parte para a sua nova residencia, deixando á senhora Green saudosa recordação.

CAPITULO OITAVO

De como ficaram destruidas pelo tribunal as pretensões de Candler á herança de Pedro Braz.

A senhora Moss sentára-se na varanda, costurando, o espirito ainda preocupado com a partida commovedora de Catharina, a vista ainda a alongar-se pelo horizonte, como a seguir na viagem a gentil

rapariga que d'um momento para o outro vira transformada a sua vida e o seu futuro. Subito suspendeu a agulha, esticando a linha; inclinou a cabeça n'aquelle gesto caracteristico de quem apura o ouvido e escuta, o pescoço ligeiramente estendido, os olhos semi-cerrados, a respiração quasi suspensa. Parecera-lhe sentir o telintar alegre da guisalhada sacudida pelo galope d'um cavallo, o correr bem conhecido que annunciava a aproximação do factor do correio;

mas, sendo fóra das horas regulamentares e habituaes, ella bem sabia que só por entrega de telegramma se poderia justificar a vinda do factor e sobresaltou-se. Em breve poudo verificar que não se enganára, vendo ao longe, n'uma volta da estrada do matto, passar o cavallo, reapareceu mais adiante, surgindo na clareira das arvores, e depois distinguindo o estafeta no seu característico vestuario, sacco de despachos a tiracollo, largo chapéu de feltro. Minutos passados, o rapaz australiano, delgado e robusto, tez queimada, olhos vivos, gesto decidido, estendia o braço para a varanda, sem se aprear, e apresentava o sobrescripto que tirara rapidamente do sacco de couro e o livro da recepção:

— Um telegramma para a senhora Moss.

Ella propria o recebeu; procurou no pequeno cesto de costura um lapis, com que costumava decalcar o desenho dos bordados, passou o recibo, e ao entregal-o involuntariamente, obedecendo apenas ao impulso da anciedade intima, perguntou:

— De quem?

— Não sei, respondeu o estafeta, sem reparo algum no intempestivo da interrogação, e partiu a meio galope como quem apenas tem a preocupação de desempenhar-se do serviço. Quantas leguas teria ainda de fazer n'aquelle dia, levando communicações para outras fazendas!

A senhora Moss quedou-se com o sobrescripto na mão, a remiral-o attenta, curiosa mas reflexiva, n'aquelle indecisão estranha que dá a surpresa nos caracteres ponderados e serenos. Virou-o umas poucas de vezes entre os dedos ligeiramente tremulos, emquanto no espirito investigava a origem do despacho, que tão facilmente podia verificar. Abriu-o afinal, leu-o n'um golpe de vista, e disse para o Francisco Crapp, o qual viera á varanda, sahindo do seu escriptorio, que tinha porta de vidraça para esta, quando ouviu telintar a guisalhada do cavallo do correio:

— Afinal nada é de importancia. O sr. Millington participa que não vem a Narenita, como era esperado ámanhã, e adiou a sua viagem por haver audiencia preliminar no processo da reclamação da herança de Pedro Braz, e confirmando leu em voz alta:

«Impossivel visita fazendas. Audiencia preliminar processo Candler. Venha immediatamente.»

Como todos os telegrammas em geral, a redacção era pouco explicita. Nitidamente claros para quem os redige, simplificando o dizer, levados pelo conhecimento exacto da situação, não raro constituem para quem os recebe a decifração d'um enigma pitoresco.

A senhora Moss discutia-o com Crapp. Ter-se-hia já realizado a tal audiencia, ou seria proxima? Aquelle chamamento apressado seria consequencia do que se julgára no processo? Ou estaria designado dia de audiencia para breve e Millington desejaria a presença d'ella em Sidney? Para quê? E o que ao principio lhe pareceu sem importancia, simples aviso de não chegar na manhã seguinte, como estava combinado, assumiu subito no espirito da senhora Moss uma gravidade excepcional, que a obrigou a reflectir.

— Vou a Malugalala procurar Bob, não acha senhor Crapp? Talvez seja melhor que elle vá tambem, por causa dos documentos encontrados. Elles são insignificantes, nem Millington falla d'elles sequer; e todavia creia, sr. Crapp, que tenho o presentimento de que é por este motivo que o nosso amigo telegraphou, infelizmente tão incompleto.

— Entendo que sim, que deve ir fallar a Bob, e partir o mais breve para Sidney. Em quanto se arranja para ir a Malugalala, eu vou-lhe sellar o cavallo. Não se deve perder tempo.

Alguns instantes depois, a senhora Moss galopava através das pastagens de Narenita para aquella direcção, a vista deliciosamente entretida no goso do quadro n'aquelle linda tarde, o coração sobresaltado pelo inesperado telegramma.

Nova surpresa, porem, a vinha em breve impressionar. A meio caminho encontrou-se com Bob que se dirigia para Narenita.

— Feliz encontro, minha senhora. Ia procural-a, dizia Bob, sorridente na sua natural e expansiva alegria de rapaz.

— Tambem eu ia procural-o, replicou a senhora Moss. Precisava fallar-lhe, e como os cavallos estão suados caminemos juntos, para alli, para o logar das albufeiras, e tere-mos occasião de conversar. Diga-me primeiro o motivo que o levava a Narenita; estou bem curiosa de o saber.

— Tenho receio que me chame supresticioso ou tolo, mas tenho estado muito preocupado ultimamente, e tanto a dormir como acordado. Não posso dizer-lhe como são os meus sonhos, mas teem sido muito desagradaveis. Sinto como se alguma cousa grave, alguma infelicidade estivesse pairando sobre a antiga fazenda.

A senhora Moss voltou-se e olhou para elle como que querendo inquirir.

— Tenho scismado que talvez seja fogo e tenho ido acampar de noite para as pastagens. Faço rondas todas as noites; antes de recolher vejo e revejo se tudo está em ordem, n'um desasocego inexplicavel. Nem me sirvo de luz para que eu proprio não seja

causa involuntaria do mal. Não pude aguentar por mais tempo esta idéa fixa, por isso vinha ter consigo para a consultar. Alguma cousa se está passando, estou certo, disse com viveza.

— Pois eu vinha aqui para lhe pedir se ia até Sidney, accrescentou a sr.^a Moss.

— Eu! replicou surprehendido Bob. Nunca na minha vida lá estive. Nunca fui mais longe do que a Talworth n'aquella direcção, — e apontava para sudeste, — nem mais longe do que a Glen e indicava o norte. E fui lá só uma vez quando era muito novo. O sr. Pedro Braz comprára um rebanho de carneiros a um fazendeiro d'aquelles lados, e eu fui lá tomar conta d'elles.

— Mas em todo o caso, parece indispensavel que fosse agora levar ao sr. Millington, aquella caixa de lata com os papeis que encontrou, disse brandamente a sr.^a Moss, procurando vencer a reluctancia de Bob.

— Elle ainda os não recebeu? Oh, sr.^a Moss, disse com ar de censura.

— Não creio que sejam de grande importancia, e quasi me esqueci d'elles, com a partida da menina Reid. Porem recebi hoje aviso do sr. Millington que ia haver um exame ou interrogatorio sobre a pretenção apresentada por Candler, e deu-lhe o telegramma.

Bob leu-o com anciedade, e perguntou: Quando é que o recebeu?

— Ha pouco mais de uma hora.

— A senhora é que tem de partir. Se o sr. Millington julgasse necessaria a minha presença por ter encontrado os papeis, tel-o-hia dito. O achado está authenticado, como se deve lembrar, pelo sr. Green, que serve de juiz de paz no districto. E' a si que elle chama.

— Mas repara Bob, que elle nada diz dos papeis. Somos nós que estamos preoccupados com elles.

— Que importa? E' presentimento que se não deve desprezar. E depois continuou:

— Volte para Narenita, volte; aprompte-se rapidamente, que eu a conduzirei a Talworth. Poderá estar em Sidney amanhã de manhã. Temos de nos apressar para não perdermos o comboio. Despediram-se e voltaram para casa depois de combinar o ponto de reunião.

— Tres quartos de hora antes da partida do comboio! exclamava Bob, guiando o *buggy* por sobre a ponte á entrada de Talworth, contente com a sua viagem rapida, animando os cavallos com a ponta do chicote. — Andámos bem, proseguia n'aquella phrase pitoresca do bom cocheiro que confunde os percursos, como se fora elle proprio

que caminhasse, e entraram na rua principal da cidade. Terá tempo de comer alguma cousa antes de partir. Emquanto estiver no hotel eu vou ao correio saber se ha carta para a senhora.

Instantes depois a sr.^a Moss sentava-se á meza em volta da qual expansivos uns, preocupados outros, remurejantes todos, os viajantes chegados e promptos a partir jantavam apressadamente. Em breve Bob entrava na sala, procurava em rapido relancear o logar de Helena Moss, approximara-se respeitoso e apresentara-lhe um papel dobrado:

— Um novo telegramma para si, minha senhora. Iam mandal-o para Narenita por um proprio.

A sr.^a Moss rasgou o sobrescripto, e leu avidamente.

— Foi bem bom termos vindo, — e entregou-lhe o telegramma.

— Bob leu-o. «Venha immediatamente. Audiencia amanhã. Vá encontrar-me no tribunal com os papeis.» Bob teve o sorriso satisfeito de quem se felicita por ter procedido com acerto.

— Agora resta partir para Sidney. Creia que aguardarei em Malugalala anciosamente noticias suas.

Meia hora decorrida, a sr.^a Moss, aconchegada n'um canto da carruagem, emballada pela trepidação do comboio que ia devorando o espaço, deixava correr a phantasia na discussão intima das mais extraordinarias hypotheses sobre o resultado da audiencia cuja importancia desconhecia, na busca cada vez mais difficil do famoso testamento perdido.

• • •

Millington fôra para o tribunal, n'aquella manhã, com o espirito repleto de incertezas e coração sobresaltado. Candler conseguira apressar os termos da acção e forçara o andamento do processo, de sorte que a audiencia preliminar surprehendera-o e estava completamente desprevenido. Tivera apenas tempo de colher algumas notas de informação concernentes a um segundo Pedro Braz, como elle dizia em resposta ao articulado do pretendente, o qual estivera na vizinhança de Narenita e alli vivera alguns annos antes. Esperava que se pudesse apresentar algum ponto na discussão sobre o qual elle se pudesse firmar para a contestação, porém estava n'uma situação decididamente desvantajosa. Não tinha a menor idéa do resultado das investigações a que procedera Candler, e o seu habil advogado, que sem duvida seria tanto mais ardiloso quanto o movia contra elle o sentimento da inveja e o ardor da ingratidão.

O juiz, que tinha presidido a outras causas do moço advogado, sorriu-se ao vê-lo.

— Traz-nos hoje alguma outra surpresa, sr. Millington? — perguntou prasenteiro. — As surpresas de Millington ainda hão de ficar celebres nos fastos dos nossos tribunaes. O magistrado referia-se a um caso recente em que João Millington preparara um effeito de prova inesperada que lhe deu a sua fama.

João Millington, sorriu-se directamente, occultando bem o estado do seu espirito.

— Eu mal sei ainda o que tenho de apresentar ao tribunal, replicou.

Consultou o relógio. Se a sr.^a Moss tivesse tomado um trem deveria chegar em dez minutos, pensava elle, e assim dar-lhe-hia tempo de passar pelos olhos os papeis. Contava com elles e esperava não ter de soffrer uma decepção. Demorou os actos preparatorios da audiencia quanto possivel, porém a sr.^a Moss não apparecia.

Entretanto esta chegára a Sidney, e tomára um carro de preço: — Leve-me ao tribunal.

— A que tribunal? — perguntou naturalmente o cocheiro.

Aqui surgiu-lhe uma duvida bem intempestiva. Releu o telegramma, porém n'elle não estava designado qual o tribunal.

— Ao tribunal onde se julga a pretenção á herança de Pedro Braz — respondeu ella sem pensar, na involuntaria inconsequencia da direcção que dava ao cocheiro. Nada sei a esse respeito, replicou o cocheiro, olhando desconfiado para a sua fregueza que demonstrava uma viva impaciencia.

— Bem, siga para todos os tribunaes que houver em Sidney, e não perca tempo — e resoluta entrou no carro.

Como era de esperar foram parar a sitios errados, e como se fôra victima d'um pesadelo, a sr.^a Moss julgava já não ter de encontrar o lugar que queria. Mal podia acreditar no que lhe ia succedendo. Não sabia para onde ir. Afinal, n'um dos tribunaes, encontrou alguém, menos apressado e menos laconico de que muitos outros, a quem se dirigiu, e o qual depois de lhe ouvir a inevitavel pergunta. — Desejava saber onde se realisa hoje o processo da herança de Pedro Braz — lhe perguntou pelo nome do advogado e foi colher informações. Quiz o acaso que soubesse alguma cousa de definitivo.

— Não se julgou ainda. Está sendo examinado ante o juiz em audiencia preliminar no tribunal de... — e deu-lhe a direcção.

— Já lá estive e ali nada sabem — replicou a sr.^a Moss contristada profundamente.

— Talvez perguntasse onde se estava jul-

gando. Se assim foi enganou-se. Bem pôde apressar-se ou chegará tarde.

Entretanto João Millington estava sobre brazas, ouvindo o advogado de Candler desenrolar as suas pretensões, e a sr.^a Moss sem apparecer. Viu que era difficil contraditar o que se tinha dito, e de modo a decidir logo a questão. O processo teria de ser levado perante o tribunal pleno e seguir n'uma discussão cheia de incertezas no resultado. O advogado de Candler não produzira documentos decisivos, apenas fazia affirmações que procurava demonstrar por deducção; queria provar que o nome appellido da avô de Candler era Braz, a qual tinha um irmão de nome Pedro, que fôra visto nas vizinhanças de Narenita n'uma dada época. Portanto o Pedro Braz, morto sem testamento conhecido, era o dono de Malugalala, irmão de Marta Anna Budge, por nascimento Braz, tio-avô de Candler e herdeiro. Evidentemente, partindo do appellido Braz, o audicioso Candler arranjou prova de parentesco por elle, e apenas lhe restava provar a identidade dos dois Pedro Braz. Sobre este ponto, o advogado architectava uma complicada exposição, e em verdade esperava mais conseguir prova pela falta de elementos que em contrario lhe pudesse oppôr Millington, do que pela evidencia das suas affirmações. Emquanto o juiz examinou detidamente os elementos apresentados, chegou afinal a senhora Moss, conferenciou rapidamente com Millington, a quem entregou os documentos encontrados, e a qual, mais uma vez, o felicitou do feliz acaso que lhe proporcionava uma defeza segura. Elle viu logo que poderia confundir as asserções do advogado de Candler.

Quando este se sentou depois do discurso João Millington levantou-se seguro de si, e tomando os documentos apresentou-os ao juiz. Elles foram bastantes para evidenciar a mentira imaginosa do pretendente Candler. Havia principalmente a mudança do nome que adoptara Pedro Braz, a qual destruia a deducção de parentesco.

Depois a senhora Moss fez o seu depoimento complementar de muitos factos, que decidiram o tribunal. O juiz declarou improcedente a acção por falta de base, de sorte que, segundo as praxes legaes, não remettia o processo para o tribunal pleno. Não ficavam duvidas a discutir, e voltando-se para Candler, o juiz ainda acrescentou:

— O senhor ainda se deve considerar com muita sorte, quando suppuz que na sua pretensão houvera apenas engano e bom desejo de receber uma herança valiosa; quero acreditar que o seu Pedro Braz era outro, como ha muitas Marias na terra.

— Espero que ficará alguns dias na cidade, dizia mais tarde João Millington, jantando com a senhora Moss no *restaurant*, bem contentes com o resultado da audiência.

— Tenho de voltar por Narenita amanhã, Como sabe, estou ensinando as creanças da senhora Green, depois que Catharina partiu. Ella deve estar ainda em Sydney. Muito gostaria de a vêr, como também desejava bastante que o senhor a encontrasse, e a conhecesse; é uma galante rapariga. Pelo caminho, vim igualmente pensando na maneira de procurar e adquirir a velha cadeira e o retrato de Pedro Braz. Pela descrição que a menina Reid me fez d'estes velhos moveis que o pae comprara em Inglaterra e que trouxera para a colonia, fiquei convencida de que eram os mesmos. Catherina contou-me que depois da morte do pae, e antes de partir para Narenita por providencial recommendação do medico que tratou do pae, fizera leilão de toda a mobilia, e tenho o presentimento

de que os moveis se encontrem n'algum ade-lo. Occuparei o meu dia n'esta busca.

— Ha de ser difficil, minha bôa amiga. Só um acaso muito feliz lhe pode descobrir o comprador ocasional da mobilia de Reid, e o paradeiro actual da velha cadeira. De mais, ella não é tão appetecivel como a senhora julga. Talvez porque liga a ella a lembrança do tempo de Malugalala e do desaparecido testamento.

— Hei de empregar todo o meu esforço, replicou a senhora Moss, em encontrar aquellos objectos, nos quaes concentro uma esperança supersticiosa que se me arreigou no espirito. Sobretudo depois que Catharina me contou a influencia extranha que elles tinham

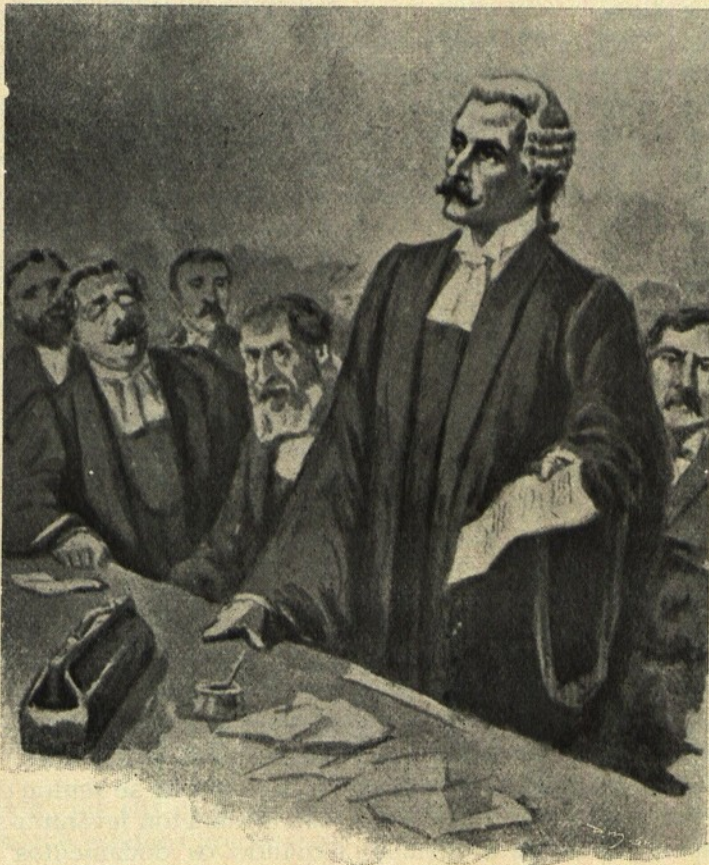
exercido na vida dos seus possuidores eventuaes.

— Sei quanto é tenaz nas suas ideas, completou Millington. Assim o seu desejo de que conheça a menina Reid talvez em breve se realize, porque eu tenho de ir visitar Golgolgoa, a outra propriedade de Pedro Braz, e para lá ir faço caminho pela fazenda de Riverina, para onde me disse ter ido Catharina. Apens succede que n'aquelle local conheço um amigo Smith, proprietario de outra fazenda. Com o nome de Clarke não conheço

ninguem. Mas é possível ainda assim encontrar, sem mesmo procurar, a menina Reid; o que será acaso bem mais provavel do que a senhora descobrir os velhos moveis.

— Verá que os encontro, afirmou a senhora Moss.

Todavia apesar d'esta firme convicção, a busca do dia seguinte foi infructifera e a senhora Moss teve de regressar a Narenita, sem a desejada cadeira, ao mesmo tempo que João Millington partia para a propriedade em ad-



... e tomando os documentos apresentou-os ao juiz.

ministração. Dias depois João Millington embarcava na estação de Redfern a caminho de Golgolgoa, propriedade que elle tinha curiosidade de visitar, pela novidade da região e pelo rendimento importante que sob sua administração já d'ella recolhera. O compartimento em que viajava, ia cheio no momento da partida. N'aquelle manhã o movimento de passageiros era excepcional, o que lhe contrariava o egoismo natural, de quem segue n'um comboio para largo percurso; felizmente ao chegar a Jugela os companheiros sahiram. Começou então de apreciar a paisagem; o scenario de um e d'outro lado da linha não era variado, grupos de arvores, extensos trechos de matto, de quando em

quando talhões de terreno escolhido e apropriado para pastagem.

Em Langley, depois de um percurso de noventa milhas teve de mudar de comboio. A demora na estação de entroncamento era pequena; apenas a indispensável para almoçar frugalmente. A nova linha seguia o seu traçado através as grandes planícies de Riverina, um dos mais admiráveis aspectos do continente Australiano; uns vastos oceanos de areia, cobrindo uma enorme extensão atravessada por tres rios, e onde surgem, como grandes ilhas, raros terrenos aráveis.

Vastos oceanos de areia, sobre os quaes se pôde muitas vezes observar a miragem, que nenhum germen da vida apresentam, e comtudo depois das chuvas abundantes se cobrem da mais linda verdura, exuberante no desenvolvimento, e ephemera na duração, mercê dos nitratos com que a natureza dotou aquelles terrenos.

Em Orama, João Millington recebeu aviso do amigo, a quem escrevera, de que com muito pesar tivera de se ausentar do districto, mas pedira ao seu visinho, o sr. Clarke, cuja apresentação lhe fazia na carta, para o receber e acompanhar. Esta hospedagem franca é habitual, e todos a desempenham com prazer, em regiões tão isoladas. João Millington devia seguir de carruagem até Neilpo, onde o sr. Clarke o esperaria com o *buggy*.

Quando chegou a Neilpo ahí o encontrou effectivamente, um amavel e educado fazendeiro que lhe pediu desculpas de não o ter ido esperar a Orama.

— Por quem é, então, mil agradecimentos lhe devo já pela gentileza da sua hospitalidade, dizia João Millington — apertando-lhe a mão que com gesto franco e seguro o sr. Clarke lhe estendia.

— Não calculava semelhante jornada depois de deixar o comboio?

— Não, em verdade foi uma surpresa.

— Todavia não lhe foi desagradavel?

— De nenhum modo. Ao contrario, a digressão é interessante, porque são curiosos de observar os terrenos percorridos.

— Agora descançamos esta noute aqui.

— Que distancia teremos ainda de percorrer?

— Trinta milhas até Yeltana, minha residencia; depois terá outras cincoenta para Golgolgoa, mas ha-de nos dar o prazer de ficar comnosco algum tempo para descançar antes de seguir para ahí.

Antes de amanhecer no dia seguinte estavam a caminho. O ar era delicioso, fresco e puro. O aspecto do paiz continuava identico ao já percorrido.

O sol estava já alto quando afinal chega-

ram a Yeltana. João Millington olhou em redor consternado, não se atrevendo a dizer palavra. Afigurava-se-lhe ser ali o centro da desolação. Nem um vestigio de vegetação, que se visse. Na sua frente levantava-se a casa, silenciosa e morta na solidão, como se estivesse submergida em gelo.

Chegaram aos degraus da escada que dava accesso á porta da frente; apearam-se e um criado veio recolher o *buggy*, tomar as pequenas malas de viagem. A senhora Clarke, muito gentil, veio receber amavelmente o recémchegado hospede, a quem foi indicado o seu quarto, bem confortavel, onde Millington soffreu a agradável surpresa do conforto, quasi do luxo do mobiliario e da decoração.

— Creio que encontrará o necessario, mas se alguma cousa desejar, queira tocar a campainha, sem a minima cerimonia— e o senhor Clarke retirava-se fechando a porta.

João Millington que sempre ouvira dizer que no interior do paiz a gente tinha de passar incomodos e de se sujeitar a elles, estava admirado, de encontrar n'aquelle lugar a abundancia dos confortos, como se fora em plena cidade. Via-se bem que o proprietario era rico e bem educado. João Millington pensava no estranho acaso que o fizera travar relações por ausencia do seu amigo, com o senhor Clarke, aquelle mesmo nome de que Helena Moss lhe fallara, e para casa de quem partira a menina Reid.

Tinha acabado de se vestir quando ouviu passos na varanda, e ouviu soar a sineta para o *lunch*. Saiu do quarto e encontrou o seu hospedeiro esperando, conduzindo-o para a casa de jantar que era na outra extremidade da casa, um bela salla com paredes de madeira finamente polida e o tecto em alto relevo. Ali encontrou Catharina, a quem foi apresentado, e a qual acompanhava uma pequenita.

— Os meus trez rapazes estão em Melbourne, explicou o sr. Clarke. Dois estão no collegio, e o mais velho estudando na Universidade.

A conversação tornou-se pouco a pouco animada, cada um trazendo para ella o assumpto que o interessava. O sr. Clarke sabia do desaparecimento do testamento de Pedro Braz, da fama do moço advogado, da sua provada intelligencia, por narrativas do seu visinho Smith, amigo commum, a cuja ausencia inesperada devia a visita de Millington. A menina Reid dava noticias de Narenita, contou, apesar das interrupções da senhora Clarke, a generosa offerta d'esta, como antiga amiga da sua mãe. João Millington ouvia-a, e insensivelmente interessava-o, penssando para si que a senhora Moss tinha

razão em dizer que ella era em verdade muito galante.

Depois fallou-se do local, da paisagem, do aspecto particular de Réverina, da necessidade de recorrer á irrigação, sendo supprida a agua por poços artesianos, na pequena horta e pomar, perto da casa, mas occulto n'uma corcova do terreno, que forneciam a vivenda.

— Que pena estar o rio tão afastado! — disse Millington.

— Assim é, comtudo as chuvas são muito abundantes, quando as ha, e n'esse periodo aproveitam-se; enchem-se os tanques, as cisternas e as albufeiras, que supprem a agua durante muito tempo.

— Mas dizem-me que as chuvas aqui são irregulares.

— Tivemos as nossas ultimas chuvas ha trez annos — interpôz a senhora Clarke. João olhou para ella duvidoso, como se a não tivesse percebido bem.

— Sim sr. Millington, ha trez annos que tivemos as ultimas chuvas para se encherem as albufeiras. Temos tido, já se vê, aguaceiros, mas nada que pódssa fornecer a propriedade e as pastagens. Começam já a estar muito baixas, e o receio d'uma fatal estiagem preoccupa-nos.

N'aquella mesma tarde o moço advogado annunciou a tenção de seguir para Golgoa na manhã proxima.

— Quero primeiro desempenhar-me da minha obrigação, e depois voltarei aqui onde tão amavelmente me receberam *se me querem ter cá* — disse elle, em resposta á insistencia do seu hospedeiro para que ficasse alguns dias mais antes de principiar o trabalho.

— O sr. Millington tem razão, disse sua mulher, — e voltando-se para este — voltará e ficará comnosco uma semana não é assim? Está promettido.

• • •

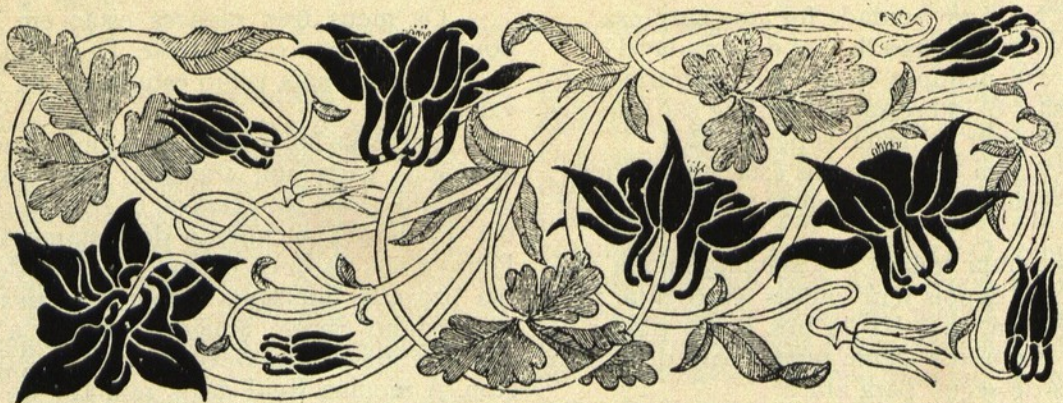
João Millington desembaraçou-se o mais depressa possivel dos seus trabalhos em Golgoa. A administração da propriedade corria bem. O pessoal que Pedro Braz escolhera era sempre bom e elle soubera grangear-lhe a affeição. O gerente d'esta era um parente do Geo de Malugalala, e tudo corria bem. Apenas se tornou necessario aperfeiçoar a escripturação, para que as contas de administração judicial fossem minuciosas.

— Hei-de partir para Yeltana esta tarde — disse elle emfim ao gerente quando sahiam juntos do seu pequeno escriptorio para jantar. Queira preparar-me transporte.

— Parece que váe chover sr. Millington — objectou Geo, olhando para o céu — comtudo não se pódse ter a certeza. Algumas vezes ameaça mau tempo por dias e dias e afinal fica em nada. No entanto desajaria que ficasse até ámanhã.

(Adaptado do inglez).

(Continua).



A Architectura da Renascença em Portugal

POR ALBRECHT HAUPT

O convento dos Jeronymos em Belem. Mestre Boutaca. Mestre João de Castilho. Construcção do mosteiro. Architectos e empreiteiros. Preços. Dormitorios. A igreja de Santa Maria. A capella mór. As naves principal e transversal. O côro. A capella mór.

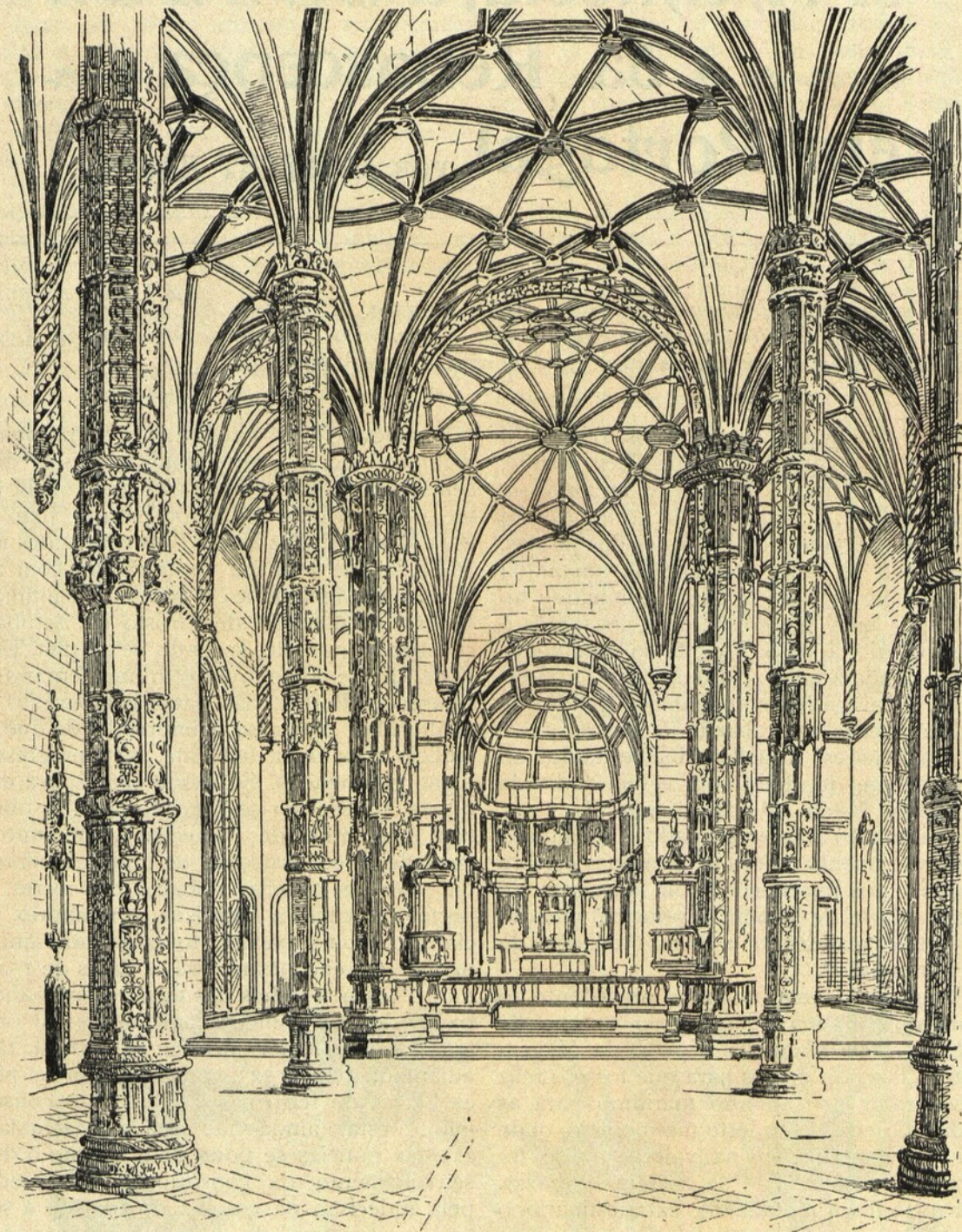
DESDE OS mais antigos tempos, Belem,¹ o ultimo suburbio de Lisboa Tejo abaixo, era de muito particular importancia para a cidade, ficando situado ao fim de seu porto, e defendido dos ataques dos piratas, que, como se sabe, desempenhavam ainda no principio do seculo papel dominante no mar, por uma poderosa torre, levantada á beira do rio, a de S. Vicente da qual voltaremos ainda a fallar. Ao tempo de D. Henrique, o navegador, compunha-se a aldêa de Belem apenas de cabanas de pescadores e de marinheiros. Aquelle principe fundou ali um pequeno mosteiro com igreja dedicada á Virgem Maria. Desde o anno de 1500, esta fundação tomou arrojado e impetuoso desenvolvimento; d'ella se formou o celebre mosteiro dos Jeronymos² com sua igreja de Santa Maria de Belem, a principal creação do estylo manuelino, a obra predilecta do rei afortunado³.

Vasco da Gama, na noite precedente ao embarque, ultima passada em terreno da patria, rezou n'aquella capella da Virgem Maria, fazendo preces para que fosse o feliz descobridor do caminho maritimo para as Indias Orientaes, e n'este mesmo sitio, onde veio a desembarcar na volta e onde foi recebido pelo rei, ali se decidiu eternizar, por meio d'um monumento extraordinario, o grandioso acontecimento que dos portuguezes fez a primeira nação maritima.

Em 21 de abril de 1500, D. Manuel, lançou a pedra fundamental do novo edificio. Este monumento, unico no seu genero, não só realizou o impulso artistico da época, mas ao mesmo tempo formou em pedra o monumento nacional do maior feito, adquirido para o povo portuguez, como em palavras é os *Lusiadas* de Camões.

Segundo contas encontradas, o primeiro architecto do mosteiro, durante alguns decenniis, teria sido Boutaca (Botaca ou Boytaca, etc.) o qual trabalhou para D. João II e D. Manuel. Diz-se que estivera antes na Italia, o que está em contradicção com as fórmulas absolutamente em gothico das ultimas épocas, do mosteiro de Christo em Setubal, construido por elle, segundo se affirma. Em 1511, cita-se como architecto um Fernandes Lourenço. Porém, das datas comparadas e conhecidas, obtem-se a impressão de que o edificio não tivera feito até 1517, progresso digno de menção. Só desde esta época em diante parece ter-se lançado mão á obra com mais seriedade; começam n'este anno a verdadeira construcção, os grandes pilares da nave, as capellas debaixo das torres, o portal principal, a sacristia, o refeitório. O claustro, como parece, foi começado ainda mais tarde, encontrando-se as datas de 1542 e de 1544 nos fechos das mais recentes abobadas do seu primeiro pavimento. A original capella mór da igreja estava tão adiantada em 1523, que podiam-se pôr as barras de ferro nas janellas; por conseguinte estas ainda não estavam fechadas. D'estas noticias se pôde deduzir que o desenvolvimento da construcção, foi detido pela indecisão na escolha do traçado a seguir, como tambem pelo lançamento das fundações. Como a edificação só com D. João de Castilho toma fórma definitiva, pôde dizer-se com certeza que este foi o verdadeiro e competente architecto pelo menos da construcção artistica em seu conjunto; porém a planta corresponde bastante á da igreja de Christo em Setubal, de maneira que ha direito de dizer que ella é de Boutaca e foi fielmente conservada na

execução. A architectura de Setubal, porém, não mostra Boutaca como artista tão eminente que se lhe podesse logo attribuir a nave transversal. A soberba construcção do dormitorio não estava ainda principiada no anno do fallecimento de D. Manuel em 1521.



Interior da Egreja de Santa Maria de Belem

composição total d'uma obra, tão imponente como a de Belem.

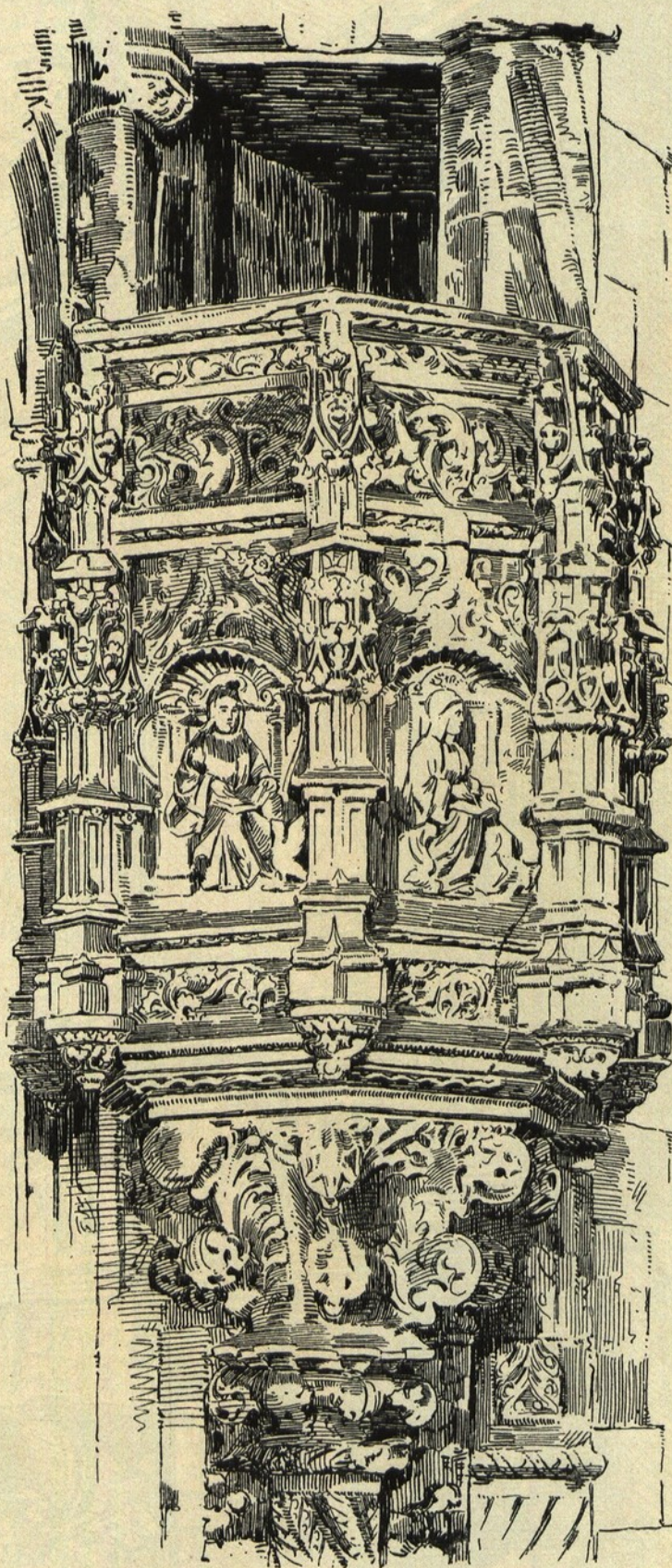
Em 23 de setembro de 1522, afirma-se outra vez ser Castilho o mestre e por esta ocasião recebe elle mil cruzados pela construcção dos pilares e da grande abobada da

João de Castilho nasceu pelos annos de 1490 e morreu proximo de 1581. A sua acção productora abrange por conseguinte todo o periodo glorioso do seu paiz. No anno de 1541, dá elle n'um recibo que ainda se conserva, uma lista dos trabalhos que diri-

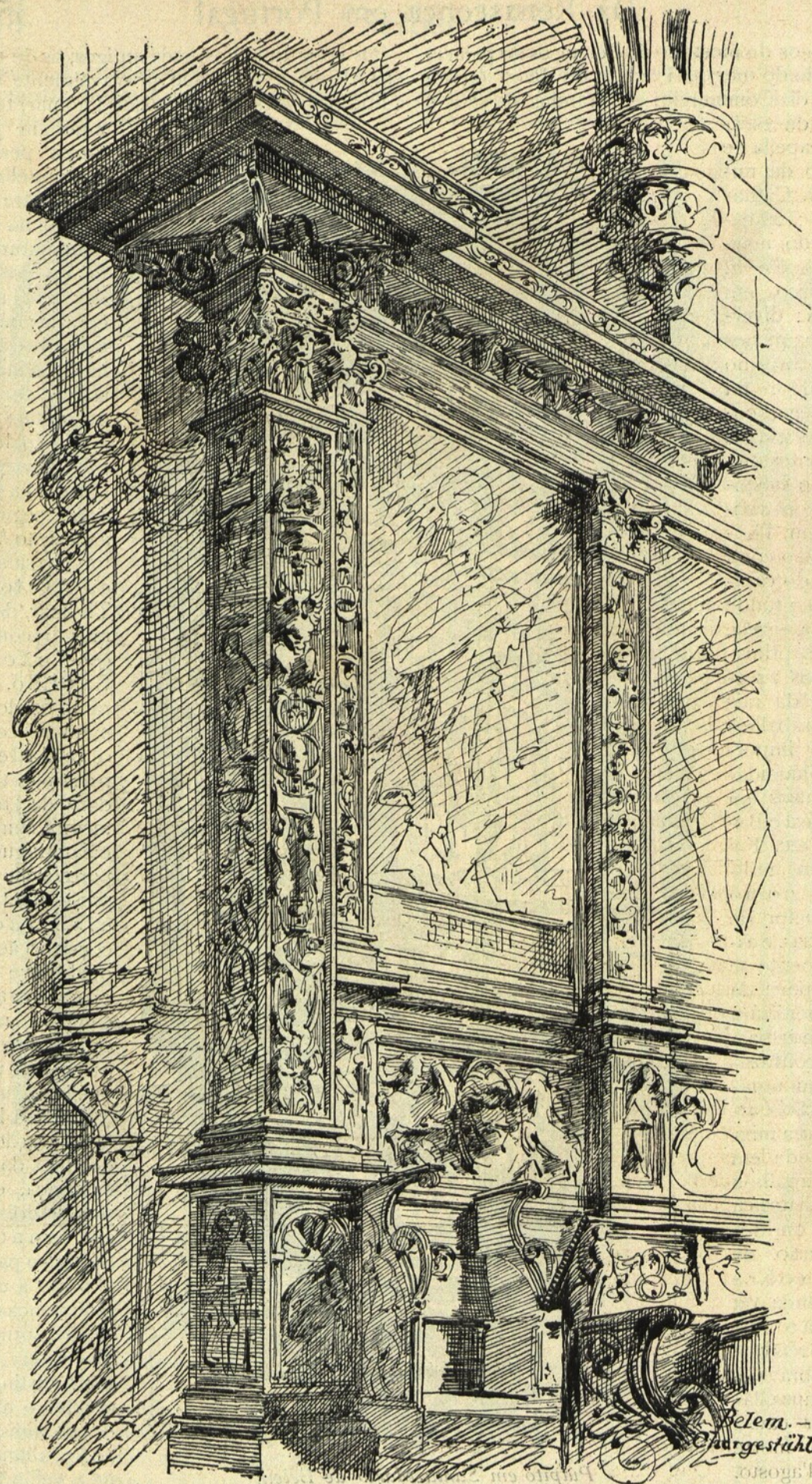
gira:—os do mosteiro de Belem; os do palacio do lado do mar do Terreiro do Paço (agora praça do Commercio) — varandas da sala, a caixa da esca- da, capella e quarto da rainha D. Catharina—; a capella do mosteiro de S. Francisco em Lisboa; diversos pequenos trabalhos no arsenal e na alfandega, como tambem em diferentes palacios e hospitaes; construcções em Thomar: — o côro, a sala do capitulo, o grande arco da igreja, portal principal, e os aposentos da rainha; trabalhos menos importantes na cidade; outros em Alcobça e Batalha, etc. Foi tambem utilizado como constructor de fortalezas, e especialmente se vangloriava da que realizára no grande bastião de Mazagão, uma notavel obra de architectura militar. Ainda em 1551 trabalhou em Thomar. Existe um documento de 1581, sobre uma renda ou pensão de 52\$000 réis que elle cobrava e que foi annullada por causa da sua morte em 30 d'agosto.

Os seus trabalhos mais antigos, os de 1519 em Alcobça, e os que provavelmente executou pelo mesmo tempo em Thomar, testemunham por

forma persuasiva que elle era um mestre primacial na maneira naturalista do gothico das ultimas épocas, muito mesclada de motivos indios; assim, se não quizermos dar o principal merito a Ayres do Quental, o qual, segundo a tradição é autor da sala do capitulo em Thomar, devemos reconhecer João de Castilho, perante os documentos, como o verdadeiro porta-estandarte da architectura nacional portugueza, porque elle expressamente se ufana d'essa construcção, a qual deve ser considerada como a mais caracteristica e curiosa n'aquella orientação. Uma lenta infiltração de detalhes da renascença, e especialmente em ornatos, condul-o passo a passo a uma renascença que se váe tornando cada vez mais distincta, até que o mestre, proximo de 1530, abandona a velha fór-



Pulpito em Santa Mario de Belem



Cadeiras do còro

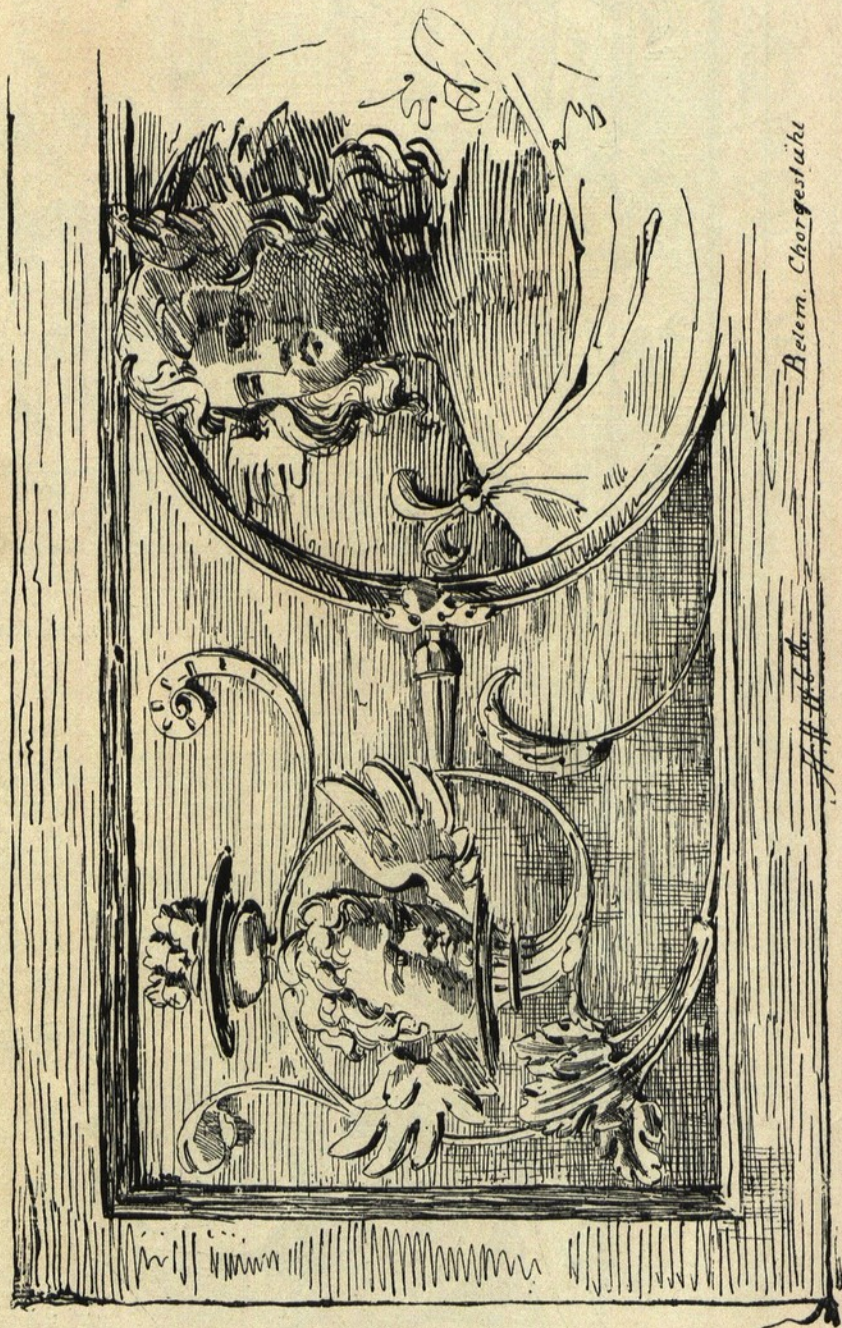
Belem. —
Ergestühl
am 30. d. August

ma de expressão artística, applicando-se a uma outra composição e execução analogas á maneira hespanhola do mesmo periodo. A sua ultima obra authentica, a *loggia* das capellas imperfeitas da Batalha (1553) já não apresenta o antigo character. Mas basta de João de Castilho.

E' muito interessante o modo como os trabalhos de Belem eram dirigidos e pagos. Havia uma especie de direcção ou camara de contas com um provedor, um almoxarife e um secretario, cada um dos quaes guardava uma das 3 chaves do cofre. A construcção custava cerca de 9 a 14\$000 réis por semana; o salario do mestre Boutaca era de 100 réis, dos outros mestres era de 60, 50 e 40 réis durante todo o tempo que a obra se executou de jornal. Mais tarde adoptou-se o systema de empreitada, talvez para que a obra progredisse mais rapidamente. Este systema começou a 2 de janeiro de 1517 sob a direcção de Castilho, ao qual deram de tarefa os claustros, a sala do capitulo, a sacristia e o portal da nave transversal. Para isto tinha de ter sempre cem trabalhadores e recebia cada mez 140\$000 réis, por conseguinte 50 réis por dia e operario.

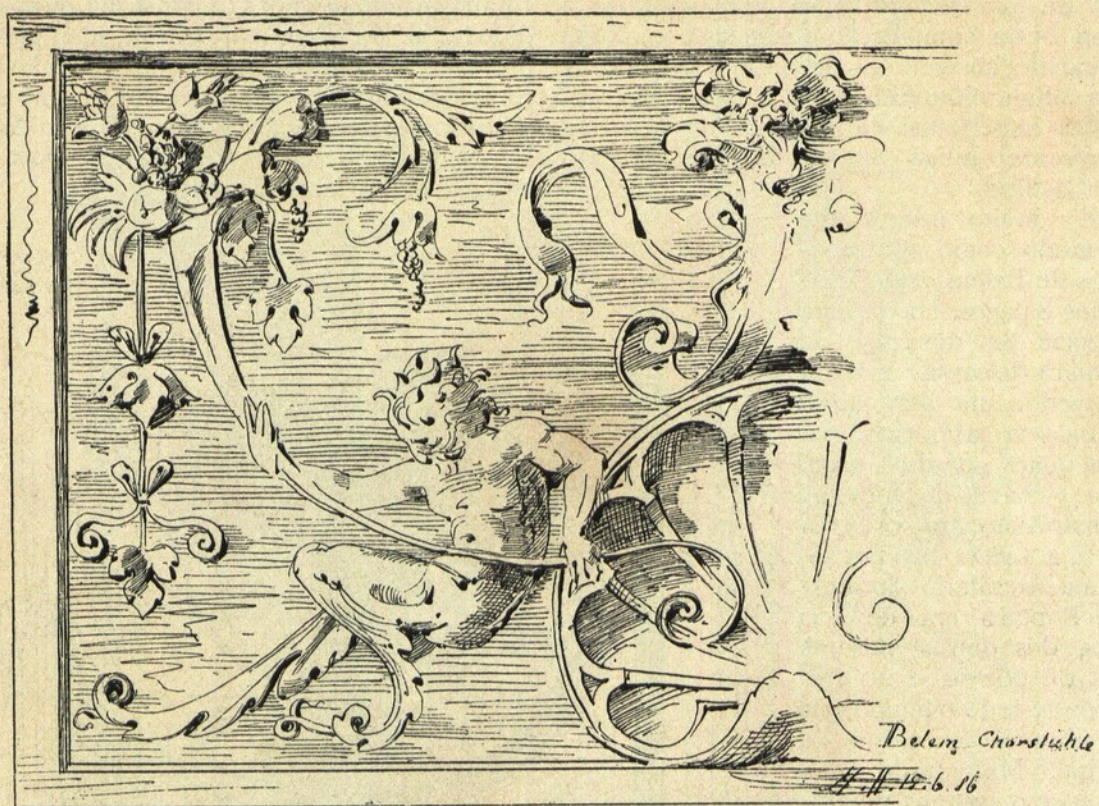
Citam-se além de Castilho outros artifices empregados n'aquella construcção, que trabalhavam sob sua direcção. Em 1517, dava-se de empreitada a Domingos Guerra, architecto, uma capella; a João Gonçalves, outra; a Francisco de Benavente, architecto, os pilares grandes da nave; a Fernando Ferosa, architecto, a sacristia; a Leonardo Vaz, o refeitório. Dava-se ao mestre Nicoláo o francez, esculptor, a execução do portal principal, por certo ao mesmo artista que mais tarde com Diogo de Castilho fez a esplendida entrada da igreja de Santa Cruz em Coimbra. Que fosse o mesmo Nicoláo

Chatranez quem em 1532 construiu o esplendido altar da Pena em Cintra, não parece provavel perante o estylo, comtudo não seria impossivel. Dos pintores que foram empregados na decoraçáo citam-se: Braz d'Avellar e Arrerino em 1510; Gaspar Dias em 1534; e Man. Campello em 1540.

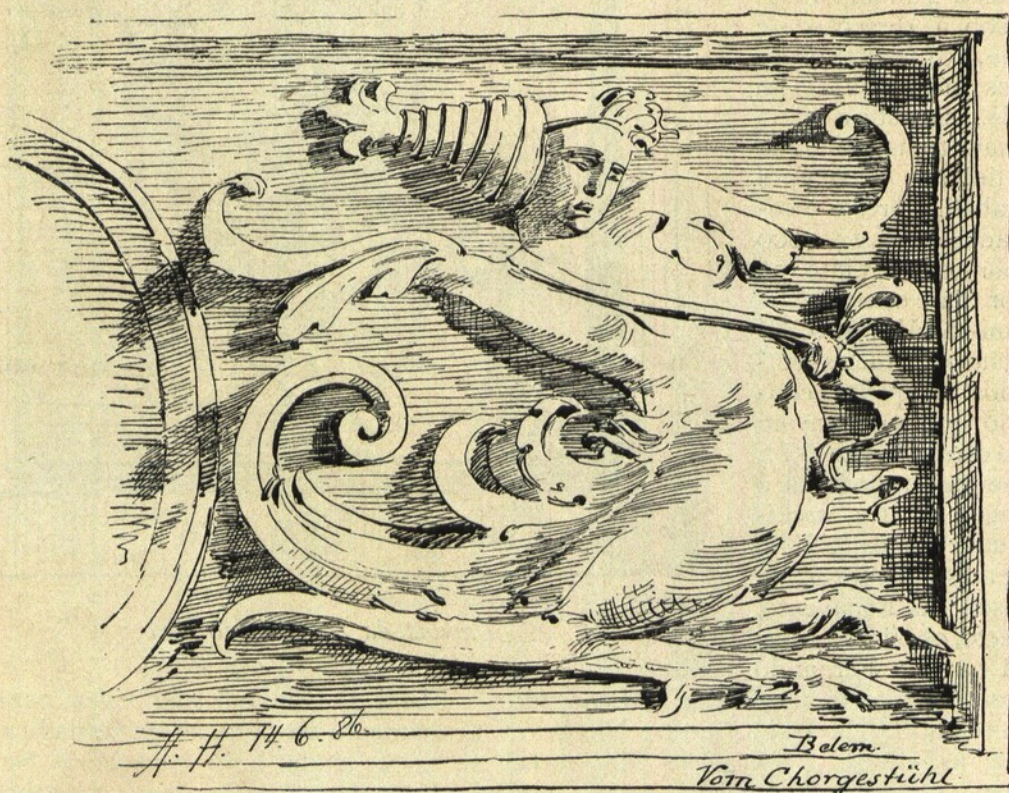


Lambis da bancada do côro

El-rei D. Manuel não viveu para vêr o acabamento da obra, se em verdade acabada se pode ainda hoje considerar. Seu filho D. João III, até 1551, deu á construcção um tal ou qual acabamento. A grandiosa traça do mosteiro compõe-se d'uma soberba cgreja de trez naves com sua transversal e uma

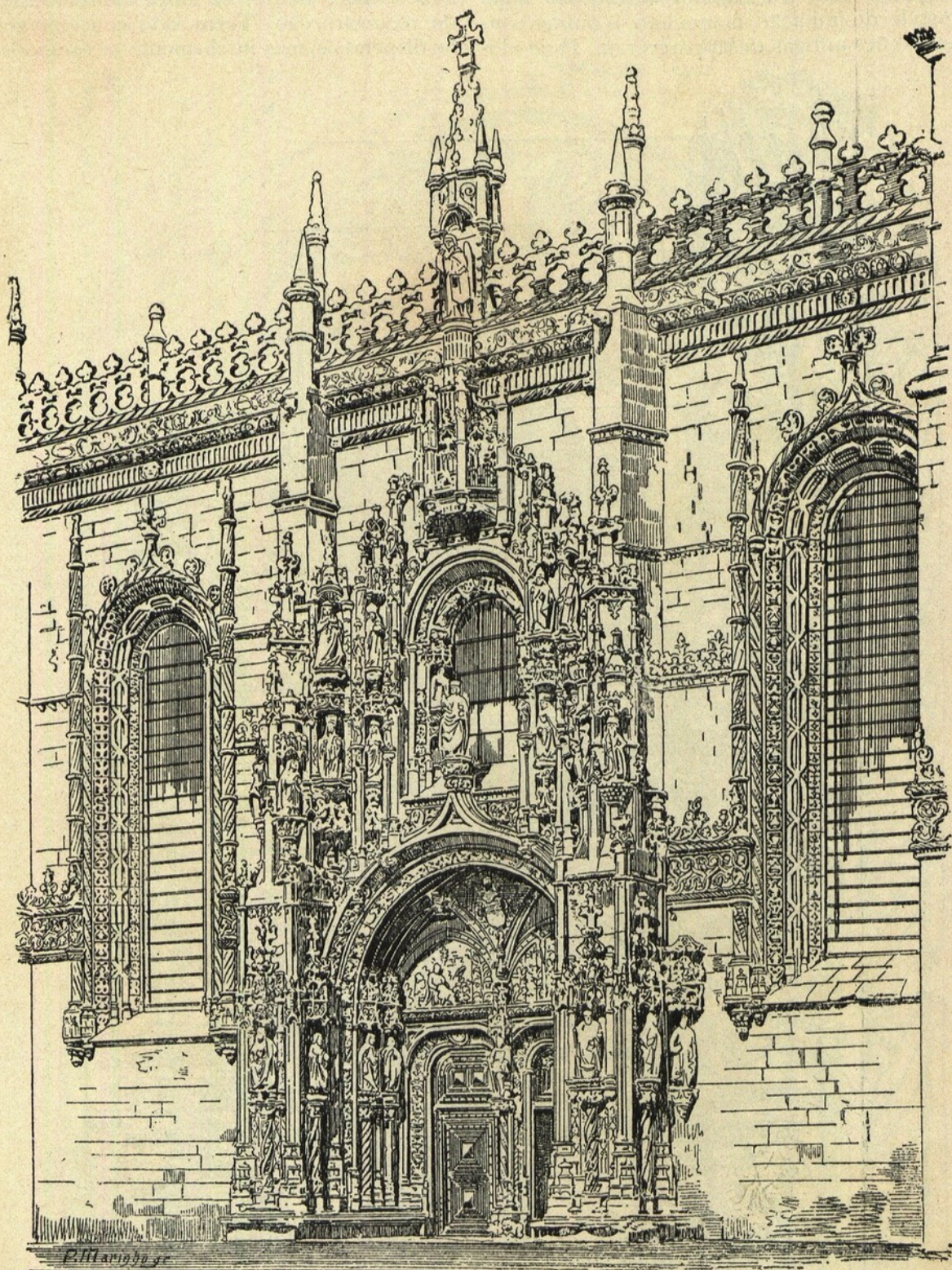


Detalhe de escultura em madeira



Detalhe de escultura em madeira

galeria ao poente para côro dos monges, e desenho projectado era maior. Ao lado d'um esplendido claustro quadrado ao norte, poente da igreja ajuntou-se a immensa con-



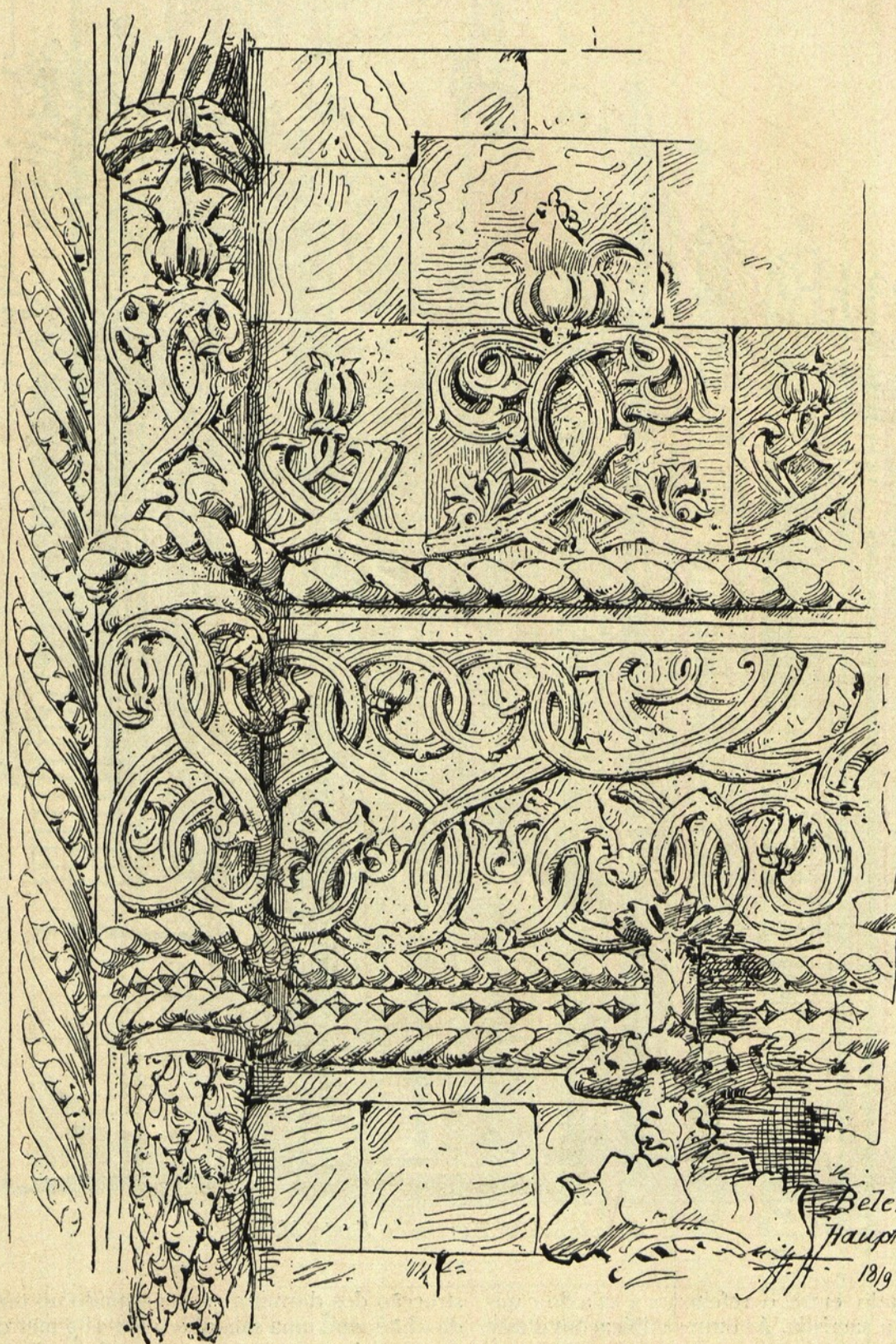
Portal do lado sul da Igreja de Santa Maria

encerrado entre o refeitório, a sala do capítulo e a sacristia. As outras edificações d'esse lado desapareceram com o segundo pátio ou nunca foram executadas. Com certeza o

strucção dos dormitórios, consistindo no rezdo-chão em uma sala aberta de 185 metros de comprimento, repousando sobre pilares de reforço e em cima em um andar com di-

visões irregulares que continham as cellas, aposentos e quartos dos monges. Este andar superior está infelizmente restaurado n'um estylo de imitação manuelino, e outras construcções antigas desappareceram. Hoje alo-

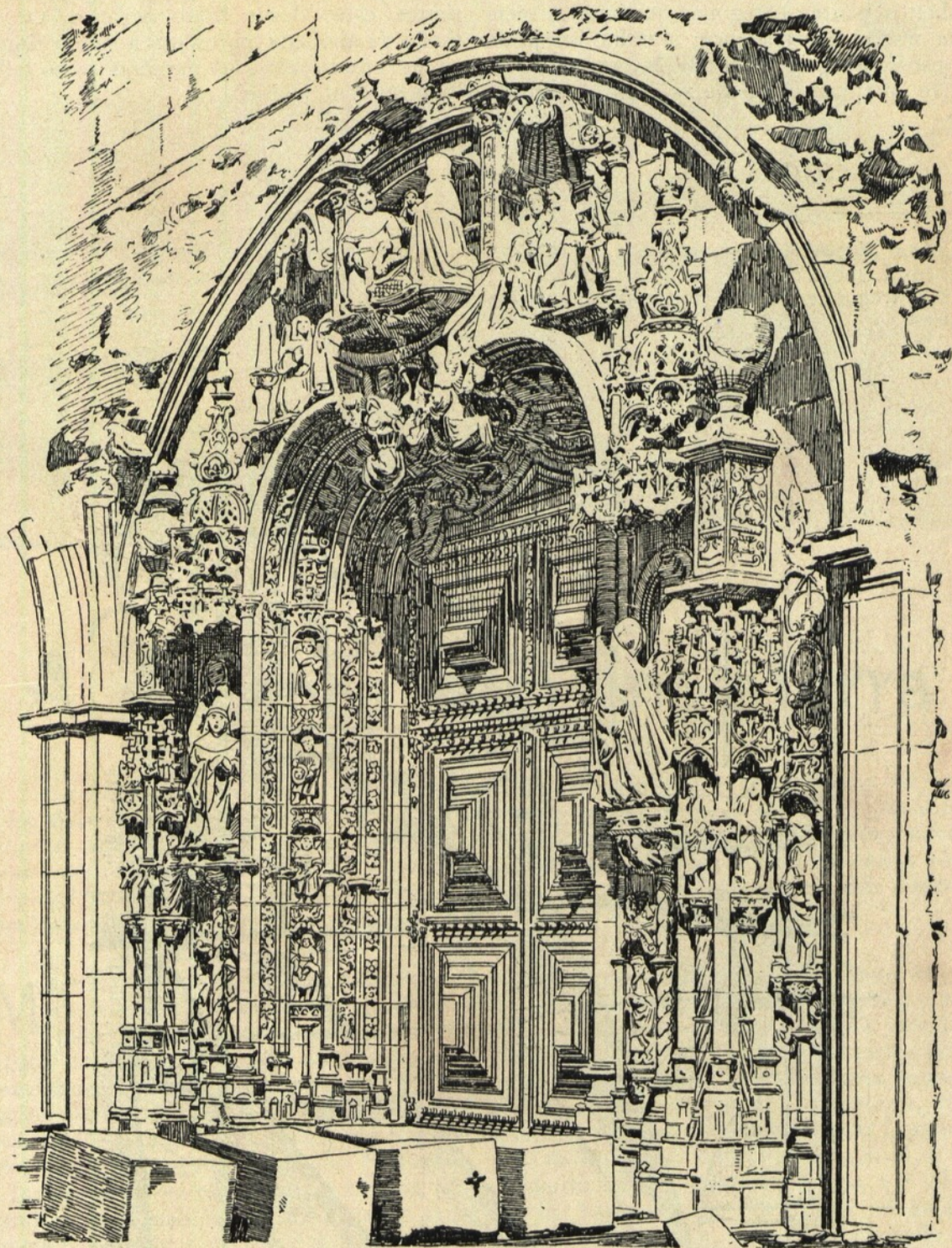
ja-se no mosteiro um asylo para orfãos (Casa Pia) e o todo tem andado há cerca de trinta annos em restauro, ou antes n'uma especie de reconstrucção. Teem sido consideraveis os dispendios, mas infelizmente os resultados



Detalhe do portal

não lhes têm correspondido. (A nova construção central para os dormitórios, de esplendida intenção, cahiu em ruínas antes

de 1755. Tem a igreja tres naves com abobada e outra transversal e côro, fórmula que me é desconhecida no resto do sul e



Portal da fachada oeste da Igreja de Santa Maria

mesmo de se haver concluido). A igreja está ainda felizmente e pela maior parte no seu antigo estado e resistiu apesar da sua audaciosa construção ao terrível tremor de terra

que só tem parêlha na igreja de Christo em Setubal, á qual falta apenas a nave transversal. Seu comprimento é de cerca de 92 metros. A largura da nave de 22,6

metros. A da nave transversal 19 metros, sendo o comprimento d'esta de 29 metros.

A abobada reticulada da nave é sustentada, além dos pilares do cruzeiro por seis esbeltos pilares octagonos que apenas teem um metro de espessura; inaudito arrojo de construcção para uma tão elevada altura de nave que mede mais de 25 metros. Os pila-

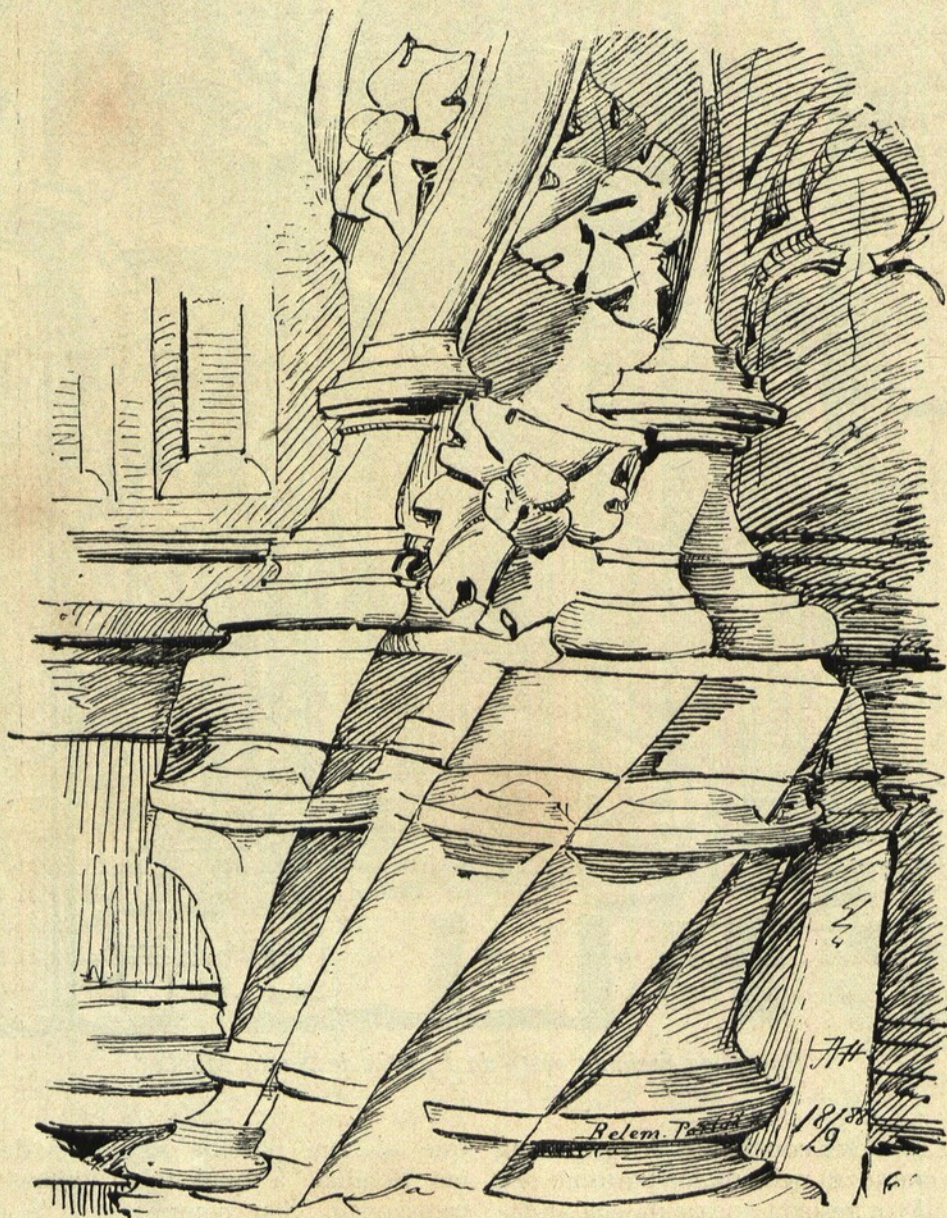
res do cruzeiro teem secção tetrafida ou tetralobada e um diametro de 2,20 metros. Os dois ultimos pilares do lado poente repou- sam sobre a solida galeria do côro, de ma- neira que só quatro d'esses elegantes su- portes, estão desde baixo isolados. O retic- ulo da abobada apresenta a maior rique- za no entrançado das nervuras e no talhe luxuoso das pedras.

(Continua).

Notas do auctor. — ¹ Guia do viajante em Belem, Lisboa, 1872.

² Entregue ao serviço dos monges de S. Jeronymo.

³ Noticia historica e descriptiva do mostei- ro de Belem, por Fr. A. de Varnhagen. Lis- boa, 1842.



Detalhe do portal



O CASTELLO DE WINDSOR

A Alliança com Inglaterra

A annunciada e proxima vinda a Portugal da sua majestade o rei Eduardo VII, em visita deferente e sobremodo significativa, torna opportuna a enumeração descriptiva que n'este artigo se faz dos numerosos e bem antigos tratados de aliança entre as duas nações, recentemente confirmados e executados dia a dia em decisivos actos de intervenção diplomatica e em reciproca troca de serviços que do entrelaçamento de interesses dos dois paizes coloniaes limitrophes naturalmente derivam para grandeza de cada um e em beneficio da civilização.

MR. CHAMBERLAIN, ministro das colonias de Inglaterra, na sua recente passagem pela ilha da Madeira, de regresso da Africa do Sul, agradecendo um brinde, que pessoalmente lhe foi dirigido pelo sr. governador civil do Funchal, no almoço official, que lhe foi offerecido no palacio de S. Lourenço, recordou que ha seculos Portugal e a Inglaterra vivem estreitamente unidos, julgando que o mais antigo dos tratados existentes nos archivos inglezes é o primeiro tratado de aliança offensiva e defensiva celebrado entre os dois paizes e que, com viva satisfação dizia, havia sido confirmado recentemente. Mr. Chamberlain referiu-se, de certo, aos tratados, que por ordem de S. M. a rainha Victoria foram apresentados á camara dos communs de Inglaterra, em con-

sequencia do discurso da corôa de 15 de julho de 1898, como fazendo parte dos compromissos internacionaes mantidos pela Inglaterra. N'esta interessante publicação, vem, entre outros tratados internacionaes, enumerados os de Portugal e a Inglaterra, dos quaes o primeiro foi celebrado em Londres, aos 16 de junho de 1373, entre S. M. o rei Eduardo de Inglaterra e França e S. M. o rei D. Fernando de Portugal e rainha sua consorte D. Leonor, tratado proclamado na Sé Cathedral de Londres n'aquelle mesmo dia, em que se celebrava a festa do Corpo de Deus, como vem especificado no fecho do tratado. Este tratado é tambem o mais antigo tratado de Portugal. Era um tratado reciproco de aliança offensiva e defensiva, obrigando-se os dois chefes de estado a tra-

tar os amigos e inimigos como se seus próprios fossem e auxiliarem-se mutuamente, na terra como no mar, para defesa da integridade e independência dos respectivos paizes prestando-se auxilio armado, de homens e navios, contra invasores, perseguidores e inimigos.

O segundo tratado, assignado em Windsor em 9 de maio de 1386, em seguida á guerra de independência nacional e para consolidação d'esta, entre o rei de Inglaterra e o rei de Hespanha, assegurando a integridade de Portugal, mantinha, nas suas linhas geraes, o tratado de 1373. O terceiro tratado foi assignado em Londres em 20 de janeiro de 1642 entre o rei Carlos de Inglaterra e o rei D. João IV de Portugal, confirmando a historica alliança offensiva e defensiva entre os dois paizes. O quarto tratado, assignado em Westminster aos 20 de julho de 1654, entre a Republica de Inglaterra e o Reino de Portugal, (Cromwell e D. João IV) continha vinte e oito clausulas, mantendo e ampliando n'algumas d'ellas as dos tratados anteriores, fôra precedido, d'um accordo preliminar, assignado em Londres em 29 de dezembro de 1652 e tinha appenso um artigo secreto, fixando em 23 por cento o maximo dos direitos a cobrar nas alfandegas do reino pela importação de fazendas, mercadorias e manufacturas inglezas. O quinto tratado foi assignado em Whitehall em 28 d'abril de 1660 e declaravam as duas altas partes contractantes, considerarem firmes e validos os artigos preliminares do accordo de 29 de dezembro de 1652 e clausulas do tratado de paz e alliança de 20 de julho de 1654. Em 23 de junho de 1661, assignava-se em Whitehall, o sexto tratado, declarando confirmados e ratificados, em tudo e para tudo, os tratados celebrados entre Portugal e a Inglaterra depois de 1641, consignando a clausula reciproca do auxilio armado, de 1.000 homens de cavallaria e 2.000 homens de infantaria no caso de guerra e a assistencia da esquadra ingleza, no caso de bloqueio, para defesa dos portos de Lisboa, do Porto ou qualquer outro porto de mar portuguez. Um artigo secreto consignava, que em homenagem a achar-se tratado o casamento do rei Carlos de Inglaterra com S. A. S. a infanta de Portugal D. Catharina, a Inglaterra se obrigava a defender e proteger com homens e navios (*with men and ships*) todas as conquistas ou colonias pertencentes a Portugal e a obrigar a Hollanda a restituir-lhe as que tinha occupado.

O setimo tratado, foi assignado em Lisboa em 16 de maio de 1703, (o tratado Methuen) e confirmado, por termo de solemne ratifica-

ção, em 27 de dezembro do mesmo anno, pelo marquez de Alegrete, em nome do rei de Portugal D. Pedro II e por Mr. John Methuen, embaixador da rainha Anna de Inglaterra. O oitavo e ultimo tratado, da serie dos que são considerados integralmente mantidos, sob o ponto de vista da alliança politica, é o assignado em Vienna em 22 de janeiro de 1815, declarando nullo e sem effeito o tratado concluido no Rio de Janeiro em 19 de fevereiro de 1810 e renovados e confirmados os antigos tratados de alliança, amizade e garantia, que desde tão longas épocas felizmente subsistiam entre as duas corôas. A publicação official ingleza, a que nos referimos no começo deste artigo, encerra a parte relativa de Portugal com uma nota, dirigida em 19 de fevereiro de 1873 por Lord Granville ao ministro de Inglaterra em Madrid, (então igualmente acreditado junto á côrte de Lisboa) dizendo que *apesar do governo inglez se ter sempre absteido de intervir nos negocios internos dos outros baizes, os tratados entre Portugal e a Inglaterra o obrigavam a defender Portugal contra aggressão estranha e por isso os hespanhoes não podiam contar com a indifferença da Inglaterra na hypothese d'um ataque externo sobre Portugal*. Esta nota fôra motivada pelo facto do ministro de Hespanha em Londres haver sondado Lord Granville acêrca de um movimento combinado entre os republicanos hespanhoes (estava no poder a republica de 11 de fevereiro) e os portuguezes para a unidade politica da peninsula sob a forma republicana.

Dos tratados historicos entre Portugal e a Inglaterra resultaram varias provisões, alvarás, decretos e leis, promulgados pelos soberanos portuguezes a favor dos subditos inglezes. Estes diplomas foram encorporados na *Carta de Privilegios e Foral dos Inglezes*, outorgada por el-rei D. João IV em 4 de novembro de 1642. O mais antigo destes documentos foi promulgado em Coimbra por el-rei D. João I, em 20 d'agosto de 1400, o segundo em Lisboa, em 29 d'outubro de 1450, por el-rei D. Fernando, o terceiro em Evora, em 28 de março de 1452, por el-rei D. Affonso V, o quarto em Evora, por el-rei D. Manuel, em carta cuja data não é conhecida e foi reproduzida no alvará de el-rei D. João IV, a que nos vamos referindo. A carta dos privilegios e liberdades dos inglezes em Portugal foi successivamente ampliada, por novas concessões e favores, por diplomas régios de 25 de maio de 1647, de 29 de maio de 1656, de 4 de julho de 1657, de 27 de janeiro de 1661, de 16 de setembro de 1665, de 23 d'agosto de 1667, de 2 de

agosto de 1668 e de 7 de maio de 1708, e tudo foi reunido e publicado n'um volume, hoje raro, impresso em Londres em 1736, composto em portuguez e inglez e compre-

nhola em Lisboa a cargo do escrivão propretario Mathias Corrêa d'Avellar. A existencia deste documento na conservatoria hespanhola explica-se pelo facto de haverem



EDUARDO VII, REI DE INGLATERRA, IMPERADOR DAS INDIAS

hendendo o tratado de 1703 e a celebre lei dos diamantes do Brazil de 24 de dezembro de 1734. Segundo se diz no prefacio, a carta dos privilegios e foral dos inglezes foi obtida por copia de uma certidão authentica passada pela *escritoria* da conservatoria hespa-

nhola concedidos eguaes privilegios aos hespanhoes, em materia de processos crimes ou civis, por decreto de 19 de novembro de 1691. Seria tornar demasiadamente longo este artigo fazer a especificação dos privilegios e liberdades consignados no historico foral,

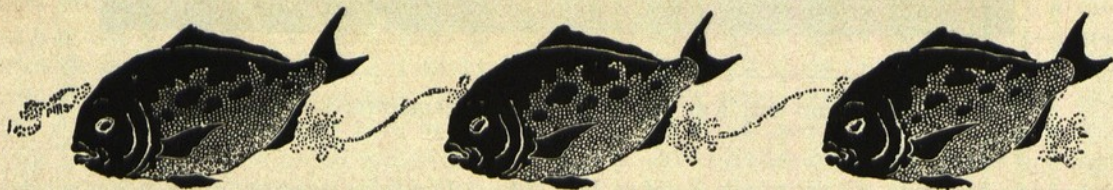
mas podemos dizer, como esclarecimento, que em regra, constituem um tratamento de egualdade, tanto para os cidadãos, como para as mercadorias inglezas, em relação aos nacionaes portuguezes.

Posteriormente ao tratado de Vienna de 22 de janeiro de 1815, um novo tratado de commercio e amizade foi celebrado entre Portugal e a Inglaterra em 6 de agosto de 1840, ratificado em 8 de maio de 1841 e incorporado no tratado de 3 de julho de 1842, tratado este que, não tendo sido comprehendido na declaração de 15 de julho de 1898, ficou *ipso facto* considerado como insubsistente, não se tendo dado até então a hypothese de denuncia prevista pelo seu art.º 19.º Este tratado de 1842, assignado em Lisboa, pelo sr. duque de Palmella, plenipotenciario portuguez e por lord Howard de Walden, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario inglez, foi motivo de uma larga controversia entre os gabinetes de Lisboa e de Londres, principalmente entre o barão da Ribeira de Sabrosa e o visconde de Sá da Bandeira e lord Palmerston. Os documentos relativos a esta calorosa pendencia diplomatica são dos mais notaveis de toda a moderna historia politica das nações. O mais moderno dos tratados anglo-portuguezes é o de 11 de junho de 1891, assignado e ratificado, depois do successivo malogro dos tratados, assignados mas não ratificados, de 28 de maio de 1879 e de 20 de agosto de 1890, relativos aos limites das possessões portuguezas do continente africano.

E', pois, decerto, o famoso tratado de 16 de junho de 1373 o mais antigo diploma diplomatico archivado na chancellaria ingleza e assim se assignala e confirma a antiguidade e constancia da alliança entre Portugal e a Inglaterra, alliança, que consagrada perante a historia, tem a engrandecel-a a alliança entre as duas familias dynasticas do seculo XIV,

pelo casamento de el-rei D. João I com a egreja D. Fillipa de Lancastre, a illustre e gloriosa mãe dessa *incllyta geração de altos infantes*, que foi mais do que a gloria de Portugal, a gloria da humanidade e da civilização. Duas vezes a Inglaterra nos prestou auxilio para mantermos integra a independencia e a liberdade nacional, duas vezes os seus soldados pelejaram brilhantemente ao lado dos nossos contra os inimigos da patria portugueza e por uns e outros se dividiram, mais d'uma vez, em recontros que ficaram celebres, os louros da victoria. O grande portuguez sr. Alexandre Herculano, n'um dos seus notaveis escriptos, fallando da alliança de Portugal com a patria de Nelson e de Wellington, disse que ella é indestructivel porque procede, não só das tradições historicas e da analogia de instituições politicas, mas tambem da força das circumstancias: «A origem dessa intima alliança «tem a data escripta no mais grandioso monumento do paiz. A Batalha recorda-nos «que ha um pacto perpetuo, assellado com «sangue, entre Portugal e a Inglaterra. Quando o povo portuguez deixar de ser o irmão «e o amigo do povo inglez, tem de derribar «primeiro o templo de Santa Maria da Victoria, e de lá, de cima das suas ruinas, sobre «os ossos de D. João I, o arauto da discordia, «tem a annunciar ao mundo que o velho pacto «expirou. Ha perto de quatro seculos, nos «campos de Aljubarrota e em frente dos es- «quadrões francezes e castelhanos, a invencivel infantaria ingleza jurava, com os cavalleiros portuguezes, que esta terra seria livre e «uns e outros cumpriam heroicamente o seu «voto.» Que testemunho e que depoimento mais autorizado, mais honrado, mais patriotico, mais portuguez, poderemos nós invocar, neste momento, para fecho desta noticia acêrca da alliança entre Portugal e a Inglaterra?

AUGUSTO RIBEIRO





O PAPA LEÃO XIII — (LUMEN IN CÆLO)

MOTES PROPHEPICOS

A grandeza extraordinariamente luminosa do venerando chefe da igreja catholica, que no decorrer da sua idade avançada se sente, dia a dia, humanamente enfraquecer, deslumbra e captiva de tal sorte as atenções do mundo que o problema eventual de sua successão ao throno pontificio, feita por eleição secreta e rodeada de solemnes cerimoniaes, preoccupa intensamente os espiritos, e torna opportuno e interessante recordar, como se faz no artigo seguinte, algumas curiosas prophcias que lhe dizem respeito.

N'ESTE momento Roma entrega-se á angustiosa anciedade de um jogo conhecido pelo nome de *il giuoco dei papabili* — um jogo de adivinhação sobre quem ha-de succeder eventualmente ao throno de S. Pedro; e no decurso d'estas probabilidades discutidas as antigas prophcias de São Malachias vieram de novo á luz. Se ao commu-

nicar estes boatos e conjecturas se transgride regras de deferencia, deixe-se cair a censura sobre aquelles que, praticando jogos prohibidos, estimulam os instinctos jornalisticos ao registo das suas ousadas apostas. Ficaremos, comtudo, dentro dos limites das prophcias veneraveis do santo irlandez.

Como é sabido, ou se não o é devia sê-lo,

São Malachias, de Armagh, primaz de toda a Irlanda, viveu no duodecimo seculo e deixou monumento immorredouro de sua memoria n'uma serie de propheticas locuções concernentes, entre outras, aos futuros occupadores do throno de S. Pedro. O advento de Leão XIII foi predito, na centesima terceira prophesia, sob a divisa de *Lumen in coelo* — uma divisa extranhamente suggestiva e bem adequada. Com effeito, no brazão d'armas do venerando pontifice, que foi o cardeal Pecci, brilham um cometa e uma estrella, como se fossem symbolos da sua luminosa e fulgurante intelligencia. Mais dez prophesias teem de ser realizadas ainda, e depois conforme a propria carta de revelações do santo irlandez, virá o fim do mundo christão. O padre Menestrier, no seu tratado especial, Moreri no seu dictionario, Sandini no seu livro das *Vidas dos Pontifices Romanos*, e outros teem authenticado as prophesias de São Malachias, como tendo alcançado realisação. Sem duvida será interessante citar alguns dos mysticos titulos preditos, e dedicados aos papas do ultimo seculo, afim de que o engenho em combinar um factio consumado com uma symbolica locução prophetizada possa tornar-se de facil comprehensão. Assim, a divisa *Aquila rapax* de São Malachias subsistiu para Pio VII, que tinha no brazão d'armas uma aguia preta. Ainda que falhasse este emblema no escudo, o symbolo prevalecia irrefragavel, lembrando-nos das tribulações soffridas pela Santa Sé, ao tempo sob as audaciosas e largas azas da aguia napoleonica. *Canis et Coluber* (cão e serpente) pertenceu a Leão XII, que, como aquelles

dois animaes symbolisam, era vigilante fiel e prudente na guarda e no governo do seu vasto dominio. Pio VIII foi proclamado como *Vir religiosus* (varão religioso) vaticinio pouco

especialisado; porém Gregorio XVI, que seguiu, foi predito com singular felicidade na divisa *De balneis Etruriae* (dos banhos da Toscana) pois sua Santidade era oriundo de Belluno, de Camaldoli, na Toscana. *Cruz de cruce* coube a Pio IX, e não carece esta de explicação, se recordarmos que a cruz, além de symbolo de gloria (*gloria appellatur crux*) é emblema de soffrimento, e n'este pontificado o Vaticano se transformou em carcere doloroso. A divisa prophetica de Leão XIII foi já mencionada; e

aqui transcrevem-se por ordem de videncia as dez divisas do santo, as quaes regularão a escolha dos futuros pontifices.

Ignis ardens (Fogo ardente).

Religio depopulata. (Religião despovoada).

Fides intrepida. (Fé intrepida).

Pastor angelicus (Pastor angelico).

Pastor et nauta. (Pastor e marinheiro).

Flos florum. (Flor das Flôres).

De medietate lunae. (Da meia lua).

De labore solis. (Do trabalho do Sol).

Gloria olivae. (Gloria da oliveira).

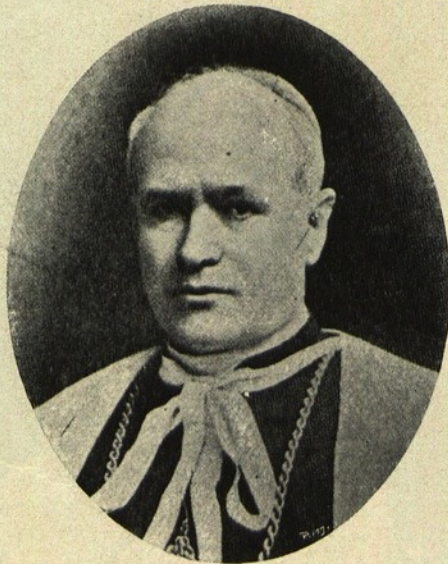
Petrus Romanus. (Pedro de Roma).

Anda annexo a estes motes o seguinte commentario:

In persecutione extrema sacrae Romanae

Ecclesiae sedebit Petrus Romanus qui pascet oves in multis tribulationibus; quibus transactis, civitas septicolis diruetur: et Judex tremendus judicabit populum.

Assim a divisa de *Gloria Olivae* parece ser o mote d'este *Petrus Romanus*, que ha-de



O CARDEAL GIROLAMO-MARIA GOTTI
Nasc. em Genebra aos 29 março 1834



O CARDEAL SERAFINO VANNUTELLI
Nasc. a 26 nov. 1834

apascentar o seu rebanho no meio de muitas tribulações, ao mesmo tempo que a santa egreja romana ha-de ser presa de perseguições extremas; que a cidade das sete collinas (Roma) será destruida, e o Juiz terrivel julgará o seu povo.

Seria realmente extraordinario que o ultimo Papa fosse Pedro Romano, segundo de nome, — tendo sido o primeiro S. Pedro, por quem foi edificada a egreja. Seria uma repetição historica? O desmonoramento da Cidade Eterna coincidiria então com os precedentes semelhantes, fornecidos pelos nomes de Romulus Augustulus com a queda do imperio Romano, e de Constantino Dracoces com a queda do imperio fundado por Constantino, o Grande? Voltemos porém, ao mote que tem de presidir á escolha do futuro Papa. *Ignis ardens*, segundo São Malachias. Trez candidatos parecem corresponder a esta clausula prophetica.

O cardeal Svampa, arcebispo de Bolonha, por causa do *Sol d'ouro* que tem no seu brazão; o cardeal Vannutelli, por causa do seu nome de baptismo, Serafino que, derivando-se do hebreu, significa fogo; e o cardeal Ferrari, arcebispo de Milão, pela sua mocidade *ardente*, vivaz e irrequieta, se alguma significação isto póde ter. Este cardeal Vannutelli é irmão do cardeal Vicenzo Vannutelli que em tempos foi nuncio em Lisboa.

Alguns annos já volvidos, eram favorecidos de predilecção na escolha os cardeaes Lucido Parrocchi, que falleceu recentemente, Raffaele Monaco la Valetta, e Serafino Vannutelli. O cardeal Parrocchi era um eminente polyglotta, e durante a celebração do grande jubileu conversou em

alemão aos alemães, em latim aos húngaros e polacos, em francez aos francezes, e em inglez aos inglezes. Elle alcançara opinião brilhante a seu respeito pelo seu saber do mundo e pelas maneiras encantadoras de classico prelado italiano, — principalmente entre cardeaes estrangeiros. Sua eminencia Monaco la Valetta era preferido por aquelles que desejavam a paz e a abstenção da egreja na politica.

O cardeal Vannutelli era já então o candidato dos que se denominam *il partito dei giovani*, o partido dos novos, dos opportunistas, cujo programma consiste n'uma politica de intervenção activa em eleições, de fórma a inaugurar uma época de acção effi-

caz, fazendo participar de todas as funcções do Estado os catholicos fieis. E diz-se tambem que o cardeal Vannutelli, o celebre socialista catholico das reuniões de Fribourg, é esteio vigoroso da triplice alliança.

Parece que, no entender dos que prescutam o futuro, as probabilidades do cardeal Svampa têm diminuido. Foi até irreverentemente descripto como tendo cara de ecclesiastico e nome de opereta. Recentemente entraram n'este concurso hypothetico mais dois candidatos: o cardeal Angelo de Pietro e o cardeal Girolamo-Maria Gotti. Um monge franciscano predisse que o primeiro havia de ser Papa; mas o segundo tem no seu brazão um facho bri-

lhante, *Ignis ardens*, como diz São Malachias. E o advento d'este symbolo é corroborado de uma maneira singular por uma outra prophacia do decimo terceiro seculo. No Werdin d'Otrante — *Vaticinum Memorabile* — do qual existe uma copia na Bibliotheca Na-



O CARDEAL FERRARI, ARCEBISPO DE MILÃO
Nasc. a 13 agosto 1850



O CARDEAL DOMENICO SVAMPA
Nasc. a 13 junho 1851

cional de Paris, diz-se que no throno de S. Pedro ha-de depois brilhar uma *radiante estrella*, escolhida contra a expectativa dos homens, e no meio de *uma intensa luta eleitoral*, — estrella cujo scintillante brilho estranho illuminará a Egreja Universal. — Mais adiante, a mesma autoridade citada diz:— «Depois um homem novo e bello, da posteridade de Pepino, e vivendo em paiz estrangeiro, virá contemplar a gloria do Pastor e este collocará de uma maneira surpreendente este mancebo no throno de França».

Encontra-se muitas vezes em outras prophcias esta curiosa insinuação d'um duplo reinado, o da Santa Sé e o da França, figurando juntamente como, por exemplo, nas palavras de Savonarola. «O Papa terá consigo um imperador, homem recto e virtuoso, que será do sangue sagrado dos reis de França. O principe dar-lhe-ha auxilio e lhe obedecerá em tudo para reformar o universo, e com este Papa e com este imperador o mundo tornar-se-ha melhor, para que se abra a ira de Deus».

N'um outro lugar, Nostradamus prediz um grande levantamento quando *Jeune Roy Rouge prendra la Monarchie* (quando um rei de purpura tomar a monarchia), porém elle, tambem faz soar uma nota de alarme, n'uma

das suas *centurias*, com respeito ao destino de Roma:

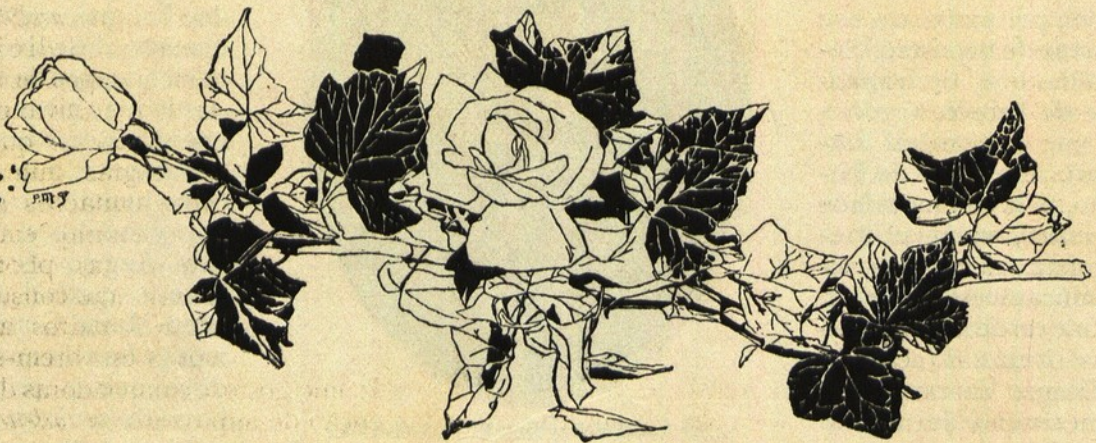
*O vaste Rome, ta ruyne s'approche,
Non des tes murs, de ton sang et substance.*¹

As citações mencionadas, cobrindo seculos, provam singularmente como os espiritos humanos correm através do tempo e do espaço para os mesmos fins. Desde o duodecimo seculo até o presente, as prophcias determinam um tempo de desasocego, ou revolta, quando fôr eleito um novo pontifice sob o symbolo de *Ignis Ardens*, precedendo o advento d'um duplo reinado e d'um aperfeiçoamento notavel da humanidade.

O emblema está claramente representado no brazão de sua eminencia, o cardeal Gotti; e o que resta apenas acrescentar são as palavras de S. Paulo, que ensina aos Thessalonicences, na sua primeira epistola:—*Prophecias nobile spernere, omnia autem probate, quod bonum est tenete.* — (Não desprezeis as prophcias; examinae, porém, tudo; e guardaes o que fôr bom).

¹ «O' grande Roma, a tua ruina aproxima-se, não das tuas muralhas, mas do teu sangue e substancia.»

(Segundo NEVERS).



MODAS

TEM-SE definido este anno mais vagorosamente a moda primaveril, talvez porque o inverno se prolongou mais do que usualmente nos grandes centros da elegancia feminina ou porque a novidade de tecidos apresentada no mercado ainda não logrou alcançar preferencia decisiva.

Uma gamma de côres pardas, variando do *beige* ao *castor* escuro, adquiriu preponderancia, e provavelmente conservará durante toda a estação quente. Admitte uma extensa variedade de tons; tanto no claro, como no escuro, que pode adaptar-se a todas as physionomias e typos de belleza, prestando-se sem duvida os pardos, quer em fazendas de lã e de algodão, quer em sarjas leves e de phantasia, a ser empregados nos diversos generos de *toilettes* e com applicações e destinos bem distinctos.

Ao lado d'esta escala de côres mortas, tem recebido preferencia, menor sem duvida, mas tambem notavel, a gamma dos verdes, principalmente esmeralda para accesorios e enfeites. Fabricam-se tambem tecidos em côr verde *reseda* que em verdade tem recebido apenas acceitação de parte da elegancia excentrica.

Certo é, porem, que de anno para anno se accentua uma acertada independencia na côr das *toilettes*, como se reconhece nas selectas reuniões mundadas, onde apparecem os mais variados tons conforme ao gosto individual, o que representa uma notavel revolta contra as prescrições imperativas da moda, n'outras épocas, uniformizando a belle-

za feminina n'uma monotona confraria. O bom gosto artistico tem progredido, e assim na feitura dos vestuarios olha-se mais para a excellencia dos materiaes empregados e para o meticoloso escrupulo do côrte e do acabamento do que propriamente para o modelo que cada elegante de per si adopta e escolhe consoante a seu proprio typo, conservando apenas as linhas geraes traçadas no figurino para não affectar excentricidade pretenciosa.

Onde este aspecto do bom gosto se reconhece mais evidente e mais contraprovado, não é nas revistas e jornaes de modas, é principalmente nas *vitruines* sempre renovadas dos grandes photographos de fama, que põem em exposição os retratos das grandes damas e das grandes mundanas. Sem duvida, estas vão buscar aos mais luxuosos *ateliêrs* as creações deliciosas com que posam deante da objectiva; porem reconhece-se que não ha regras inflexiveis, nem imitações servis, ao contrario, em muitas d'estas photographias, que constituem quasi quadros artisticos, descobrem-se in-

dicações de fino gosto, denunciadoras de que houve intenção de approximar a *toilette* mais d'uma época historica do que d'outra, conforme a estatura, a esbelteza do busto, o tom geral da physionomia exigiam.

Quem observar aquellas exposições de retratos encontra ainda uma nota predominante de simplicidade que não exclue o adorno, mas contrasta frisantemente com a complexidade de *toilettes*, chamadas *theatraes*, mui-



tas vezes elegantes em verdade na fórmula geral, todavia espectaculosas em demasia, destinadas a produzir determinados efeitos que as atrizes de nome e de valor calculam antecipadamente em concordancia com o caracter da personagem que pretendem reproduzir ou compôr. N'esta escolha está não raro a aferição do talento creador da artista, e não raro tambem se define por esta maneira a sua mediocridade, quando a discordancia entre a *toilette* e o temperamento, a côr e o caracter, o adorno e a psychologia da personagem se patenteiam irritantes.

D'aquellas creações theatraes das grandes modistas nascem innumerassimições que veem reproduzidas nas paginas dos jornaes ou revistas denominadas de modas e destinadas ao reclame das casas que as fabricam, e d'ellas se deve afastar o bom gosto elegante. E' certo que as clientes ricas, fornecendo-se directamente d'aquelles mesmos *ateliers* celebres e afamados, obtem o que querem, sempre bom e distincto; mas para aquellas que modestamente, e quasi sempre se incluem na verdadeira *elite* da sociedade, compõem a sua propria moda, o aviso parece-nos salutar e precavido.

Os modelos agrupados nas gravuras que reproduzimos dão uma ideia geral das *toilettes* do momento, empregando ainda material pesado um pouco, mas já de fabrico da estação. São resguardos ainda prudentes contra os frios dos desgelos de abril.

Mostra a primeira um elegante vestido de velludo preto, enfeitado com bandas de setim branco e azeviche. Algumas das bandas são cobertas de renda em quanto que as que debruam a gola e as mangas são guardadas com grandes botões de azeviche. A manga é cortada na parte dianteira do braço para deixar ver uns pufos de cambraia. O forro aqui deve ser de uma bonita seda de côr, visto ser muito saliente. O corpo é ajustado por uma fita larga de velludo franzido á frente e atado com um comprido laço arrestando



aos lados. A nossa segunda illustração apresenta um grupo de blusas em fazenda cujo talhe tem sido geralmente adoptado e cuja descripção é dispensavel perante o exame attento dos desenhos dos modelos. Prestam-se a formar vestuarios completos ou com saias de tom diverso, em geral mais claro agora; pertencem á serie de modelos modernos em côres pardas, como dissemos.

VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos

JANEIRO.— **1 Inglaterra**— A *Chartered* fecha o commercio de borracha em toda a parte da Rhodesia.

2 Portugal— Abertura solemne do Parlamento.— **Austria**— E' fechado o compromisso austro-hungaro devido á intervenção do monarcha. Estabelece o regimen e a ordem dos partidos militantes.— **Italia**— O governo decide subvencionar as irmãs franciscanas que vão abrir escolas na Tripolitana.— **Marrocos**— E' posto em liberdade Muley Mahomed, appellidado o *Torto*, irmão do sultão, tendo declarado não conspirar para occupar o throno.— **Russia**— E' dissolvida a côrte do grão-duque Paulo, por ordem do imperador, tendo se confiado os seus negocios a um administrador para esse fim nomeado.

3 Bulgaria— O governo bulgaro denuncia o tratado de commercio com a Austria, assignado ha seis annos e que só expiraria em dezembro de 1903.— **Macedonia**— Dá-se um encontro sangrento entre os bandidos da Macedonia e as tropas regulares em Brexovo.— **Venezuela**— Os allemães occupam sem opposição a alfandega de Puerto Cabello em La Guayra.

4 Colombia— As republicas da Colombia e do Equador renovam o tratado em que se compromettem a concluir amigavelmente por meio de arbitragem quaesquer difficuldades que surjam entre os dois paizes.— **Venezuela**— O Banco de Venezuela fecha as portas, occasionando verdadeiro panico.

5 Portugal— Cerca de duas mil pessoas das freguezias do norte do conselho de Sabroza vem a esta villa reclamando contra o excesso de contribuições prediaes invadindo a repartição de fazenda e queimando as matizes.— Entra a barra de Lisboa o cruzador *D. Carlos*, vindo do Brazil, onde foi representar Portugal no acto solemne da posse do novo presidente d'aquelle Estado.— **China**— O governo chinez recusa obstinadamente pagar indemnisação ás potencias tomando por

base o ouro.— **Inglaterra**— Publica se o primeiro orçamento do Transvaal. As receitas são avaliadas para o anno que termina a 30 de junho em 100 milhões de francos e as despesas em 92.569.125 francos.— **Estados Unidos**— O sr. Elôher, secretario da guerra, dá a sua demissão por motivo de falta de saude.— O sr. Bryan é nomeado ministro plenipotenciario em Lisboa substituindo o sr. Loomis.— **Venezuela**— E' acalmado o panico financeiro.— Os commerciantes aceitam pagamentos em notas do banco.— Uns 1.500 revolucionarios que marchavam para Caracas, commandados pelos generaes Ramos e Penalossa, são bati-dos perto de Gastire.

6 Macedonia— Os ministros dos negocios estrangeiros da Russia e da Austria-Hungria põe-se de accordo para reclamar do sultão da Turquia que implante immediatamente na Macedonia numerosas reformas, a maioria das quaes de character financeiro.— **Colombia**— A Allemanha decide a Colombia a repellir o tratado do canal de Panamá e no caso dos Estados Unidos não construirem o canal, um sindicato allemão comprará á companhia franceza os direitos da concessão.— **Estados Unidos**— Os conselheiros do presidente Roosevelt, aconselham este a que adopte disposições para se construir sem perda de tempo o canal de Panamá, prescindindo da auctorisação do governo da Colombia e deixando ao tribunal arbitral da Haya a missão de fixar a indemnisação que hade ser dada á Colombia.— A camara dos representantes approvou o projecto de lei creando o estado-maior-general do exercito.— **Filippinas**— O delegado apostolico nas Filipinas, monsenhor Guidi, escreve ao papa dizendo que reventará o schisma se os padres não forem d'alli retirados.— **Venezuela**— O general Mattos faz publicar uma proclamação declarando recommear a revolução.— Constitue-se o tribunal arbitral para examinar a validade do aprisionamento da esquadra da Venezuela e fixar o valor dos navios.

7 Portugal— O ministro da fazenda apre-

sentou ao parlamento a proposta de lei relativa ao orçamento. — *Turquia* — E' assignado o contracto para o fornecimento de 200:000 espingardas Mauser para o exercito ottomano. — *Allemanha* — A Allemanha denuncia os tratados de commercio com a Austria, Russia e Italia — *China* — Os ministros plenipotenciarios estrangeiros, com excepção do sr. Conger, representando os Estados Unidos, assignam uma nota conjuncta, reclamando o pagamento da indemnisação devida pela China sobre a base ouro. — *Venezuela* — A resposta da Italia á proposta de arbitragem do presidente Castro é concedida nos mesmos termos que as da Inglaterra e da Allemanha.

8 *Portugal* — E' publicado no *Diario do Governo* um decreto relativo á importação do trigo estrangeiro. — *Venezuela* — Os bancos accordam em adiantar diariamente dinheiro ao governo venezuelano para o pagamento das tropas. — O governo aceita os pedidos das potencias, fazendo todavia notar que as condições da nota das potencias são extremas e que as aceita unicamente constringido pela força. — *Estados Unidos*. — Os ministros entregam a Mr. Haymann outra resposta do presidente Castro, na qual este se declara disposto a aceitar a arbitragem. — *Cuba*. — A camara de commercio internacional constitue-se para protestar contra o tratado de commercio dos Estados-Unidos com Cuba.

9 *Hespanha* — O conselho de ministros encarrega os ministros da justiça, reino e agricultura de estudarem o desenvolvimento que se deve dar ás questões sociaes. — O conselho de ministros auctoriza o ministro da fazenda de accordo com o dos estrangeiros a estudar as bases da politica commercial hespanhola. — *Inglaterra* — O governo britannico de accordo com o allemão, decide enviar uma commissão mixta á Africa Occidental para a delimitação das fronteiras, segundo o tratado de 1893. — *Hollanda* — A primeira camara adopta, sem discussão, por unanimidade a convenção assucareira. — *Africa* — O Congo belga reforça os postos militares da fronteira septentrional.

10 *Portugal* — O ministro da justiça apresenta á camara dos deputados as propostas de lei relativas á modificação no systema penitenciario e á creação de uma casa de correcção em Lisboa para o sexo feminino. — E' approvedo pelo ministerio do reino o orçamento ordinario da gerencia municipal de Lisboa para 1903 na importancia de 5.846.938.741 réis. — *Republica Argentina* — E' promulgado um decreto com força de lei, prohibindo a importação do gado proveniente da maior parte dos paizes da Europa, Africa e America e nomeadamente de Portugal e Hespanha. — *Venezuela* — As tropas governamentais, perseguindo os revolucionarios, apoderam-se do porto de Tinacas após 5 horas de combate. — *Estados Unidos*. — O senador Howe pronuncia no congresso americano um discurso em defeza do seu projecto de lei contra os trusts, dizendo que elles se tornavam de tal maneira poderosos que contrabalançavam o

poder do governo, e que se não fossem travadas as suas operações, absorveriam por completo todo o povo americano. — *Russia*. — O ministerio do interior prohibe a missão ingleza de Varsovia de baptisar sem auctorização os israelitas que se convertam á religião christã. — *Marrocos*. — O principe Muley Mahomed é preso em Tanger por ordem do sultão.

11 *Macedonia* — Duzentos e sessenta refugiados macedonios tentam passar a fronteira. Os guardas turcos fazem fogo ferindo quarenta gravemente. — *Hespanha* — Os ex-ministros liberaes decidem fazer erigir um mausoleu a Sagasta por subscrição nacional. — *Nicaragua* — As auctoridades superiores da republica intentam procedimento judicial contra os aiotas que exploram a má situação economica do paiz, entre os quaes abundam os banqueiros israelitas.

12 *Hespanha* — O rei assigna os decretos nomeando Mariano Ciudad Oliveas, bispo de Astorga e frei Vicente Alonso Delgado, bispo de Cartagena. — *Batavia* — O pretendente do sultanato de Atchim submete-se sem condições. — *Panamá* — O congresso de Honduras ratifica a eleição do dr. Bonilla para a presidencia da republica.

13 *França* — Abertura da sessão legislativa do corrente anno, na camara dos deputados e no Senado. Leon Bourgeois é eleito presidente da camara dos deputados por 336 votos contra 213. Até esta data foram mandadas fechar pelo ministro do interior 947 escolas dependentes de congregações não auctorizadas. — *Allemanha* — Abertura da dieta prussiana. — *Turquia* — A Sublime Porta informa a embaixada russa que está habilitada a pagar a importancia de 350.000 libras da annuidade do imposto de guerra.

14 *Allemanha* — O *Reichstag* approva a proposta de lei que tem por fim facilitar a introdução na Allemanha da industria de refinação de petroleo. — *França* — Falières é eleito presidente do senado por 203 votos. — *S. Domingos* — O governo dominicano informa o governo dos Estados Unidos de que não póde pagar immediatamente 325.000 dollars que deve á companhia americana de navegação Clyde. — *Africa do Sul* — As minas do Transvaal são avaliadas em 220 milhões de libras 81/100 d'este valor pertence á Inglaterra.

15 *Venezuela* — E' decretado um emprestimo de dois milhões de bolivares, reembolsaveis quando esteja restabelecida a paz. — *Hespanha* — O rei assigna um decreto declarando obrigatoria a vaccinação em tempo de epidemia. — *Inglaterra* — Os grandes financeiros ingleses approvam o projecto da contribuição de guerra no valor de 3 milhões de libras do Transvaal. — *Russia* — Celebra-se em S. Petersbourg o centenário da creação dos ministerios no reinado de Alexandre I de 1802 cunhando se uma medalha commemorativa. — *Republica do Salvador* — Escalon é eleito presidente da republica. — *Marrocos* — As kabilas de Anghera, Tanja e Balha repellam as kabilas dos Fahs que bateram em retirada.

16 *Estados Unidos* — O presidente Roose-

velt assigna o projecto de lei relativo á supressão indirecta dos direitos de importação sobre todas as classes de carvão, procedentes de qualquer paiz durante um anno. — *Portugal* — O ministro da marinha apresenta ao parlamento as seguintes propostas auctorizando o governo: 1.º a construir por conta do Estado as obras do porto de Lourenço Marques, 2.º a cunhar e emitir, no teor e peso estabelecido na lei de 29 de Junho de 1854, até 500 contos de réis, em moeda de prata, destinada a reforçar a circulação monetaria da provincia de Angola, 3.º a approvar o contracto celebrado para a navegação a vapor para a Africa Oriental, 4.º a reorganizar a instrucção naval. — *Venezuela* — O presidente Castro decreta que seja aberta a fronteira colombiana ao commercio. O governo de Venezuela estabelece uma contribuição forçada afim de satisfazer as reclamações estrangeiras. — *Brazil* — E' publicada uma lei prohibindo novas plantações de café no estado de S. Paulo do Brazil. — *Allemanha* — O *Reichstag* approva por 14 votos contra 67 a proposta Spech tendente á denunciação dos tratados de commercio que contenham a clausula da nação mais favorecida. — *França* — O ministerio do commercio faz publicar no *Journal Officiel* um resumo do decreto de 27 de novembro de 1902 que sujeita as especialidades pharmaceuticas e as aguas mineraes estrangeiras importadas de Portugal a pagamento de um sello especial.

17 *Suecia* — Abertura solemne do parlamento sueco. — *Austria* — Os deputados tchecos continuaram fazendo obstrucção na segunda camara do Reichsrat. O centro catholico apresenta uma proposta tendente á constituição de um novo regulamento afim de garantir o funcionamento normal do parlamento. — *Marrocos* — Os habitantes de Tanga-el Baya são atacados pelos de Em-Rora.

18 *Marrocos* — O chefe da kabilda contra o qual tinham sido enviadas tropas, submette-se ao pachá. Duas fracções da kabilda Beniassen batem se encarniçadamente. As kabilas das cercanias de Tanger submettem-se.

19 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica um decreto instituindo uma medalha destinada a recompensar os bons serviços do pessoal administrativo e jornalista dos quadros das direcções de exploração dos Caminhos de Ferro do Estado, que será denominada *Medalha de bom serviço e comportamento exemplar*. — *Bulgaria* — O ministro da guerra prohibe que os officiaes em activo serviço e os funcionarios de categoria militar tenham qualquer intervenção nas decisões politicas. — *Italia* — E' prorogado até dezembro de 1903 o tratado de commercio italo-montenegrino de 1883 que expirara em dezembro de 1902. — *China* — A China dirige ás potencias uma nota indicando a impossibilidade de pagar as dividas reclamadas e pedindo ao corpo diplomatico que lhe suggira o meio de alliviar os encargos. — *Venezuela* — O emprestimo ao presidente Castro de 2.500.000 bolivares é totalmente subscripto pelos commer-

ciantes estrangeiros e venezuelanos, o que prova que se considera perdida a revolução do general Mattos.

21 *Estados Unidos* — A commissão da camara dos deputados pronuncia-se a favor da construcção de tres novos couraçados, de dois cruzadores e numerosos torpedeiros. Os couraçados terão 16.000 toneladas e os cruzadores 14.500. — *França* — A commissão parlamentar de previsão adopta o projecto de mr. Martin relativo á assistencia obrigatoria aos velhos ou doentes incuraveis que excedam setenta annos e cuja situação os colloque na impossibilidade de ganhar a vida. — O Senado approva os artigos 3.º e 18.º do projecto de lei que estabelece o serviço militar de 2 annos, excepto o art. 12.º que fica em suspenso.

21 *Hungria* — A camara dos deputados adopta em terceira leitura a convenção de Bruxellas. — *Estados Unidos* — A camara dos representantes vota o estabelecimento nas ilhas Filipinas de um systema monetario que tem o dollar de ouro como padrão do valor e cria uma moeda de prata filippina para substituir as moedas hespanholas e mexicanas. — *Venezuela* — Venezuela pede o levantamento do bloqueio como preliminar para todas as investigações. — *Brazil* — O governo resolve não admittir accumulações de cargos publicos.

22 *Africa do Sul* — A commissão nomeada em 1901 para estudar a legislação das minas de ouro conclue os seus trabalhos recommendando a abolição dos privilegios e a intervenção do governo em certos casos. — *Marrocos* — As tropas do sultão Abd-el-Aziz fazem uma *razzia* no territorio da kabilda de Hyanta e enviam ao sultão 150 cabeças e 175 prisioneiros. — *França* — O Senado, discutindo a lei militar do serviço de 2 annos, rejeita as emendas que tinham por fim dispensar os que sustentam familias e os estudantes.

23 *Estados Unidos* — E' assignado o accordo relativo ao canal de Panamá, sendo enviado ao Senado para ratificação. — *Marrocos* — As kabilas vizinhas de Tanger enviam a Mohamed Torres emissarios encarregados de lhe pedir a deposição do pachá de Tanger, declarando que em caso de recusa se revoltariam. — *Allemanha* — O conde de Ballestrem dá a sua demissão de presidente do «Reichstag».

24 *China* — A provincia de Leuang Si cahe em poder dos boxers. No encontro que se effectuou em Pehe-She foi morto o general Mah. — *Bolivia* — O presidente da republica, Pando, prende o 1.º vice-presidente Ruy Velasco, que se oppõe á concessão dos territorios do Acre ao syndicato americano, partindo para aquella região á testa do 2.º corpo expedicionario. A presidencia foi entregue durante o interregno ao 2.º vice-presidente, o almirante Anibal Capriles. — *França* — O Senado approva por 273 votos contra 5 o projecto de lei relativo ao regimen interno do assucar, e ratifica a convenção de Bruxellas.

25 *Bolivia* — O presidente da Bolivia aucto-

riza o accordo sobre as bases propostas pelo Brazil.

26 Brazil — A questão do Acre entra diplomaticamente em caminho pacifico, esperando-se uma solução satisfatoria. — *Sião* — E' prorogado o prazo para a convenção franco-sianveza até 30 de Março. — *Estados Unidos* — E' publicado o tratado do Panamá. O canal será aberto á navegação 14 annos depois da ratificação do tratado. — *França* — O governo determina suspender do exercicio 31 sacerdotes da diocese de Quimper por terem desobedecido á circular relativa á prohibição da lingua bretã no ensino do catechismo. — *Chili* — As duas camaras do Chili approvam o projecto do caminho de ferrò através a cordilheira dos Andes, pondo em communicação Buenos Ayres e Valparaiso, o Atlantico e o Pacifico.

27 Hespanha — O ministro da fazenda resolve que o ensino secundario ministrado pelos padres Esculapios mediante dinheiro, está sujeito á contribuição industrial, ficando isento d'este imposto o ensino primario que é gratuito. — *Bulgaria* — Dá-se um novo encontro entre bulgaros e turcos em Prizerd, havendo grande numero de mortos dos dois lados.

28 Hespanha — O conselho de ministros decide levantar a suspensão das garantias em Barcelona e desistir das zonas neutras por as vantagens não compensarem as despezas. Em compensação apresentará ás cortes um projecto creando portos francos. — *Africa do Sul* — Trava-se um combate de indigenas na região de Imobuito, havendo 40 mortos.

29 Hespanha — Inaugura se o centro liberal hespanhol. E' assignado pelo rei um decreto concedendo as honras de infante de Hespanha ao futuro filho dos principes das Asturias. — O rei assigna o decreto levantando a suspensão de garantias em Barcelona. — *Noruega* — O Storthing norueguez approva uma ordem do dia, estatuinto que a Suecia e a Noruega serão representadas no estrangeiro por consules particulares separadamente. A representação diplomatica continua a mesma dos dois paizes. — *Marrocos* — O sultão Muley Larbi, chefe da casa sherifiana de Waran encarrega seu filho, Muley Taliar e seus sobrinhos Muley-Ali e Muley-Awet de uma missão conciliadora junto dos rebeldes. — As tropas scherifianas capturam sessenta rebeldes, matando quarenta. Entre os papeis apprehendidos ha cartas compromettedoras de altos personagens de Fez que entretinham correspondencia secreta com Bu-Hamara. — *França* — E' distribuido o Livro Amarello sobre os negocios da Macedonia.

30 China — Descobre-se uma conspiração contra o governo chinês, tendo sido feitas numerosas prisões em Cantão e apprehendidas pelas tropas as armas e munições dos reformadores. — *Marrocos* — As tropas imperiaes derrotam os rebeldes deixando estes no campo alguns cadaveres. — *Estados Unidos* — Dá-se uma suspensão nas negociações relativas a Venezuela, em consequencia da instancia dos alliados para obterem um tratamento privile-

giado sobre as outras potencias na liquidação das reclamações.

31 Venezuela — As potencias alliadas rejeitam as propostas de mr. Bowen, que se dê a todas as nações credoras da Venezuela o mesmo tratamento que as tres alliadas. — *Portugal* — O *Diario do Governo* publica o regulamento dos serviços para S. Thomé.

FEVEREIRO 1. — *Marrocos*. — O pretendente Bu-Hamara cae prisioneiro nas mãos do sultão Muley Abdel Aziz.

2 Estados Unidos — O sr. Bowen, delegado de Venezuela, não aceita formalmente o compromisso proposto pelo representante de uma das potencias interessadas. — *Guatemala* — O presidente da republica informa o corpo diplomatico de que se vê obrigado a tomar providencias militares para defender o solo nacional contra as republicas de Nicaragua, Honduras e Salvador, sendo porem concedida aos estrangeiros a maxima protecção possivel.

3 Marrocos — Dá-se um grande combate entre as tropas imperiaes e as dos rebeldes soffrendo estes 3.000 baixas e sendo capturado Roghi. Chegam a Fez 300 prisioneiros e 89 cabeças. — *Estados Unidos* — O embaixador da Allemanha pede a suspensão das negociações com a Venezuela, afim de poder informar-se da situação. — *Venezuela* — As tropas revolucionarias do general Mattos, commandadas pelo general Ducharome, são detidas novamente, perdendo 200 prisioneiros e entre elles 50 officiaes.

4 Estados Unidos — O governo concentra a sua esquadra em Amapata (Honduras) em vista das desordens que lavram na America. Os embaixadores da Allemanha e da Italia aceitam o offerecimento de mr. Bowen, mas a Gran Bretanha e a Italia preferem recorrer ao tribunal arbitral da Haya. — *China* — O vice-rei de Cantão promete um premio de 20 contos a quem capturar o chefe do partido reformista que sahiu de Macau, internando-se clandestinamente no imperio chinês. — *Hespanha* — O rei Affonso XIII assigna o decreto concedendo as distincções honorificas ao novo infante de Hespanha que deverá nascer. Sendo varão receberá o collar de Carlos III, o Tosão de Ouro, e a grã-cruz de Isabel a Catholica, sendo do sexo feminino terá a banda de Maria Luiza. — *Mexico* — O governo reclama de Venezuela 18.000 libras, quantia de que lhe é devedora a mesma republica.

5 Brazil — Complica-se o conflicto com a Bolivia. O governo resolve occupar militarmente o territorio do Acre. — *Marrocos* — O sultão ordena que os judeus de Fez saiam em procissão com estandartes e instrumentos de musica afim de dar publico testemunho da victoria do sultão. — *Turquia* — O Banco Ottomanico de Constantinopla submete á Sublime Porta mais dois projectos de unificação da divida publica.

6 Allemanha — O governo concentra uma esquadra em Hong-Kong em vista das noticias da insurreição no sul da China. — *Brazil* — A republica brasileira dirige uma nota á Bolivia protestando contra a sua attitude na questão

do territorio do Acre.— *China*—Realiza-se a audiencia do novo anno no palacio da imperatriz viuva.

7 *Hespanha*—O rei Affonso XIII concede um premio de 5.000 pesetas ao auctor da memoria que apresente conclusões mais acertadas e praticas no sentido de harmonisar os interesses dos proprietarios agricolas com os dos trabalhadores ruraes, augmentando a producção do solo.—*França*—A camara dos deputados approva o projecto de lei que cria uma moeda de nikel de 25 centimos.

8 *Estados Unidos*—O sr. Bowen declara aos embaixadores da Inglaterra e da Alemanha que não accetará nenhum protocollo relativo ao conflicto de Venezuela que não seja identico em substancia ao da Italia.

9 *Marrocos*—A Kabila Benesicar, que estava em rebeldia, submete-se ao tio do sultão.—*Portugal*—O ministro da Guerra apresenta ao parlamento as propostas de lei fixando o contingente para o exercito, armada, guardas municipal e fiscal no anno de 1903 em dezeses mil e quinhentos recrutas, sendo 15.000 destinados ao serviço activo do exercito, 600 á armada, 600 ás guardas municipaes e 600 á guarda fiscal, e uma outra fixando as forças do exercito em pé de paz para o anno economico 1903-1904 em trinta mil praças de pret de todas as armas.—*America Central*—E' proclamado o estado de guerra entre a Republica de Guatemala e as do Salvador e Honduras.—*Venezuela*—O general Ferrer bate em Juervas as forças revolucionarias e apodera-se daquella praça. O general Ferrer com 2.000 homens e 2 canhões ataca 1.500 rebeldes na região de Rio Chico e apodera-se de Guatire.

10 *Marrocos*—Rebenta entre as tribus do Riff uma revolta favoravel a Bu-Hamara. O chefe da confederação das tribus do Sahara declara-se a favor do pretendente, mandando-lhe um contingente de tropas, dinheiro e espingardas aperfeiçoadas. Os adeptos do sultão insurgem-se contra o inglez Maclean, instructor geral do exercito marroquino, a quem attribuem o xeque soffrido pelas forças imperiaes.—*Africa do Sul*—A gazeta official de Bloemfontein publica diversas portarias sobre os costumes e entre ellas uma que prohibe que as mulheres brancas tenham relações com negros.—*Estados Unidos*—O sr. Bowen, delegado de Venezuela, approva o primeiro protocollo inglez, com a excepção de alguns promenores. Os embaixadores dos alliados são de parecer que se prosigam as negociações com o sr. Bowen, apesar da opposição do congresso federal de Washington.—*Venezuela*—O presidente Castro informa o sr. Bowen de que a Venezuela se considera ligada por todo o accordo celebrado em Caracas.—*Italia*—A Italia pede um tratado de amizade na questão de Venezuela com a clausula da nação mais favorecida.—*Montenegro*—O governo dirige uma nota á Austria Hungria, propondo a conclusão do tratado de commercio.

11 *Portugal*—O *Diario do Governo* publica

o regulamento da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

12 *Belgica*—O governo apresenta á camara dos representantes um projecto de lei elevando os direitos de consumo sobre o alcool de 100 a 150 francos por hectolitro, devendo o beneficio de 151 milhões ser applicado á supressão dos direitos sobre os cafés e á amortisação da divida das pensões operarias, e apresenta um outro lançando um imposto sobre as sociedades e companhias estrangeiras.—*França*—A camara dos deputados approva alguns artigos regulamentares da lei relativa aos distilladores dos seus proprios vinhos.—*Austria*—A camara dos deputados approva o projecto do governo para a conversão da divida publica, reservando o direito de a converter na totalidade.—*Estados Unidos*—O senado approva o *bill* em virtude do qual se vae crear o ministerio do commercio e do trabalho.—*Allemanha*—O governo acceta que o pagamento dos 340.000 dollars por Venezuela seja feito em 5 prestações mensaes.—*Venezuela*—Os governamentaes atacam os insurrectos entrincheirados na collina de Guanta, sendo repellidos e perdendo 55 mortos.

13 *França*—Produzem-se graves incidentes na camara dos deputados por causa da interpellação de Binder ácerca do papel desempenhado por certos ministros e homens publicos na questão Humbert.

14 *Estados Unidos*—O sr. Bowen assigna os protocollas inglez, allemão e italiano estipulando a entrega á Venezuela dos navios de guerra e mercantes.

* 14 *Venezuela*—E' levantado o bloqueio da Venezuela.—*Belgica*—A camara dos representantes approva o art. 1.º do projecto que eleva os direitos de entrada do alcool.—*França*—A camara dos deputados approvou a disposição da lei financeira que impõe a todos os fabricantes de alcool uma declaração previa. A disposição supprime o privilegio dos distilladores de vinhos da sua propriedade.—*Marrocos*—O exercito do sultão alcança uma nova victoria sobre a tribu de Hyaina, causando-lhe 37 mortos e 93 prisioneiros.

15. *Belgica*—A camara dos representantes approva os novos impostos por 83 votos contra 24.—*Marrocos*—As tropas do commando do Omar Yusi invadem o territorio das kabilas de Edsul e Brallel, tendo estas grande numero de mortos e feridos.—*Venezuela*—O presidente Castro telegrapha ao sr. Bowen felicitando-o pelo bom exito dos seus esforços e affirmando gratidão eterna aos diplomatas americanos.—*Allemanha*—Todas as Bolsas da Allemanha excepto as de Hamburgo e de Dresden enviam delegados á conferencia que está reunida em Berlim para regulamentar as operações bolsistas.

16 *Cuba*.—O presidente Palma assigna a convenção concedendo aos Estados-Unidos o direito de estabelecer em Cuba depositos de carvão.—*Macedonia*—O conselho de ministros decide não dar nenhuma resposta de ordem militar a qualquer concentração de tropas turcas em Andrinopla.—*Uruguay*—A

maioria parlamentar designa o sr. José Battle Ordoñez para substituir o presidente Cuestas. — *Republica Argentina* — O conselho de ministros decreta a intervenção federal na provincia de Buenos Ayres onde as providencias inconstitucionaes tomadas recentemente affectam a existencia do poder legislativo.

17 Belgica — O senado vota a lei do alcool que motiva debates violentos na camara. — *Portugal* — O ministro da fazenda apresenta á camara dos deputados o relatorio de fazenda e as propostas para a conversão da divida interna, pautas aduaneiras, real de agua e contribuição industrial. — *Marrocos* — Dá-se um combate a 70 kilometros de Fez, obtendo victoria o sultão. — *Estados-Unidos* — Os Estados-Unidos acceitam formalmente, salvo rectificação, o tratado com a Colombia que tinha ficado em suspenso; offerecem á Companhia do Panamá comprar-lhe o canal isthmico, as suas propriedades e os seus direitos por 40 milhões de dollars. — *Inglaterra* — A camara dos lords discute a mensagem do rei. — *Italia* — A camara dos deputados discute uma moção tendente a reorganizar o exercito conformemente ao espirito da época e ás novas necessidades da defesa nacional. — *França* — O Senado approva os art.º 34.º a 50.º da lei do serviço militar de 2 annos.

18 Brazil — E' eleito para o cargo de vice-presidente da republica o dr. Affonso Penna, havendo desagradaveis successos entre varios grupos politicos do dr. Penna e do conselheiro Andrade Figueiro e sendo disparados alguns tiros. — *Hespanha* — E' pronunciada sentença favoravel á Hespanha reconhecendo o direito d'esta á indemnisação de 67.000 libras na acção intentada no tribunal de Edimburgo pelo ministro de marinha contra o Clyde Bank. — O conselho de ministros resolve organizar uma subscrição para se erigir um monumento ao finado rei Affonso XII, e approva o regulamento organico e o regimen das possessões hespanholas em Africa. — *Estados-Unidos* — O sr. Bowen entrega aos representantes das potencias, cujas reclamações faltam resolver, uma copia do protocollo americano-venezuelano, ao qual deverão conformar-se os outros protocolos. — *America Central* — E' resolvido pacificamente o conflicto entre as republicas do Salvador e de Guatemala. — *França* — O ministro de fazenda apresenta á camara dos deputados o pedido de um 3.º duodecimo provisorio. — *Hollanda* — A rainha acceita o encargo de designar o arbitro de desempate, na questão de Venezuela, caso haja desaccordo entre os commissarios americano e venezuelano.

19. America Central — O congresso valida a eleição de Escalon. — *Austria* — A camara dos deputados approva, em terceira leitura, o projecto de lei que augmenta os effectivos militares. — *Inglaterra* — A camara dos commons rejeita a moção do sr. Keir-Hardie, deputado do partido do trabalho, a qual tem por fim permittir ás municipalidades a aquisição de terrenos cultivaveis com empresas para dar occupação aos operarios faltos de trabalho. — *Italia* — A camara dos deputados rejeita por

269 votos contra 64 a moção relativa ao exercito e á marinha.

20 Hespanha — Os tetuanistas decidem continuar formando um grupo que adira ao governo que ponha em pratica as suas aspirações. — *Estados Unidos* — A camara vota creditos para a construcção de tres couraçados de primeira ordem e tres navios escolas. — A camara dos representantes approva o projecto de lei que castiga com a pena de morte os reus de assassinio do presidente ou vice-presidente da republica ou de qualquer ministro plenipotenciario estrangeiro. — *Italia* — A camara dos deputados approva o projecto de lei para a construcção de um radio telegraphico ultrapoderoso, do systema Marconi, destinado a ligar a America do Sul com a Italia.

21 Turquia — Rebentaram varios disturbios em Spek, no «vilayet» de Kossovo, fazendo os soldados causa commum com os albanezes. Os embaixadores da Russia e da Austria apresentam ao Grão Vizir as propostas de reforma para a Macedonia. — As potencias exigem que o governo do sultão nomeie para a Macedonia um inspector geral e officiaes de policia europeus, sendo o pagamento integral dos seus vencimentos feito pelo Banco Ottomano. — *Africa do Sul* — Os membros do Afrikander Bond protestam n'uma reunião contra a intervenção do sr. Chamberlain na politica interior do Cabo. — *Venezuela* — As tropas do governo batem 1800 insurrectos perto de Calabozo.

22 Baviera — E' nomeado ministro de instrucção publica o sr. Wehner, conselheiro d'estado. — *America Central* — O general Sierra é batido fugindo com 350 homens.

23 Estados-Unidos — E' publicado um edital prohibindo aos negros o accesso nos principaes logares dos theatros de New-York, sendo apenas admittidos nas galerias superiores. — O consulado da Colombia communica que a partir de 5 de abril os direitos de importação dos vinhos espirituosos n'aquelle paiz soffrão a redução de 10 por cento. — *Turquia* — E' publicado um «irado» do sultão Abdul Hamid sancionando a acceitação do projecto de reformas austro-russas para a Macedonia.

25 França — A camara dos deputados approva os artigos do projecto de lei relativo aos distilladores de vinho da propria lavra.

26 França — A camara dos deputados vota um 3.º duodecimo provisorio ao projecto de lei que auctoriza o governo a emittir 250 milhões de abrigações a curto praso, afim de fazer face á insufficiencia das receitas nos exercicios de 1901-1902. — *Inglaterra* — A camara dos Commons, depois de alguns debates, approva o projecto de reposta ao discurso da corôa.

27 Macedonia — Dá-se um encontro sangrento em Izbichta entre os batalhões regulares e os christãos de Resne, havendo mais de trinta mortos de parte a parte. Os turcos na retirada incendeiam os edificios christãos que encontram na passagem. — *Estados-Unidos* — A commissão senatoria de marinha propõe que se construam 4 couraçados de 12.000 toneladas em vez de 3 a 16.000 e 2 cruzadores

de 1.^a classe em vez de 1, previsto no orçamento. — *China* — Os rebeldes massacram 500 soldados imperiaes no desfiladeiro de Sanguing. — *America Central* — Os nicaraguanos que apoiam o general Sierra, ex presidente de Honduras contra o seu successor o general Bonilla occupam Choluteca ao sul de Honduras emquanto que os selvadorianos que sustentam o general Bonilla, invadem Honduras.

28 Portugal — O presidente do Conselho de ministros o sr. Hintze Ribeiro apresenta a El-Rei o pedido de demissão de todo o gabinete, e El-Rei encarrega de novo o sr. Hintze Ribeiro de organizar ministerio o qual fica composto como segue: Presidencia e Reino, Hintze Ribeiro; Justiça, Campos Henriques; Fazenda, Teixeira de Sousa; Obras Publicas, Conde de Paçõ Vieira; Estrangeiros, Wenceslau de Lima; Marinha, general Raphael Gorjão; Guerra Pimentel Pinto. — *Estados-Unidos* — O embaixador de França e o sr. Bowen delegado de Venezuela, assignam o protocollo franco-venezuelano e o barão Gevers e o sr. Bowen assignam o protocollo hollandez. — *Marrocos* — Regressa a Fez a missão franceza que é de parecer que o sultão nunca conseguirá dominar a insurreição. — *Venezuela* — Os revolucionarios venezuelanos são capturados em Carupanon depois de seis horas de combate. A cidade é posta a saque. A revolução considera-se em plena retirada. — *França* — A camara dos deputados approva por 319 votos contra 202 um artigo dizendo que sobre os oleos mineraes brutos será estabelecido, á sua entrada na fabrica de refinação, o imposto de 1 franco 25 centimos por cada 100 kilos.



Movimento social

JANEIRO — 2 Hespanha — Torna-se geral a greve dos carroceiros em Barcelona, paralisando-se completamente o movimento do porto.

5 Hespanha — Augmentam em Barcelona e nos arredores as greves parciaes, dando assim uma certa gravidade ao conflicto. Os trabalhos de carga e descarga de Mataró e Villanueva estão suspensos. Os empregados dos omnibus e dos tramways electricos reúnem-se e decidem fazer causa commum com os carroceiros. Estes secundam a greve dos carregadores.

6 Hespanha — Declaram-se em greve cerca de tres mil operarios das minas da União Hulheira de Langres.

7 Hespanha — Declaram-se em greve todos os operarios das fabricas de fundição da Corunha. — Declaram se em greve 600 operarios das minas de la Braña em Gijon.

8 Hespanha — Termina a greve dos carroceiros em Barcelona, desaparecendo o perigo da greve geral. — *Portugal* — Os leiteiros de Santarem declaram-se em greve como protesto contra a licença imposta pela fazenda nacional.

9 Hespanha — A união hulheira de Lan-

goso presta-se a transigir com os grévistas mineiros, promettendo baixar os jornaes só cinco por cento. — *Allemanha* — Vinte e oito medicos da caixa de soccorros dos syndicatos das industrias textis de Gera fazem greve por causa da admissão de um collega que segue o methodo chamado naturalista, que consiste na prohibição completa de medicamentos.

11 Hespanha — As operarias de duas officinas da fabrica de tabacos de Gijon declaram-se em greve. — *Portugal* — Os carreiros de Almeida declaram se em greve por causa da licença imposta pela fiscalização do sello aos carrós de bois.

12 Hespanha — E' resolvida a greve dos refinadores de petroleo de Badalona. — *Italia* — Os typographos do *Osservatore Romano*, orgão da Santa Sé, declaram se em greve por falta de pagamento. — *Uruguay* — Os estudantes de Montevideu realizam um meeting de protesto contra o procedimento da Allemanha e da Inglaterra na questão de Venezuela, enviando um telegramma de felicitação ao presidente Castro.

16 Inglaterra — Accentua se uma importante crise nas industrias do ferro e do aço em Londres. — Numerosos operarios foram despedidos, percorrendo as ruas a esmolar.

17 Portugal — Os operarios da fabrica de rolhas de cortiça de Symington & C.^a em Cacilhas, declaram-se em greve reclamando augmento de salario.

18 Hespanha — Termina a greve das cigareiras de Gijon.

19 Italia — Por causa da prisão de cinco estudantes livres pensadores, duzentos estudantes e alguns operarios organizam uma manifestação de protesto na praça de S. Pedro em Roma, querendo entrar na basilica por occasião da solemnidade do pulpito de S. Pedro. — *Estados Unidos* — Os negros dos estados do sul dirigem uma petição ao presidente Rossevelt que lhe é entregue por tres sacerdotes de côr e firmada por muitos milhares de negros, solicitando que o governo federal conceda pensões a todos os que eram escravos antes da abolição, como indemnisação dos soffrimentos que injustamente supportaram sob o antigo regimen e ameaçando retirar o apoio que os negros prestam ao partido republicano se ella fôr indeferida. — *Allemanha* — O reitor da Universidade de Berlim prohibe as conferencias do deputado Bernstein sobre Proudhon e Lassalle, declarando ser o seu dever impedir que as heresias do socialismo invadam os sentimentos da mocidade universitaria. — *Belgica* — A direcção das fabricas de vidros de Dampremy em Bruxellas diminue os salarios aos operarios pela marcha do negocio não permittir pagar os actuaes.

20 Allemanha — O imperador Guilherme é de parecer que os operarios devem ter os mesmos direitos que as outras classes.

21 Hespanha — Aggrava-se a greve dos barqueiros carregadores de sal em Barcelona. — *Cuba* — Trezentos americanos residentes numa ilha que faz parte do territorio cubano revoltam-se, proclamando a annexação aos Estados

Unidos por causa dos excessivos impostos. — *Portugal*—Os oleiros das fabricas dos Oliveas, as vendeiras de louça e os carroceiros que a conduzem declaram-se em gréve, reclamando garantia de trabalho.

29 *Hollanda* — Trezentos machinistas dos caminhos de ferro de Amsterdam declaram-se em gréve. — *Hespanha* — Rebenta a gréve geral em Reus depois de uma conferencia entre patrões e operários, sendo apprehendidas materias explosivas e armas que estavam em varios estabelecimentos.

31 *Hollanda* — Os empregados dos caminhos de ferro hollandézes e dos caminhos de ferro do Estado proclamam a gréve geral. — A companhia hollandeza e a companhia do Estado annuem ás reivindicações dos empregados das vias ferreas. — *França*—O conselho municipal de Marselha pede ao governo para que o parlamento approve quanto antes a lei protegendo os operários francezes contra a concorrência estrangeira.—Propõe o conselho que sejam expulsos do territorio francez todos os estrangeiros que não possam contar com meios de subsistencia.

FEVEREIRO. — **3** *Hespanha* — Os carroceiros de Madrid declaram-se em gréve por não quererem pagar o augmento da contribuição municipal. — Mais de mil operarios sem trabalho por ter sido esgotada a verba do orçamento, percorrem as ruas de Valladolid, apedrejando a casa consistorial sendo presos muitos manifestantes. — O municipio determinou a transferencia da verba de 10.000 pesetas para ter aquella applicação.—Em Valencia os estudantes de medicina negam-se a entrar para as aulas como protesto, por causa do estabelecimento das chímicas gratuitas. Pelo mesmo motivo os de Santiago percorrem as ruas em manifestação de protesto. — Declaram-se em gréve 7.000 tintureiros de algodão em Barcelona.—A federação operaria de Lerida decide secundar a gréve geral de Reus.

5 *Hespanha* — A maioria dos commerciantes de Barcelona decidem munir-se de armas e de apitos de alarme no caso dos grévistas assaltarem os estabelecimentos, como aconselharam os oradores no recente *meeting*, disparando contra os assaltantes.—Tornam a reproduzir-se os disturbios por terem sido despedidos do *ayuntamiento* os operarios menores de 20 annos.—Em Elche, declaram-se em gréve os manipuladores de alpercatas.

8 *Hespanha* — Os grévistas de Reus reunidos em *meeting* decidem conceder o prazo de 24 horas aos patrões para que estes approvem as bases do accordo. Declaram-se em gréve mais algumas classes operarias.

9 *Hespanha* — Os empregados da companhia dos caminhos de ferro de Vigo declaram-se em gréve por terem sido admittidos ao serviço novos empregados.—Um grupo de libertarios apresenta se no mercado de São José em Barcelona intimando os vendedores a retirarem-se. — Recomeça o trabalho em algumas fabrica de Reus com operarios das localidades. — Os vendedores de hortaliças da praça do mercado de Casco Viejo em Bilbao

amotinam-se ameaçando pôr-se em gréve em consequencia da municipalidade lhes ter mudado os locais de venda. — Abandonam o trabalho grande numero de operarios de Cadiz como prova de solidariedade para com os companheiros de outras localidades. — Os paideiros declaram-se em gréve.

9 *Portugal* — Os operarios cordoeiros de Faro declaram-se em gréve.

10 *Hespanha* — A maioria das cigarreiras de Cadiz declaram-se em gréve, assim como os magarefes do matadouro; produzem-se graves manifestações; todo o commercio fecha as portas e as aulas do instituto e das escolas são suspensas. — Em Barcelona o governador mandou fechar os centros das artes graphicas e da federeção operaria, ordenando a prisão das juntas directoras. — *Portugal* — Declaram-se em gréve os operarios rolheiros do Poço do Bispo por motivo de a casa Garelon & C.^a querer tirar aos operarios meia hora ao almoço e meia ao jantar.

12 *Hespanha* — Declaram-se em gréve os pescadores e os operarios metallurgicos da Corunha.

14 *Hespanha* — Os grévistas metallurgicos da Corunha enviam aos patrões uma representação declinando a responsabilidade do que possa occorrer.

16 *Allemanha* — 1500 carregadores do *Lloyd* de Bremen declaram-se em gréve em consequencia do despedimento de um operario.

17 *Portugal* — 50 tecelões das fabricas dos importantes industriaes Ferrão & Genro, de Tortozendo, declaram-se em gréve.

18 *Allemanha* — Termina a gréve dos carregadores do porto de Bremen.

20 *Canadá* — Declaram-se em gréve os empregados dos tramways de Montreal. — *Hespanha* — Termina a gréve dos empregados do caminho de ferro de Vigo.

21 *Hollanda* — Em Amsterdam uma reunião dos directores das associações operarias decide apoiar os empregados das vias ferreas, que suspenderam o trabalho, para impedir a votação do projecto de lei que prohibe as gréves dos caminhos de ferro, sendo nomeada uma junta para fazer agitação e dirigindo-se uma proclamação aos empregados convidando-os a solidariedade.

22 *Hespanha* — Declaram-se em gréve os conductores dos carros de viação de Hostafranch, em Barcelona, por terem sido despedidos cinco companheiros.

23 *Hespanha* — Os carpinteiros de Barcelona declaram-se em gréve. — *França* — Os inscriptos marítimos de Marselha celebram uma reunião de protesto contra a desnaturalisação dos navios, em consequencia da venda de duas embarcações a armadores italianos.

28 *Hespanha* — Dá-se em Vigo a suspensão geral do trabalho como protesto aos ultimos successos; todo o commercio fecha as portas, os barcos de pesca são recebidos com assobios tendo de se retirar sem desembarcar o peixe, o movimento está paralyzado. — *Portugal* — Declaram-se em gréve os operarios tecelões da casa Pontifice de Tortozendo.

Accidentes

JANEIRO — **3 França** — E' destruido por um incendio em Marmande o convento das irmãs da Compaixão. — *Pensylvania* — Uma parte da cidade de Olyphant abate durante a noute por causa das excavações das ruínas.

4 Chili — Estão em actividade cinco vulcões na provincia de Llayenissue.

5 França — Dá-se um choque de comboios no viaducto de Bedarieux, ficando quatro wagons despedaçados e algumas pessoas feridas. — *Mexico* — Mazattan, cidade maritima de 15.000 almas, é assolada por violenta epidemia de peste bubonica.

6 Belgica — Chuvas torrencias, causam inundações em diversos pontos do paiz.

7 Allemanhá — Dá-se uma explosão no gazometro de Strasbourg ficando algumas pessoas mortas e muitas feridas. — *Askhabad* — Sente-se novo tremor de terra em Andidjan matando 4.500 pessoas e destruindo completamente 30.000 casas.

8 Africa do Sul — Dá-se um choque de um comboio de passageiros com outro de mercadorias em Duquesne, produzindo dez mortes e muitos feridos.

9 Austria — Manifesta-se novo incendio em 26 poços das minas de petroleo de Borylaw, tomando proporções assustadoras, incendiando as construcções annexas e vinte casas de habitação e produzindo varios desastres pesoaes. As perdas avaliam se em 600.000 corôas. — *Australia* — Morrem em Sydney vinte pessoas victimadas pelo calor extraordinario.

12 Italia — Sentem-se tremores de terra em Saviora e Valmonica, desabando alguns predios e causando varios accidentes mortaes. — *China* — Produzem-se grandes inundações em Nankin resultando a morte de 200 indigenas e importantes estragos materiaes.

14 França — Um incendio destroe completamente o palacio do tribunal de Gourdon.

16 Inglaterra — E' completamente destruido por um incendio o palacio do governo em Alderslot. Com o frio intenso que tem feito em Londres, gela o Tamisa, facto que não se dava ha muitos annos. — *Africa* — Sentem-se fortes tremores de terra em Argel. Nas aldeias de Damietti e Lodi fendem-se muitos predios espalhando o terror na população.

17 Russia — Rebenta de novo incendio na mina de petroleo Etna em Borislav, correndo o petroleo a arder para o rio.

18 Inglaterra — E' destruido por um incendio a fabrica de papel «Londres» de Londres.

20 França — Um violento incendio destroe a fabrica de chapéus Cangenhagen, ficando 1.200 operarios sem trabalho. — *Suissa* — Na occasião da manipulação da dynamite para os trabalhos do caminho de ferro de Bulle e Montbovon, dá-se uma terrivel explosão que mata tres operarios e fere muitos outros. — *Hespanha* — Ao entrar no porto de Barcelona por causa do temporal chocam-se os vapores «Manoel Calvo» e «José Roca», indo este ultimo a pique.

21 Inglaterra — Dá-se uma explosão n'uma

caldeira da fabrica Tupper em Bilston occasionando duas mortes e nove feridos. — *Hespanha* — Em Murcia, as ratazanas roem a canalisação do gaz produzindo uma forte explosão de que resultou alguns ferimentos. — *Estados Unidos* — Dá se um choque de um comboio de operarios com uma machina, motivado pelo desgelo na linha do norte no estado de Washington, occasionando doze mortes e doze feridos. — *Suissa* — Sente se em Davos um tremor de terra que dura dois segundos.

22 Martinica — Dá-se uma nova erupção na sulphureira de S. Vicente, cahindo chuva de areia sobre Chateau-Bel-Avó.

24 Carolinas — Sente se um violenro tremor de terra em Charleston causando danos consideraveis.

26 Italia — Rebenta uma erupção no vulcão Stromboli. — *Inglaterra* — Declara-se um incendio que toma enormes proporções por causa do vento nos estaleiros, hangares e docas de Plymouth, destruindo grande quantidade de mercadorias.

27 Inglaterra — Um pavoroso incendio apodera-se do asylo de mulheres alienadas em Colweyhatch, perto de Londres, perecendo no fogo umas 30 mulheres. — *Prussia* — O principe Wolfgang Stolberg, filho primogenito do fallecido principe Alfredo, é encontrado morto por um tiro de espingarda no parque do seu castello de Rotleberode.

28 Estados Unidos — Dá-se um choque de comboios em Dunellin causando mais de cincoenta mortes.

31 França — Sente-se um tremor de terra em Tarbes. — *Italia* — O Vesuvio está em plena erupção. Sente se um forte tremor de terra em Milo, Acierabe e em Catanea.

FEVEREIRO **1 Hespanha** — Em Azagra desmoronam-se as montanhas que rodeiam a povoação desprendendo enormes pedras que destroem varias casas pondo os habitantes em fuga para os campos. — *França* — E' destruido por um incendio o Hotel du Palais de Biarritz, resultando perdas enormes.

3 Hespanha — Abate o tecto da sacristia do convento de Ciudad Real, envolvendo nos escombros tres freiras, uma das quaes morreu ficando as outras feridas.

4 Hungria — E' destruido por um incendio o palacio da companhia de seguros New-York em Buda-Pest. — *Africa* — E' destruido por um incendio a secretaria do governo geral de Argel, produzindo estragos consideraveis.

6 Jamaica — Sente-se um forte abalo de terra a oeste.

8 França — Sente-se um violento tremor de terra acompanhado de ruido subterraneo, em Brest. — *Taiti* — Um horrivel furacão devasta 80 ilhas do archipelago da Sociedade, no Pacifico, matando mais de 1000 indigenas.

9 Portugal — Um incendio destroe um dos pavilhões da Escola do Exercito em Lisboa produzindo bastantes prejuizos. — *Oceania* — Caem um medonho cyclone nas ilhas de Tuamotu.

10 Sicilia — Sente-se um forte tremor de terra em Modica.

11 França—Um terrível incendio destroe a importante fabrica de oleos Rocca que empregava 100 operarios. As perdas são avaliadas em milhão e meio de francos.

13 Republica Argentina—A intendencia da marinha em Buenos Ayres é destruida por um violento incendio.

14 Inglaterra—Um violento incendio destroe os armazens Mac-Connel, em Cambridge; produzindo perdas no valor de 80:000 libras.

15 Inglaterra—Dá-se uma explosão na fabrica de cartuchos do arsenal de Woolwich, em Londres ficando 3 homens mortos e 6 feridos.

16 Carolinas—O vapor *Olive* afunda-se em consequencia de uma tempestade, afogando-se 18 pessoas.

18 Brazil—Afunda-se na barra do Amazonas o paquete inglez *Kelvinsida*, perecendo nove pessoas incluindo o commandante.—**Hespanha**—Um terrível cyclone occasiona a perda de alguns barcos de pesca, avarias em alguns edificios e arrancando muitas arvores e postos telegraphicos, havendo muitas pessoas feridas por vasos de flores que cahiram das janellas.

19 Italia—Em Veneza, na occasião da vassante, o mar retira-se com tal intensidade que deixa sem agua todos os canaes, inclusive o grande Canal. Os alicerces das casas ficam a descoberto e as gondolas são subitamente levadas na maré, ficando em secco.—**Escossia**—Rebenta um pavoroso incendio no grande deposito de naphta, resina e essencias de oleos em Glasgow, que correram inflammados para o porto ateando outro incendio e produzindo estragos consideraveis.

20 Estados Unidos—Um violento incendio destroe o hotel Clifton matando 20 pessoas e ferindo 40 entre 120 que ali estavam alojadas.

22 França—Uma violenta tempestade assola o Mediterraneo, muitos navios dão á costa em Marselha e no estreito de Bonifacio.

25 Hespanha—Sentem-se varios tremores de terra em toda a região de Alicante.

26 Portugal—E' victima de um choque entre dois carros da tracção electrica e um trem a filha mais nova do sr. conde de Castello de Paiva, morrendo instantaneamente.—

Estados Unidos—Um grande incendio destroe os theatros Fike e da Opera de Cincinnati e varios predios vizinhos cujos prejuizos são avaliados em 3 milhões de dollars.—**Hespanha**—Um violento incendio destroe a povoação de Mongani.—**Haiti**—Um incendio destroe Port-de-Paix salvando-se apenas os edificios da companhia Haitiana.

27 Inglaterra—Desencadea-se uma violenta tempestade nas costas das ilhas britannicas, ficando as communicações totalmente interrompidas e desabando muitas casas e edificios publicos em Liverpool que feriram 15 pessoas.

28 Hespanha—Paira sobre a Corunha um cyclone que causa grandes danos, derrubando chaminés, e arvores, ficando muitas pessoas feridas e perdendo-se muitos barcos.—**Nova Escossia**—Um enorme incendio des-

troe a fabrica de biscoitos em Halifax e 12 predios de casas produzindo estragos no valor de 250:000 dollars.

• • •

Acontecimentos mundanos e artisticos

JANEIRO.—**2 Portugal**—E' inaugurado solemnemente no Porto o Dispensario para tuberculosos no edificio que pertencia ao Real Hospital de Creanças Maria Pia, presidindo a sessão o bispo do Porto.

3 Republica Argentina—O dr. Quirino Costa, vice presidente da republica, inaugura em Barcelona a exposição dos productos nacionaes.

4 Portugal—Começam os trabalhos de construcção da Avenida Ressano Garcia, em Lisboa, no troço comprehendido entre a Praça Duque de Saldanha e Campo Pequeno, ficando assim aberta a communicacão directa entre a Avenida da Liberdade e o Campo Grande.

—**França**—Gomez Carrillo, correspondente do *Liberal* de Madrid, em Paris, é desafiado pelo advogado Ostarelo a proposito da denuncia dos Huberts, que accita.—**Italia**—Reune-se pela primeira vez em Roma a commissão biblica recentemente nomeada pelo Papa e composta de cinco cardeaes.—**Inglaterra**—Realiza-se em Londres na igreja de Saint-Georges, o casamento de Mr. Brodrik, ministro da guerra, com Miss Stanley.—**Suissa**—O principe herdeiro da Saxonia faz notificar á princeza sua mulher, por intermedio do sr. Bothe, consul da Allemanha em Genebra, o seu requerimento juridico de separação de pessoas e bens.

6 Portugal—E' inaugurada em Gouveia a luz electrica.—**Austria**—O advogado Ofenheim representante do ex-archiduque Leopoldo demitte-se d'estas funções.—**França**—O ministro das colonias cria junto do jardim de ensaios de Libreville, no Congo, uma escola indigena para o ensino de agricultura pratica.—O sr. Bachelet inventa um freio automatico afim de evitar os choques e descarrilamentos em comboios.

7 França—A censura theatral prohibe a representacão do drama em cinco actos intitulado «Os milhões de Thereza» (historia do caso Humbert) no theatro «Bouffés du Nord» prohibindo tambem nos cafés-concertos algumas canções allusivas ao mesmo assumpto.

8 Portugal—E' proferido no tribunal do commercio a sentença no processo promovido pelo sr. Marquez do Fayal contra a firma Henry Burnay & C.^a, sendo esta ultima absolvida.—**Italia**—O operario Barabnis, dos estaleiros de Spezzia, inventa um apparelho que indica o ponto onde o navio se submergiu, permittindo polo a nado.—**Suissa**—A princeza real da Saxonia interna-se no sanatorio de Hetavie perto de Nyon.

9 Italia—O escriptor d'arte Chiapelli julga poder affirmar que uma das figuras de um antigo fresco do pintor Orcagni, existente na ca-

pella Strozzi, da igreja de Santa Maria Novella, em Florença, e representando o paraizo, é o retrato authentico de Dante, o unico que chegaria assim até nós — *França* — O professor Soru-
vania da universidade de Paris descobre o microbio da raiva.

10 *Hespanha* — São disparados tiros sobre as carruagens da comitiva real, sem consequencias. — *Italia* — O papa encarrega o cardeal Vanutelli de estudar o caso do conflicto conjugal do principe herdeiro da Saxonia. — O principe Renier de Bourbon, filho do Conde de Caserta, irmão do principe das Asturias, entra para a Companhia de Jesus, apesar da viva opposição de seu pae. — *Belgica* — O rei da Belgica offerece doze mil francos á escola de medicina tropical de Liverpool para ajudar o inquerito dos meios para combater a malaria.

11 *França* — Realiza-se em Paris a audiencia do julgamento do processo intentado por Cattani contra a familia Humbert por diffamação. — Os representantes das companhias de navegação para a Africa do Sul, decidem diminuir o preço dos fretes para Lourenço Marques e fazer reduções proporcionaes para outros pontos do norte e Port-Elisabeth. — *Saxe* — O tribunal especial de Dresden pronuncia a sentença de divorcio entre a princeza e o principe da Saxonia por adulterio. A princeza é declarada criminosa e condemnada nas despezas do processo. — *Italia* — Abertura em Milão do congresso das associações dos livre-pensadores italianos, assistindo varios delegados hespanhoes.

12 *Monaco* — Desapparecem mysteriosamente de Monte-Carlo dois grão duques russos, um par do reino inglez e tres personagens estrangeiros de alta cathogoria. — *Estados Unidos* — O *trust* da navegação encomenda mais doze novos paquetes de dez a doze mil toneladas nos estaleiros de Inglaterra e dos Estados Unidos. — *França* — Reune-se officilmente pela primeira vez a Academia dos Goncourt composta de dez membros. — *Belgica* — Forma-se em Antuerpia um novo *trust* de navegação para o rio da Prata.

13 *Estados Unidos* — Accentua-se a escassez de carvão em New York e seus portos.

14 *Estados Unidos* — Os engenheros H. Palmer e Cleveland descobrem um electographo, aparelho transmissor de desenhos pelo telegrapho.

15 *Hespanha* — Constitue-se em Madrid um syndicato para compra de francos, sendo constituido pelo Banco de Hespanha e pelas companhias de caminhos de ferro do Norte, Meiodia e de Andaluzia, podendo inclusivamente entrar para elle quaesquer entidades que o pretendam. — *Inglaterra* — Abertura da primeira exposição de automoveis em Earl's Court de Londres. — *Portugal* — Regressam a Lisboa a bordo do transporte *Africa* uma parte da expedição que entrou na campanha do Barué.

16 — *Suissa* — A policia de Genebra prende por *escroquerie* o principe russo Nokaschidye, que conseguira evadir-se do paiz natal, onde fôra condemnado á morte por ter toma-

do parte n'uma conspiração contro o tzar. — *Portugal* — Apparecem as primeiras andorinhas em Arrentella.

17 — *Italia* — O cardeal-bispo Serafino Vanutelli é nomeado successor do cardeal Parocchi no cargo de secretario da sagrada congregação da Inquisição.

18 — *Brazil* — Algumas fabricas de assucar no Rio de Janeiro suspendem a laboração por causa da baixa dos preços. — *China* — O principe Tuan e o encarregado de negocios da Allemanha inauguram em Pekin o arco do monumento expiatorio erigido á memoria do barão Kettéller, assassinado pelos boxers quando ministro da Allemanha na China. — *Estados Unidos* — Funda-se em New-York um *trust* com o capital de 500:000 dollars, que tem por objecto monopolisar a venda de macacos, papagaios e aves exoticas. — *Turquia* — Quinze bandidos atacam a tiro, proximo de Mandrajick, na Salonica, um comboio expresso, que foi attingido por cinco balas.

22 — *Italia* — O engenheiro Fauca, de Napoles, utilizando as experiencias de Hertz sobre phenomenos opticos, descobre um aparelho que transforma a energia solar n'uma corrente alternada de tensão de 109 «volts».

23 — *Portugal* — Realiza-se com todo o ceremonial a entrega ao campo entrincheirado de Lisboa dos fortes de Alpena e da Raposeira, na Trafaria, e a inauguração dos trabalhos para o quartel que ali se vae construir. — E' encontrado morto em sua casa, em Lisboa, o popular José Augusto, prégador de sermões nas praças publicas. — *Estados Unidos* — O estado maior do navio de guerra *Vernon* inventa um novo torpedo com a velocidade de 36 nós e que attinge 2:700 metros

24 — *Estados Unidos* — Experimenta-se em Sandy-Hook um canhão monstro, de 406 m/m que lança um projectil de 1:100 kilos a 32 kilometros de distancia. — *Irlanda* — Na prisão de Malgborough, um preso, deita uma substancia toxica na comida de 120 condemnados; que ficam em estado grave de envenenamento.

25 — *França* — Diversas congregações francezas obteem do tzar auctorização para se estabelecerem na Siberia.

29 — *Philippinas* — Os bandidos derrotam em Bolivar, na provincia de Lanobales, um destacamento militar matando tres officiaes americanos. — *Hungria* — O archiduque Eugenio, irmão da rainha de Hespanha, decide renunciar ao titulo e prerogativas para esposar a filha de um commerciante de Vienna.

28 — *Brazil* — Completa 95 annos de fundação a marinha mercante nacional.

29 — *Estados Unidos* — O millionario Rockefeller cria um premio de sete milhões de dollars para a descoberta do remedio contra a tuberculose. — *Italia* — O dr. Fizzoni, professor da universidade de Bolonha, crê ter descoberto o serum contra a pneumonia. — E' inaugurada na sala do conselho provincial de Roma, em presença do governo, a estatua do rei Humberto. — *Saxe* — Reune-se em audiencia secreta o tribunal especial de Dresde encar-

regado de julgar o litigio matrimonial do principe e da princeza da Saxonia.

30 — Italia—A camara dos deputados vota uma ordem do dia applaudindo os trabalhos de Marconi sobre o telegrapho sem fios.

FEVEREIRO — 2 — Portugal — Abertura solemne do primeiro congresso maritimo nacional na Sociedade de Geographia de Lisboa.

3 - Hespanha — Tres barqueiros assaltam o vapor francez *Phoque*, no Ferrol, para roubar a pescaria, encerrando nos camarotes os tripulantes na occasião em que dormiam.

4—Allem nha—O dr. Bazinsky, de Berlim, declara ter descoberto o sôro prophylatico contra a febre escarlatina.

14 França — Batem-se em duello á espada em Combevoi, Hax-Regis e Laberdosque, recebendo o primeiro uma ferida penetrante no antebraço direito e batendo-se em seguida á pistola com Landan, trocando-se duas balas sem resultado.

15 Portugal — E' aberto á exploração o novo ramal de Silves a Portimão — *Estados-Unidos* — Estabelece-se em Hoboken um *trust* de caridade organizado por Carnegie o rei do aço para administrar os numerosos estabelecimentos de utilidade publica que elle tem fundado com os milhões que lhe tem dado o aço. Um outro *trust* do mesmo genero com o capital de dois milhões é fundado por Georges Hospkins.

17 França — Abertura nas galerias Durand-Ruel, de Paris, a 4.^a exposição da nova socie-

dade de pintores e esculptores presidida por Gabriel Hourey.

18 Suissa — O conselho federal abre um concurso para um monumento erigido á União Postal Universal, sendo o premio no valor de 15:000 francos, podendo concorrer os artistas de todo o mundo.

19 Australia — Batem-se em duello o barão de Fejervary, ministro da defeza nacional do Estado hungaro e o deputado Lengyel, ficando o primeiro ferido tres vezes na mão direita.

20 Italia — Começam os festejos solemnizando o vigesimo quinto anniversario da eleição de Sua Santidade Leão XIII para o pontificado.

21 França — A familia Humbert é absolvida da accusação no processo promovido por Catani, sendo apenas condemnada nas custas.

23 França — O dr. Koch é eleito membro estrangeiro da Academia das Sciencias para o lugar de Virchow.

25 Hespanha — Dão-se graves tumultos em Vigo entre o povo e a policia, resultando bastantes ferimentos graves e uma morte, pedindo o alcaide a sua demissão.

26 Portugal — Partiu para o estrangeiro a bordo do hiate real *Amelia*, a rainha D. Amelia.

27 Estados-Unidos — E' preso em Yndianopolis, Alberto Knapp, que confessa ter casado cinco vezes desde 1893, tendo assassinado todas as mulheres. — O medico americano Adolphe Raziag descobre a cura da lepra.



NECROLOGIA

JANEIRO—1—CEZAR DE LACERDA, 73 annos, em Lisboa, conhecido actor e escriptor theatral.

1—MARQUES GUIMARÃES, no Rio de Janeiro, almirante e director da Escola Naval.

1—JOÃO CARLOS GALHARDO, em Lisboa, distincto pintor portuguez.

2—MIRANDA REIS, no Rio de Janeiro, marchal.

3—BISPO DA GUARDA, D. Thomaz Gomes de Almeida, 67 annos, na Guarda.

5—D. PRAXEDES MATEO SAGASTA, 75 annos, em Madrid, chefe do partido liberal, tendo sido por varias vezes presidente do conselho de ministros do seu partido.

7—PIERRE LAFFITE, 74 annos, em Paris, um dos mais celebres propagandistas da philosophia positiva.

9—THEREZA GARIBALDI, 66 annos, na ilha de Caprena, filha do general José Garibaldi, o heroe da independencia italiana.

15—GOUBET, em Paris, engenheiro, auctor do submarino que tem o seu nome.

15—CARDEAL PAROCCHI, 70 annos, em Roma, sub diacono do Sacro Collegio.

17—D. RAMON TORRÍJÓs, bispo de Badajoz, em Madrid.

28—ROBERT PLANQUETTE, 53 annos, em Paris, notavel compositor de operettas entre

as quaes a mais celebre os *Sinos de Corneville*.

28—AUGUSTA HOLMES, 53 annos, em Paris, inspirada poetiza e distincta compositora musical.

FEVEREIRO — 2 — FREDERICO DELBRUCK, 85 annos, em Berlim, actual ministro do governo allemão. Importante homem de Estado, tendo sido encarregado de numerosas missões politicas. Foi em 1870, quem preparou e fez aprovar a constituição do novo imperio.

7—KARAVELOFF, em Sofia, antigo presidente do conselho de ministros bulgaro.

9—DUQUE DE TETUAN, em Madrid, uma das personalidades mais em evidencia e mais respeitadas no mundo politico.

10—MARQUEZ DE FRONTEIRA, 73 annos, em Lisboa.

14—ARCHIDUQUEZA ISABEL D'AUSTRIA, 72 annos, em Vienna, mãe da rainha de Hespanha, D. Maria Christina.

17—PRINCIPE DA MINGRALIA, Nicolau Davidovitch ou Dadian, 57 annos, em S. Petersburgo, major general russo e ajudante de campo do imperador.

18—PRINCIPE KOMATSU, em Yokohama, representante do Mikado na coroação de Eduardo VII.

22—VICTOR MEIRELLES, 79 annos, no Rio de Janeiro, celebre pintor brasileiro. Produziu

varios quadros de valor, entre elles o mais notavel, o panorama circular da cidade do Rio de Janeiro.

26 — EUSEBIO BLASCO, em Madrid, conheci-

do escriptor hespanhol, redactor do *Heraldo*.

28 — LAUREANO FIGUEIROLA, em Madrid, ex-ministro de fazenda na situação de Sagasta em 1868, defensor da theoria livre-cambista.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de Janeiro e Fevereiro

JANEIRO — 10 — O SOLAR DE BENTLEY, comedia ingleza de Tom Taylor, traduzida pelo sr. Manuel de Macedo (Theatro de D. Maria).

26 — FOGUEIRAS DE S. JOÃO, drama em 4 actos, de Sudermann (Theatro D. Amelia).

31 — OLHO DA RUA, revista do anno de 1902, original dos srs. Camara Lina e Mello Barreto, com musica dos maestros Thomaz Del Negro e Nicolino Milano (Theatro da Rua dos Condes).

31 — BOUBOUROCHE, comedia em 2 actos, de Georges Courteline, traduzida pelo sr. Moura Cabral (Theatro de D. Maria).

31 — CRIME DE AMOR, drama em 2 actos, original do sr. Jorge Santos (Theatro de D. Maria).

31 — MANHÃ DE SOL, peça em 1 acto, original do sr. Fausto Guedes (Theatro de D. Maria).

FEVEREIRO — 7 — CABEÇA DE BURRO, comedia allemã, traduzida pelo sr. Xavier Marques, (Theatro do Gymnasio).

11 — POUCA Sorte, (*La Carotte*), comedia franceza de George Berr, Deline e Guillemand, traduzida pelo sr. João Costa (Theatro D. Amelia).

21 — OS 40 DIAS DO CAPITÃO, opereta de Letterier e Vanloo, traduzida pelo sr. Souza Bastos (Theatro da Avenida).

27 — MINISTRO D'AGUA FURTADA, comedia em 3 actos, original do sr. Eduardo Coelho (Theatro do Gymnasio).

27 — PATRIA, peça maritima e militar arranjada pelo sr. Tito Martins com musica do sr. Luiz Gallo (Theatro do Principe Real).

28 — O PAÇO DE VEIROS, peça em 3 actos original do sr. Julio Dantas (Theatro de D. Amelia).

28 — MENSAGEIRO DE PAZ, comedia em 1 acto arranjada do hespanhol pelo sr. Christiano de Souza (Theatro de D. Amelia).

28 — AO TELEPHONE, peça de André de Lordes e Charles Foley traduzida pelo sr. Eduardo Victorino (Theatro de D. Maria).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de rocessos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

O retrato photographico

Sob este titulo encontramos um interessante artigo no jornal *Ombres et Lumierés*, devido á auctorizada penna de mr. R. Durhkoop que não nos podemos furtar ao ensejo de transcrever, pois que encerra não só conhecimento da materia em larga escala mas ainda de cuja leitura podem colher conselhos muito uteis não só os amadores que se dedicam a este genero de trabalho mas tambem os profissionaes :

«As reproducções de quadros, que fiz bastantes vezes em Hamburgo, ensinaram-me como os artistas teem por habito collocar os personagens que são expostos na tela, como em logar de fundos claros de que habitualmente se servem os photographos elles utilizam os fundos com contrastes vigorosos, e como elles illuminam o modelo a reproduzir A maior parte dos photographos illuminam o modelo de alto e de lado a 45 0/0, os pintores utilizam toda a luz ora baça ora brilhante com que a natureza rodeia os seres humanos. Estudei uma grande quantidade de reproducções

dos velhos mestres hollandezes : Franz Hals, Rembrandt, Van Dick, Rubens assim como depois Durer, Van Eyk, e mais tarde Lehnbach etc.; e é d'aquella forma que elles procedem.

Entre os mestres, os fundos não são cheios de cousas inuteis, não ha ali espaço perdido como nos retratos foscados, onde muitas vezes se encontra n'uma gigantesca folha de papel uma cabeça minuscula. Na maior parte dos casos o olhar encontra-se dirigido para o observador sem este ar de amabilidade forçada que torna muitas vezes ridiculo o retrato photographico. Não se vê poses convencionaes que dão ao aldeão o aspecto de caixeiro viajante ou egualam uma mundana a uma princeza.

Se o ideal da arte em photographia consiste em apresentar os personagens no meio que lhes é habitual, commette-se em muitos casos faltas bastante graves sobretudo logo que não se trate de bustos mas de figura completa.

Os fundos são sempre convencionaes os mais impossiveis : jardins de inverno, templos

de fadas, palacios, kiosques, e Deus sabe quantos mais, rodeiam o desgraçado mortal que se confia ao retratista. Se nos seculos futuros apparecerem alguns vestigios de photogrammas dos nossos dias, os nossos descendentes ficarão decerto estupefactos da quantidade de castellos tyroleses e outros accessorios de theatro que circumdaram os seus antepassados!

Que differença com as producções dos pintores da melhor época, que apresentavam os seus modelos da maneira a mais logica, exactamente no meio que lhes convinha.

Comprehendem-se perfeitamente os aperfeiçoamentos dos meios opticos e chimicos, mas contrariamente devemos reconhecer que o lado esthetico é lamentavel; illuminação do *atelier*, retoque exagerado, *poses* ridiculas, fundos antinaturaes, impressões sobre papeis brilhantes, etc. etc., são estes ainda hoje maus processos empregados n'um consideravel numero de *ateliers* que se intitulam artisticos.

Póder-se-ha proceder a uma transformação a estes casos?

Póde-se fazer retratos sem todos estes accessorios que hoje se consideram absolutamente necessarios? Respondo a estas perguntas com um *sim* energico.

E' necessario que o photographo não deva como até aqui esperar o seu cliente entre quatro paredes. E elle deverá em primeiro logar estudar a luz das casas vulgares, mesmo nos logares que até então lhe pareçam os menos apropriados para ali fazer algumas poses de estudo e formar o seu juizo sobre os interessantes effeitos de luz que nos offerecem os interiores.

Mas é necessario igualmente examinar a luz dos outros logares onde por habito se encontram os seus modelos. Póde-se fazer retratos em toda a parte, dentro de casa, nas varandas, em plena atmosphaera, contra as paredes etc.: elles produzem uma impressão totalmente differente dos retratos tirados nos *ateliers* que por fim se tornam banaes e inspidos.

Se se evitar o retoque e se a impressão fôr feita em papel pelo processo do carvão ou da gomme bichromatada, vêr-se hão então apparecer retratos fieis que bem depressa agradarão ás pessoas de fino gosto e educação.

Muito bem, dir-me-hão, mas quantas provas se podem fazer n'um dia? Quanta despezas isto acarreta?

E' verdade, responderei, mas são estas precisamente as razões que nos devem dár a facilidade de valorisar as photographias. A prova isolada deve ter o valor d'um pequeno quadro. E' preciso renunciar á fabricação por duzia, e cada prova, deve, como na pintura, reflectir a individualidade do seu auctor.

Será desagradavel a mais de um photographo ter de ir á habitação particular do seu cliente, mas devemos tambem notar que o pintor, na miaor parte dos casos, é forçado a ir a casa das pessoas a quem tem de retratar. E' muito difficil obter a educação da vista para encontrar a luz conveniente nos interior-

res, mas consegue-se rapidamente se se dirigirem as observações n'esta ordem de ideas. E' verdade que não é cousa sempre muito facil, pois que só se poderá alcançar o bom resultado trabalhando com bom material, objectivas bastante rapidas, chapas orthochromaticas etc.

O melhoramento das condições as mais desfavoraveis é a menor das cousas de que o moderno photographo e realista se deve occupar. Torna-se-lhe então mais facil fazer algumas provas para exposições adoptando este genero como base do seu trabalho. Por este caminho o photographo tem a satisfação de produzir retratos que se distinguem completamente do genero stereotypo dos *ateliers* envidraçados. Pense-se bem no encanto intimo que terão estas provas quando se poder dizer que foram executadas debaixo do tecto da familia querida. Repito mais uma vez, podem-se fazer bellos retratos em todos os logares ainda que pouco illuminados. Naturalmente ter-se-ha de renunciar á luz convencional tão apreciada, e será necessario habituar-se a fazer retratos com a luz horizontal ou ainda vinda de baixo, como nos mostram os grandes pintores de uma maneira tão perfeita. Insisto sobre este ponto, que para se formar um sentimento artistico, não devemos tomar para exemplo senão os quadros ou gravuras de mestres e nunca photogrammas. Esta luz perpetua de alto e de lado, ou outras combinações similares nas exposições photographicas, são absolutamente velho processo. E' necessario que tanto o amator como o professional provido de um pouco de talento se esforce para trabalhar d'outra maneira. E' certo que com uma luz de interior resulta muitas vezes algumas durezas, mas pode-se remediar este mal se se fizér reflectir um pouco de luz nas partes que estão mais na sombra e empregando-se certos processos modernos, taes como a revelação vertical, o emprego do persulfato d'amoniaco etc, etc. Além d'isso os negativos imprimem-se muito melhor com o processo do carvão do que com os outros papeis para obter tons harmoniosos.

As pessoas distinctas estarão certamente em melhor disposição nas suas proprias casas que n'um *atelier* envidraçado, sem contar que para um grande numero, esta maneira de operar parecer-lhe ha bem mais confortavel. Alguns photographos abanarão a cabeça com um ar sceptico preferindo continuar os seus processos ordinarios, o que em verdade é bem mais facil do que emprehender um trabalho difficil e de difficil resolução.

Fallarei agora do retoque, este grande erro do bom gosto que é a principal causa da monotonia e da uniformidade das photographias. E' simplesmente ridiculo fazer desaparecer os traços caracteristicos que gravam de uma maneira inconcussa o drama da vida nas feições do homem e de querer produzir assim um rejuvenescimento que é uma mentira inutil. E' possivel que o retoque tenha sido n'algun tempo necessario (caso a discutir), actualmente não o é, pois que as chapas ortho-

chromaticas e os *films* nos proporcionam todos os meios de evitar a apparição de grãos, manchas de sarda, etc., etc., e se apesar de tudo ellas apparecem, o emprego discreto da raspadeira será preferivel ao enchimento a lapis dos espaços que apparecem entre estas manchas de qualquer natureza que sejam. O papel carvão reproduz na maior parte dos casos cousas semelhantes muito tenues, o mesmo succede com a impressão pelo processo da gomme bichromatada que é muito a recommendar. E' natural que na prova se deva attenuar imperfeições provenientes da impressão ou das chapas, mas para o resto deve evitar-se tanto quanto possivel o retoque.

Não é necessario comtudo fazer provas não retocadas para obter successo, mas todo o resto deve harmonisar-se de uma maneira habil para obter a approvação do publico intelligente.

Evite se em primeiro logar o emprego de fundos pintados de assumptos mais ou menos extravagantes, nuvens, cercaduras, etc., etc. São meios que constituem testemunhas indiscutíveis da pobreza de idéas na nossa profissão.

Actualmente encontra-se na maior parte das casas abastadas tapeçarias de um caracter sobrio que podem utilizar-se como fundos para fazer retratos de interior, não havendo, bastará o emprego de qualquer panno de mesa escuro, e pregal-o na parede, fazendo sempre o fundo tão escuro quanto possivel. O retrato da pessoa se destacará sobre um tal fundo d'uma maneira bem mais conveniente, emquanto que os fundos claros produzirão facilmente effeitos duros, fazendo mancha, e não dando á pessoa uma impressão de socego e intimidade.

E' para desejar que a educação do photographo se fizesse mais pelo lado individual. Cada artista pinta da maneira que lhe é propria. o photographo deve igualmente seguir as suas inspirações pessoaes. Cada exposição n'uma cidade deverá ter um aspecto differente. Um photographo, por exemplo, fará os seus retratos com tons avermelhados como se podem obter admiraveis com os papeis Pan ou Fanxé, outro empregará o antigo mas tão interessante papel arrowroot, etc., etc. Um bom photographo não deverá imitar o processo de outro mas diligenciar produzir effeitos originaes.

Antes de tudo evite-se expôr assumptos tendentes a produzir muito effeito, taes como bellezas feminis, veneraveis anciãos, actrizes em costumes, paysagens, lagos, etc., etc., e tudo quanto se vê em profusão nas exposições dos photographos de profissão.

Desgraçadamente o gosto foi totalmente corrompido durante estes ultimos dez annos; não desejamos vêr no retrato senão o muito bello ou violentas paixões, isto é, o *theatro*.

Só é artista o que sabe dár ás suas obras

uma individualidade propria, um espirito e uma vontade pessoal livre de toda a imitação desprovida de sentido.

E' igualmente artista o que trabalha sem fundo de lona e que sabe encontrar e dár ás suas idéas uma forma bella e verdadeira. Agora algumas observações sobre o aspecto exterior das provas. A pobreza de idéas creadoras no dominio dos retratos photographicos levou-nos a rodeal os de toda a especie de puerilidades que nada tem absolutamente de commum com o genero do retrato. Cartões gigantescos, de eterna côr cinzenta, emolduram sempre a prova; em seguida apparecem as molduras sobrecarregadas de ornamentos que, na maior parte dos casos, convem ao tom da prova como um socco dado n'um olho. E' precisamente nas molduras que se commettem as maiores faltas. E' aqui que a maior prudencia é necessaria se se quizer evitar o mau gosto. Nos ultimos tempos encontrou-se finalmente modêlos que contrastam com os ornamentos recocos, renascença, etc., etc., ficando n'um novo estylo de nobre simplicidade e não nas velhas e aborrecidas tradições.

Em todo o caso o retrato só por si é o assumpto principal deante do qual o resto se torna secundario. Todos os accessorios d'elle, seja por imitações ou por vinhetas copiadas ou pintadas, devem ser postos de parte.

Os retratos feitos como indico, não apresentarão seguramente a luz recebida de frente ou de alto que foi por muitos annos considerada como a unica praticavel, mas contraria á qual temos por habito vêr os nossos parentes e os nossos amigos. As durezas que poderão resultar d'esta luz podem ser sufficientemente suavizadas empregando na impressão o papel carvão que, como é sabido, não dá os detalhes inuteis tão exactos e tão nitidos como os papeis photographicos que habitualmente se empregam, podendo-se pôr de parte o retoque muitas vezes pernicioso. Faltarão necessariamente a estas provas o brilho de porcelana tão commum, mas ganhar se-ha em verdade vivida.

Os retratos feitos ao ar livre terão uma luz agradável, muitas vezes de um caracter cheio de encanto, logo que o local fôr judiciosamente escolhido.

A execução dos retratos sem atelier, no seio da familia, é uma tarefa verdadeiramente artistica e cheia de satisfação. Com a mudança de seculo deve igualmente produzir-se uma evolução no dominio do retrato photographico. As pessoas de fino gosto não se deixarão mais photographar contra fundos pintados de phantasias n'uma barraca envidraçada dando uma luz a que não estamos habituados na vida de todos os dias. Em logar do retoque desejar-se-ha o caracter e a verdade; é por estas razões que na execução dos retratos photographicos, a unica divisa boa é a seguinte: *Verdade e vida*.

A Feudataria

2 jogos de 52 cartas — não enaipada

Collocam-se na mesa quatro montes descobertos de doze cartas cada um. Em seguida distribue-se o resto do baralho em treze montes dispostos em semi-circulo sobre os quatro primeiros, no primeiro monte da esquerda collocam-se todos os *dois* no que se lhe segue todos os *tres* no immediato todos os *quatro* e assim successivamente até ao ultimo em que se collocam todos os *reis*. Os *azes* que apparecerem durante esta distribuição collocam-se sobre os quatro montes primitivos. O fim d'esta paciencia é formar hierarchias ascendentes a começar nos *azes* que já estão dispostos e nos que se juntarem a estes á proporção que apparecerem nos quatro primeiros montes, devendo estas hierarchias terminar em *reis*. Estas oito hierarchias podem ser compostas indistinctamente de cartas de diferentes naipes.

Para se conseguir este resultado tiram-se em primeiro logar as cartas collocadas sobre os quatro montes e que tenham logar sobre os que começaram em *az* e depois vão-se buscar ás que formam o semi-circulo; mas deve-se de preferencia alliviar os quatro montes. Portanto, não ha necessidade de terminar immediatamente as séries, sendo preferivel csperar que as cartas necessarias para a conclusão de cada série se apresentem ao de cima dos quatro montes primitivos.

Logo que se retira uma carta fica livre a que ella cobria e que se collocará immediatamente havendo logar, e da mesma forma os *azes* que desde que appareçam vão tomar o seu logar.

Consequindo-se collocar nos montes todas as cartas dos quatro montes e as do semi-circulo completando as oito séries começando em *az* e terminando em *rei* a paciencia considera-se realizada.

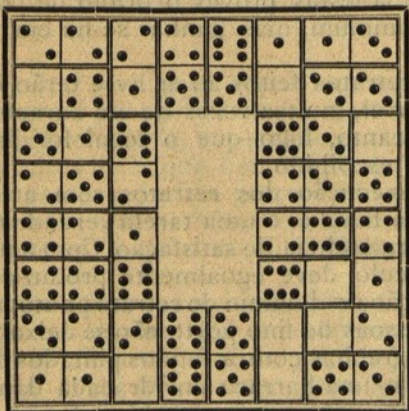
PROBLEMAS

Resoluções dos problemas do n.º 16

- N.º 43 — 56.
- N.º 44 — 2 7 12.
- N.º 45 — 3 0/0.

Resoluções do numero anterior

N.º 47 — Dominós



N.º 48 — Xadrez:

- BRANCOS**
1. P 8 B R — faz B
 2. R 6 R
 3. T 8 B Ra xeque e mate
2. T 1 Ra.
3. T 8 Ra xéque e mate.

- PRETOS**
- 1 R 1 Ra.
 - 2 R 1 R.
 - 1 R 1 R.
 - 2 R tira o B

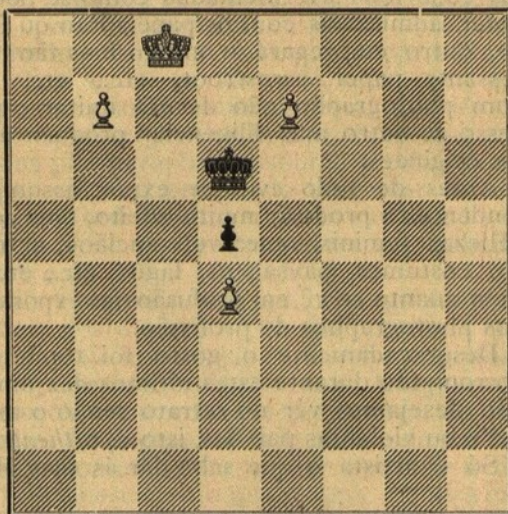
Num. 49.

Quando Jacob chegou ao Egypto, a sua familia compunha-se de 70 pessoas; 430 annos depois, os israelitas sahiram d'ali no numero de 660.000. Quantos por cento teve de crescer cada anno a descendenc'a do patriarcha, se fôr admittido para hypothese que sobre 1.000 pessoas, morrem em media 25 por anno?

Num. 50.

XADREZ

PRETOS (2 peças)



BRANCOS (4 peças)

Os brancos jogam e dão mate em três lanços

